

UBERABA-MG

2025

GUILHERME FAQUIM SIMÃO

EDUCAÇÃO E
SEXUALIDADE EM
NARRATIVAS
BIO:GRÁFICAS
ESCREVIVENTES:
A JORNADA DO
H(EU)RÓI



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



GUILHERME FAQUIM SIMÃO

**EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE EM NARRATIVAS BIO:GRÁFICAS
ESCREVIVENTES: A JORNADA DO H(EU)RÓI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Fundamentos e Práticas Educativas

Orientador: Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa

UBERABA - MG

2025

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S596e Simão, Guilherme Faquim
Educação e sexualidade em narrativas bio:gráficas escrevientes: a
jornada do h(eu)rói / Guilherme Faquim Simão. -- 2025.
144 f. : il., fig.

Tese (Doutorado em Educação) -- Universidade Federal do Triângulo
Mineiro, Uberaba, MG, 2025
Orientador: Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa

1. Educação. 2. Ambiente escolar. 3. Discriminação de sexo na educação.
4. Investigação narrativa (Método de pesquisa). I. Corrêa, Thiago Henrique
Barnabé. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 37



Ministério da Educação
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Uberlândia - MG

ATA DE DEFESA

Programa de Pós-Graduação:	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO			
Evento:	DEFESA DE TESE			
Data:	17/10/2025	Início em:	08h45	Término em: 12h00
Número de matrícula aluno:	2022.1004.0			
Nome do aluno:	Guilherme Faquim Simão			
Título do trabalho:	Educação e sexualidade em narrativas bio:gráficas escritas: a jornada do h(eu)rói			
Área de concentração:	Educação			
Linha de Pesquisa:	Fundamentos e Práticas Educativas			
Projeto de pesquisa vinculado:	O cotidiano escolar e a experiência docente na pesquisa narrativa			

Reuniu-se na sala <https://meet.google.com/ouz-njqz-gqh>, a Banca Examinadora, homologada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, para a defesa de tese de doutorado de: Guilherme Faquim Simão. O presente ato de defesa é parte integrante do processo para a obtenção do título de Doutor, porém não final, devendo o discente apresentar versão corrigida, segundo recomendações da banca e orientador e atender às demais exigências de conclusão do curso, estabelecidas pelo Programa em seu Regulamento. A banca foi composta pelos seguintes docentes: 1º Membro (Presidente/Orientador): Thiago Henrique Barnabé Corrêa (UFTM); 2º Membro (Titular): Luís Gustavo da Conceição Galego (UFTM); 3º Membro (Titular): Alisson José Oliveira Duarte (UFTM); 4º Membro (Titular-Externo): Luiz Paulo Ribeiro (UFMG) e 5º Membro (Titular-Externo): Tiago Zanquêta de Souza (UNIUBE). Ao iniciar os trabalhos, o presidente da sessão apresentou a Comissão Examinadora, o Candidato e o título da tese. O presidente agradeceu a participação dos examinadores e concedeu a palavra ao discente para exposição do trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do PPGE. A seguir, o presidente concedeu a palavra, pela ordem, sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Concluídas as arguições, que se desenvolveram dentro dos termos regimentais, o presidente da sessão solicitou que o candidato se retirasse da sala e voltasse em 15 (quinze) minutos. Permaneceram na sala apenas os examinadores. Em seguida, a banca deliberou e atribuiu o resultado, pontuando o ineditismo e a ousadia teórico-metodológica da pesquisa. O candidato retornou à sala e o presidente realizou a leitura da ata, que registrou o resultado da deliberação da banca, que considerou o candidato:

RESULTADO: APROVADO



Documento assinado eletronicamente por THIAGO HENRIQUE BARNABE CORREA, Professor do Magistério Superior, em 17/10/2025, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



Documento assinado eletronicamente por Luiz Paulo Ribeiro, Usuário Externo, em 18/10/2025, às 22:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



Documento assinado eletronicamente por Tiago Zanquêta de Souza, Usuário Externo, em 20/10/2025, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



Documento assinado eletronicamente por Alisson José Oliveira Duarte, Usuário Externo, em 24/10/2025, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



Documento assinado eletronicamente por LUIS GUSTAVO DA CONCEICAO GALEGO, Professor do Magistério Superior, em 24/10/2025, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1597013 e o código CRC 86CBDAE8.

Referência: Processo nº 23085.009183/2025-06

SEI nº 1597013

GUILHERME FAQUIM SIMÃO

**EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE EM NARRATIVAS BIO:GRÁFICAS
ESCREVIVENTES: A JORNADA DO H(EU)RÓI**

Data da aprovação: 17/10/2025

Membros da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Membro Titular: Prof. Dr. Luiz Paulo Ribeiro
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Membro Titular: Prof. Dr. Tiago Zankêta de Souza
Universidade de Uberaba (UNIUBE)

Membro Titular: Prof. Dr. Luís Gustavo da Conceição Galego
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Membro Titular: Prof. Dr. Alisson José Oliveira Duarte
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Programa de Pós-Graduação em Educação
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

No consultório do psicanalista moderno,
os estágios da aventura do herói ainda vêm de lume nos sonhos e alucinações dos pacientes.

Camada após camada de falta de autoconhecimento é penetrada,
exercendo o analista o papel de auxiliar, de sacerdote iniciatório.

E, sempre, passados os primeiros percalços da jornada, a aventura se desenvolve,
seguindo uma trilha de trevas, horror, desgosto e temores fantasmagóricos.

(Campbell, 2007, p.121)

Escrever é sempre gesto de encontro. Esta tese não é só minha: ela é feita de vozes, de presenças e ausências, de memórias que se entrelaçam às minhas.

Agradeço, antes de tudo, à minha família, que me ensinou os primeiros sentidos de cuidado e pertença. À minha mãe e ao meu pai, que me mostraram que o conhecimento só floresce quando há amor. Às minhas irmãs e sobrinho, pelo riso que alivia as horas densas. Às minhas avós, pela ternura que segue sendo farol.

A André, companheiro de vida, que caminhou comigo nos dias luminosos e nos dias de sombra. Sua escuta e sua paciência foram abrigo. Sua presença fez do percurso mais leve e mais possível.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, que me instigaram a pensar mais fundo e me ensinaram que a pesquisa também é prática coletiva. Ao meu orienta-dor, pela confiança, pela generosidade e pela liberdade que me concedeu para traçar minhas próprias rotas. À banca, por se colocar em diálogo e oferecer leituras que ampliam o horizonte.

Aos meus alunos, que tantas vezes se tornaram espelhos e mestres. A cada grupo, cada sala de aula, devo o exercício de estar em constante reinvenção.

E, por fim, agradeço ao h(eu)rói que em mim insiste: ao menino que escreveu por sobrevivência, ao homem que escreve por esperança, ao pesquisador que escreve para partilhar. Que essa escrita não seja ponto final, mas travessia.

RESUMO

A pesquisa insere-se na linha de pesquisa “Fundamentos e Práticas Educativas” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM), com foco no eixo “Espaços Educacionais e Processos Formativos”. A tese investiga a relação entre educação e sexualidade por meio de narrativas bio:gráficas escrevíveis, ancoradas na trajetória pessoal e profissional do pesquisador como educador, psicólogo e homem gay. Tendo como horizonte a teoria da Jornada do Herói de Campbell (2007) e Vogler (2015), adota-se uma metodologia narrativa que articula bio:grafia, ficção e análise crítica, conferindo visibilidade às experiências marginalizadas da comunidade LGBTQIA+ e promovendo reflexões sobre a construção de identidades, o enfrentamento do preconceito e a busca por práticas educativas libertárias. No desenvolvimento do estudo, evidencia-se o processo de autoconhecimento e as dificuldades vivenciadas em contextos escolares, marcadas pela heteronormatividade e pelos estigmas sociais relacionados à sexualidade. A escrita assume caráter transmidiático, incorporando referências da literatura, da música, do cinema e da animação japonesa. Embora a psicanálise constitua um eixo central de análise, o trabalho dialoga igualmente com outras linhas de investigação psicológica, em articulação com a filosofia, a educação e os estudos *queer*, compondo um quadro analítico plural. O cotidiano escolar é descrito como espaço permeado por resistências, discriminações e violências contra a diversidade sexual, mas também como lugar de acolhimento, de transformação e de construção do que se denomina *esper-ação*. A pesquisa enfatiza o papel do educador como agente que não apenas transmite conhecimentos, mas fomenta debates críticos e cria espaços seguros para o reconhecimento da diversidade. A partir das experiências clínicas e docentes do pesquisador, a tese aponta para possibilidades de superação dos condicionamentos socioculturais e de valorização da experiência como instrumento de aprendizagem e emancipação. Ao final, destaca-se a esperança crítica como força motriz da transformação, reafirmando que a educação, ao transformar sujeitos, contribui para a transformação social. Trata-se, assim, de um convite à celebração das diferenças e à construção de uma prática educativa que integre afeto, ética e política, reiterando o poder da escrita como gesto político, estético e pedagógico.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa; Jornada do Herói; Diversidade Sexual; Cotidiano escolar.

ABSTRACT

This research is part of the research line “Foundations and Educational Practices” of the Graduate Program in Education at the Federal University of Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM), focusing on the axis “Educational Spaces and Formative Processes.” The dissertation investigates the relationship between education and sexuality through bio:graphic *escreviente* narratives, anchored in the researcher’s personal and professional trajectory as an educator, psychologist, and gay man. Considering the Hero’s Journey theory by Campbell (2007) and Vogler (2015) as a guiding framework, a narrative methodology is adopted that weaves together bio:graphy, fiction, and critical analysis, giving visibility to the marginalized experiences of the LGBTQIA+ community and promoting reflections on identity construction, the confrontation of prejudice, and the pursuit of liberatory educational practices. Throughout the study, the process of self-knowledge and the difficulties experienced in school contexts—marked by heteronormativity and social stigmas related to sexuality—are made evident. Writing takes on a transmedia character, incorporating references from literature, music, cinema, and Japanese animation. Although psychoanalysis constitutes a central axis of analysis, the work also dialogues with other lines of psychological investigation, in articulation with philosophy, education, and queer studies, thus composing a plural analytical framework. School life is described as a space permeated by resistance, discrimination, and violence against sexual diversity, but also as a place of care, transformation, and the construction of what is termed *esper-ação* (hope-action). The research emphasizes the role of the educator as an agent who not only transmits knowledge but also fosters critical debates and creates safe spaces for the recognition of diversity. Drawing on the researcher’s clinical and teaching experiences, the dissertation points to possibilities of overcoming sociocultural conditioning and valuing experience as an instrument of learning and emancipation. In the end, critical hope emerges as the driving force of transformation, reaffirming that education, by transforming subjects, contributes to social transformation. Thus, this work becomes an invitation to celebrate differences and to build an educational practice that integrates affection, ethics, and politics, reiterating the power of writing as a political, aesthetic, and pedagogical gesture.

Keywords: Narrative research; Hero’s Journey; Sexual diversity; School daily life.

SUMÁRIO

PRÓLOGO: O pesquisa-dor se revela	11
PRIMEIRO ATO	29
Mundo Comum	30
Chamado à Aventura: no cotidiano da diversidade	40
Recusa ao chamado: seria minha vivência cotidiana digna de uma tese?	45
Encontro com o Mentor: os mentores abrem passagens...	51
A Travessia do Primeiro Limiar	63
SEGUNDO ATO	67
Provas, aliados e inimigos	68
H(eu)róis também choram	76
A Provação	82
Recompensa	91
TERCEIRO ATO	105
O caminho de volta	106
Ressurreição	117
Retorno com o Elixir	125
EPÍLOGO	133
REFERÊNCIAS	134

PRÓLOGO: O pesquisa-dor se revela

Era uma vez, um doce menininho que adorava dançar “É o Tchan” em festas de aniversário e se interessava por elementos não muito masculinos para sua época, como jogar bola, brincar de lutinha com amigos e falar sobre meninas durante o recreio. Jogos de videogame, sim! Amava as personagens femininas dos jogos de luta (Chun-li e Cammy de *Street Fighter*). Pelo contrário, esse menininho adorava falar sobre música e divas pop – meu pai me apresentou a Madonna, diga-se de passagem, pular elástico com as meninas no intervalo das aulas e comprar carimbos de personagens da Disney. Não lembro dos colegas homens fazendo nada próximo disso. Até hoje guardo uma diva pop dos anos 90-2000 e que perpasse os anos e continuo a admirar intensamente. Não, não é nenhuma diva internacional como se espera de um típico homem gay noventista – Britney Spears, Christina Aguilera e afins - é a SANDY! Quando rolava de imitar essa dupla de irmãos tão famosos no Brasil minha mente já ia bastante inclinada – quero imitar a Sandy com o microfone e tudo! Bons tempos!

As discussões sobre gênero e sexualidade ainda não fervilhavam como fervilham hoje; muito menos a noção de que brinquedos não têm gênero específico, que pessoas podem se identificar como não-binárias, e o poliamor é uma realidade bastante palpável e discutida, inclusive, por estudantes da Educação Básica que cursam o Ensino Médio. Sei disso porque rolaram assuntos como esse durante os estágios em Saúde Coletiva dos meus alunos do 6º período em escolas. Quando me apresentar propriamente vocês vão entender melhor quem sou.

Adianto que muitas questões exploradas nesta tese geram polêmicas e são de fato complexas, portanto, exigem de nós compreensão. Embora o tema sexualidade seja ainda um tabu para muitos indivíduos conservadores, não podemos esquecer que esse tema e, sobretudo, a homossexualidade (já sabem algo novo agora sobre mim – pasmem, sou gay 😊), não é um fenômeno isolado na espécie humana. Estudos no campo da biologia evolutiva (Gomez; González-Megías; Verdu, 2023) já relataram o comportamento homossexual em cerca de 1.500 espécies, desde mamíferos até vermes intestinais. Inúmeras teorias são propostas para justificar ou explicar esse fenômeno (consciente a nós; e para os outros seres que o pratica?). Contudo, não é objetivo desta pesquisa definir o que é sexualidade, mas sim pensar, como esse fenômeno atravessa e se relaciona com as pessoas, ecoando em sua formação humana.

As discussões sobre sexualidade e gênero vêm ganhando cada vez mais destaque nos âmbitos sociais, entrelaçando-se com a luta pelos direitos humanos e pela democracia no país. Os exemplos de conquistas nestes campos têm se tornado numerosos, como por exemplo: a aprovação pelo Supremo Tribunal Federal (STF) que pessoas transexuais possam retificar seu

nome sem necessidade de cirurgias (Brasil, 2018), os títulos acadêmicos e inserções na academia de pessoas LGBTQIAPN¹ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binário e o símbolo + enquanto demais expressões de subjetividades), no mercado de trabalho, discussões na literatura e destaque midiático relacionados à transexualidade e travestilidade, assim como a ampliação da legislação que versa sobre violência de gênero, raça e orientação sexual (Soares; Monteiro, 2019).

Permeadas as conquistas, ainda são percebidos movimentos contrários aos avanços supracitados: o número crescente de violência contra a população LGBT+ tem se tornado cada vez mais alarmante, sendo o Brasil o país que mais mata pessoas dentro desse espectro no mundo. Uma série de projetos que tramitam no Congresso Federal, Estadual e Municipal compartilham dos ideais do Projeto Escola Sem Partido (Moura, 2016), imputando restrições à abordagem da diversidade sexual e de gênero pelos formulários extrajudiciais contra a “ideologia de gênero” nas escolas.

Aqui mesmo, em Uberaba (MG), cidade que resido, sempre há situações desconfortáveis para a comunidade LGBT+ inclinados ao cenário político e a educação. Em 2022, um vereador “terrivelmente evangélico” proferiu diversos xingamentos em relação à comunidade supracitada ao relatar que “não iremos aceitar essa aberração dentro das escolas de Uberaba” em sessão ordinária da câmara, como nos aponta o jornal local (Marra, 2022). O vereador, que se autoproclama conservador e de extrema-direita a favor das famílias de bem, referia-se de forma desconexa e deturpada sobre a ideologia de gênero, assunto que até hoje é veiculado de forma bastante enviesada.

O mesmo vereador, também conhecido como pastor em minha cidade, foi apontado pela Polícia Civil como responsável pelo atropelamento de uma cadela, após inicialmente alegar que estaria como passageiro do veículo, versão posteriormente desmentida pelas investigações. Em entrevistas, admitiu dirigir sem habilitação, prática que descreveu como “muito comum” em sua rotina, mesmo exercendo mandato público e função pastoral. Para justificar o acidente, declarou que teria sido prejudicado pela intensidade do sol, pela movimentação do trânsito e pelo porte reduzido do animal. Diante da repercussão, chegou a apresentar uma nova versão dos fatos, em tentativa de minimizar a situação (Jornal Da Manhã, 2022). Até o presente momento não há registro de condenação judicial sobre esse caso.

¹ Respeitosamente, coloquei as siglas LGBT+ sempre que for representar a diversidade subjetiva de corpos e vivências que escapam à ordem cisheteronormativa.

Uma ideologia, retornando ao assunto anterior, pode ser entendida de formas variadas, destacando-se seis distintas: ciência que trata da formação de ideias; tratado de ideias de forma abstrata; conjunto de sistemas de valores sociais que reconhecem o poder econômico da classe dominante quanto à legitimidade dos ideais que refletem a ânsia por transformações radicais que dignifiquem a classe dominada ou o proletariado, segundo o marxismo e seus seguidores; doutrina que considera a sensação como fonte única dos nossos conhecimentos e único princípio das nossas faculdades; maneira de pensar que caracteriza um indivíduo ou um grupo de pessoas, um governo, um partido etc; conjunto de concepções abstratas que constituem mera análise ou discussão sem fundamento de ideias distorcidas da realidade (Michaelis, 2024).

De acordo com a pesquisa de Tony Reis e Egla Eggert (2017), foi percebida uma aliança entre evangélicos e católicos mais ortodoxos, e por que não religiosos fundamentalistas, bem como organizações conservadoras/reacionárias que defendem o mito da família tradicional, unidas em propagar informações distorcidas a fim de se impedir a equidade entre os gêneros e o respeito à diversidade sexual. Vou além: em um artigo encontrado pelos pesquisadores na página da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi percebida esse tipo de declaração: “os que adotam o termo gênero não estão querendo combater a discriminação, mas sim ‘desconstruir’ a família, o matrimônio e a maternidade e, deste modo, fomentam um ‘estilo de vida’ que incentiva todas as formas de experimentação sexual desde a mais tenra idade” (Reis; Eggert, 2017, p. 11). Algo bem próximo ao que o vereador uberabense defende.

Ao pesquisar sobre a PL 24.909 (que visava coibir a discriminação por orientação sexual no ambiente de trabalho) que o vereador tanto sinalizou em dezenas de seus vídeos pelo Youtube, encontrei no site uma petição pública atrelada a um abaixo-assinado contra esse projeto de lei e que nada tinha a ver com ideologia de gênero. Vejamos a imagem veiculada ao abaixo-assinado e uma das declarações públicas que seus assinantes escreveram. Inclusive com um erro de ortografia (Figura 1 e 2).



Figura 1: Abaixo-assinado contra a PLA 24.909. Fonte ².



Figura 2: Abaixo-assinado contra a PL 24.909. Fonte ³.

Uma seguidora da página citada e que havia assinado a petição pública em 2022, escreveu o seguinte excerto, e está lá para que todos possam verificar: “Sou totalmente contra esse projeto indecente... E contra as Leis Divinas. Por que essas pessoas, q pelo q vejo, são adeptas do comunismo, não vão colaborar com Venezuelanos, etc levando seus filhos pra esse projeto INDECENTE?”.

Confesso que ainda fico estarelecido quando vejo uma sopa de desinformação misturando tantos elementos e não falando nada com nada. E a escola? Será que tais desinformações também circulam do lado de dentro dos muros dessas instituições? Se pensarmos que as crianças trazem e reproduzem essa bagagem de casa, acredito que já temos uma resposta para essa indagação. Embora não seja intuito adentrar essa discussão, qual é o papel da escola na desnaturação de ideias (“valores e princípios” atribuídos ao santo/divino) que rejeitam, segregam e apagam o Outro? Qual o sentido de uma escola que ensina conteúdos disciplinares, mas não ensina a con-viver em harmonia (em amor) com o próximo? Como

² Disponível em: <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=Lefest>. Acesso em 05 out. 2024.

³ Disponível em: <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=Lefest>. Acesso em 05 out. 2024.

sempre diz meu orientador, “o modelo de escola que temos diz muito do modelo de sociedade que queremos”.

A escola não era preparada (possivelmente ainda não seja), pelo menos não as que frequentei, para lidar com questões relacionadas a gênero, sexualidade, *bullying* e preconceito. Então, só me restava tentar adequar-me ao meio. Jamais ouvi falar sobre orientação sexual e identidade de gênero durante meu Ensino Fundamental, só via algo longinquamente sobre órgãos genitais nas aulas de Biologia e olhe lá. Adaptações maciças vieram na tentativa de me encaixar: primeiro foi tentando empostar a voz e parecer socialmente mais másculo. Ao reanalisar essa frase, lembrei-me de bem jovem, cerca de 10-11 anos de idade, ser levado ao urologista pelo meu pai com a desculpa que ele percebia que eu não estava crescendo e que minha voz se mantinha fina, diferente dos garotos de minha idade. Claramente alvo de preocupação do meu pai – e de seus amigos, que, indiretamente, sinalizam descontentamento com meu jeito de ser e lhe falavam. Certa vez, um de seus amigos me disse, na ausência do meu pai, que eles se preocupavam comigo e que meu pai ficava triste com meu jeito de ser, e que eu pudesse ser mais “firme”. Hoje ele conta sobre situações do nosso passado fazendo graça e sem aparente incômodo, que os amigos me viam dançar e torciam o nariz. Provavelmente isso o incomodava outrora – nenhum pai quer que seu filho seja apontado como des-viado.

O médico urologista que fui levado prescreveu alguns exames e confirmou que havia pouco hormônio masculino, testosterona, em meu organismo, e recomendou algumas doses também do hormônio do crescimento (GH) para adequação hormonal e desenvolvimento saudável. Realmente cresci mais rápido, tive mais pelos e minha voz engrossou rapidamente. Mas não mudou minha orientação sexual! Continuei des-viado.

Para Donald Winnicott (1983), psicanalista inglês que descreve em sua teoria a importância do ambiente e as ressonâncias das falhas ambientais para o desenvolvimento saudável do indivíduo, se esse mesmo ambiente não é facilitador, a criança necessita criar um falso *self*. Ao invés de expandir sua real personalidade (seu eu real) e integrá-la a fim de ser ela mesma, por medo do desamparo e do sofrimento, cria uma “máscara” ou uma personalidade falsa para se adequar às expectativas dos outros (Silva; Lima, 2014). Assim, por medo de uma possível decepção do outro, maciças e repetidas adaptações vão sendo feitas, até que, para muitos, seja difícil saber o que é real ou foi forjado (Figura 3). Vejo isso diariamente no consultório, onde atuo como psicólogo clínico (grande entusiasta e aspirante a psicanalista), e já vi/vejo em mim esse funcionamento.



Figura 3: H(eu)rói evoluindo de criança para adolescente com medo das maciças adaptações.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA⁴).

Meu pai acredita até hoje que a orientação sexual é preconizada, em partes, por componentes genéticos, e sempre pontua que há vários homossexuais na nossa família em diferentes linhagens. Fala de forma leve e rindo sobre essa situação, sem demonstrar preconceito, vale dizer. Só para constar e sem pretensão de aprofundar na temática, mas a nível de curiosidade: a teoria genética da homossexualidade é estudada até hoje, e vem sendo bastante debatida em palcos científicos.

Em 2019 foi realizado o maior estudo até hoje sobre orientação sexual, cerca de 500 mil pessoas na Inglaterra, e divulgado em uma das revistas de maior prestígio científico do mundo, a *Science*. A equipe trabalhou com cientistas comportamentais e grupos de defesa de pessoas LGBT+. Segundo Benjamin Neale (2019), professor da Universidade de Harvard, geneticista e coordenador do estudo, pode-se explicar que cerca de 8% a 25% do comportamento entre pessoas do mesmo sexo poderia ser assinalado por questões genéticas, mas somente 5 variações genéticas se associavam genuinamente a questões homossexuais. Porém, juntas, explicam menos de 1% (BBC, 2019; Kaiser, 2019). Resumindo: não há possibilidade de se prever que alguém será homossexual, bissexual ou heterossexual somente pela variação genética e seu genoma, sendo um elemento que também coaduna com questões ambientais, culturais, e até inatas do indivíduo. Vou mandar esse estudo para o meu pai, posteriormente.

Retomando. Depois, comecei a alterar preferências de roupas (grande parte me espelhando em meninos populares da escola) e de artistas que eu “gostava” (divas pop e demais

⁴ Imagens geradas por prompts pensados a partir de pensamentos vindos ao longo da escrita das seções da Tese. Foi utilizado o ChatGPT versão pró.

ícones da comunidade LGBTQ+ foram sendo deixadas de lado publicamente por mim, embora em casa escutasse no último volume e sempre dançando ao ritmo frenético da música); depois, colocando-me junto aos outros meninos na hora do futebol (e falhando miseravelmente novamente, já que eu era péssimo em qualquer esporte na época e sempre era o último a ser escolhido), e, por fim, articulando e performando ao máximo como seria ser um menino comum e que não fosse “zoadado” diariamente. Tentava articular sobre o interesse em meninas com os outros meninos (de forma bastante eletiva buscava até ser grosseiro e machista a fim de demarcar a total performance hétero-masculina) e entoava palavras como: “essa é gostosa! Nossa, que gata! Olha o tamanho dessa bunda!”. Percebia internamente o quão falso isso soava, mas não havia ainda elementos internos que sustentassem outras possibilidades. Uma ligeira vergonha percorreu meu ser quando me lembrei disso agora. E uma certa tristeza também. Evidentemente, aquele menino não estava feliz sendo quem era naquele momento.

Interessante pensar como a heterossexualidade compulsória se torna um imperativo de modelo a ser seguido e perpetuado, tomado como norma e padrão. Para Adrienne Rich (1929-2012), poeta, ensaísta e teórica feminista norte-americana de grande relevância no século XX, essa heterossexualidade compulsória é introduzida como padrão obrigatório, criando uma pressão cultural e social para que mulheres se conformem a esse modelo (Rich, 1980). O conceito cunhado por Rich se aplica a qualquer forma de subjetividade que não seja heterossexual.

E era bem isso mesmo que acontecia: não havia a possibilidade de eu me imaginar não sendo hétero, e para isso, a performance precisava existir. Como sinaliza Judith Butler, filósofa e teórica feminista estadunidense, reconhecida mundialmente por suas contribuições à teoria queer: “O gênero é a repetição estilizada de atos no interior de um quadro regulador altamente rígido, o qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma espécie natural de ser.” (Butler, 2003, p.59).

Nesse trecho, a autora evidencia que o gênero não é uma essência, mas um efeito produzido pela repetição de atos regulados socialmente. Essa repetição cria a ilusão de naturalidade e estabilidade identitária, logo, surge a premissa: encaixar ou sofrer. A importância dessa formulação é que abre espaço para pensar o gênero não como algo fixo, mas como passível de deslocamentos, resistências e subversões. Ao compreender o gênero como performance, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e passa a ser reconhecida como um lugar de produção de identidades. Isso implica que práticas pedagógicas

inclusivas devem questionar os atos repetidos que naturalizam hierarquias de gênero e abrir espaço para expressões outras (Butler, 2003).

Para Albert Bandura (1977), teórico do desenvolvimento e que cunhou a Teoria da Aprendizagem Social, as pessoas adquirem novos comportamentos e atitudes por meio da observação, imitação e da modelagem de ações de outras pessoas, normalmente modelos com relevância no meio que vivem (pais, cuidadores, entes próximos, familiares, amigos, referências na mídia). Assim, o preconceito e comportamentos discriminatórios, sexistas, misóginos e tantos outros de cunho pejorativo poderiam ser aprendidos também por essa maneira, e perpetuados por gerações. Tais comportamentos podem ser potencialmente reforçados se forem vistos como naturais e socialmente aceitos.

Por não ser um processo estanque, a aprendizagem também necessita de um elo ativo do aprendente para ser introjetada, ou seja, é um processo ativo de construção. Dessa forma, uma pessoa só imitará a outra se estiver motivada a fazê-la por recompensas sociais ou aprovação (Bandura, 1977). Era meu caso. Na tentativa de introjetar modelos padronizados do que se esperava de um garoto ou adolescente “normal”, fui mobilizando cópias e as introjetando a fim de que um dia isso pudesse verdadeiramente fazer parte de mim. Fracassei... e ainda bem. Ratificando Caetano Veloso (1986) em sua música ‘Dom de Iludir’, penso: “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.”

Quando me recordo dessas e de outras passagens sobre quem fui no período escolar ou melhor, quem eu não pude ser e o quão difícil foi passar por essa fase, a sensação de impotência e solidão, e as artimanhas que desenvolvi para tentar uma pseudoadaptação com o grupo dos meninos, faz-me sentir uma certa dor. Uma dorzinha chata de quem hoje vê a vida de uma outra forma. Acredito que é daí que a dor se transforma no atual objeto de pesquisa desse pesquisador, e a minha história nas sendas bio:gráficas da educação entremeada à sexualidade.

Pensei em estruturar essa tese baseando-me na Jornada do Herói, e que chamarei afetivamente de h(eu)rói, pois nessa jornada o ator, narrador e herói principal sou eu mesmo, baseando-me no livro ‘O Homem das Mil Faces’, de Joseph Campbell (2007), e na Jornada do Escritor do Christopher Vogler (2015). Campbell foi um pesquisador, mitologista, escritor, conferencista e professor universitário norte-americano, famoso por seus estudos de Mitologia e religião comparada. Nessa obra o autor desenvolve sua teoria de que todas as narrativas mitológicas compartilham a mesma estrutura básica, inclusive citando a psicanálise e a psicologia analítica como fio condutor de algumas constatações. Como eu não me apaixonaria pela junção de mitologia e Psicologia?! Assim, para Campbell (2007), os protagonistas de cada

história, independente do povo que representarão, precisam trilhar uma jornada semelhante de passos/fases, permitindo a ascensão de um personagem ordinário em um herói extraordinário, como Buda, Moisés ou mesmo Jesus.

O propósito deste livro é desvelar algumas verdades que nos são apresentadas sob o disfarce das figuras mitológicas, mediante a reunião de uma multiplicidade de exemplos não muito difíceis, permitindo que o sentido do antigo se torne patente por si mesmo. Os velhos mestres sabiam do que falavam. Uma vez que tenhamos reaprendido sua linguagem simbólica, basta apenas o talento de um organizador de antologias para permitir que o seu ensinamento seja ouvido. Mas é preciso, antes de tudo, aprender a gramática dos símbolos e, como chave para esse mistério, não conheço um instrumento moderno que supere a psicanálise (Campbell, 2007, p.11).

Um adendo: quando criança, por volta de meus 8-9 anos, sonhava em ser arqueólogo e descobrir tesouros escondidos em locais inabitados ou esquecidos. Falava isso até em grupos de amigos. Na época, um jogo de *PlayStation* bombava de vendas: *Tomb Raider* – uma arqueóloga chamada Lara Croft que vivia em busca de aventura, segredos, e artefatos perdidos, sempre se desafiando e vivendo perigos mil. Via-me tanto nela, mas confesso que não falava muito sobre. Como é que eu podia me identificar com uma personagem feminina? É permitido? Isso me tornaria o que? Claramente essa dualidade não apenas cerceia a expressão individual, mas também solidifica estereótipos que, de maneira insidiosa, podem levar à marginalização de todos aqueles que não se conformam a essas categorizações rígidas.

Ao perpetuar a noção de que determinados interesses e comportamentos pertencem exclusivamente ao reino masculino ou ao feminino, essas narrativas não apenas restringem, mas também sufocam a capacidade de exploração e o pleno desenvolvimento do potencial inerente a cada criança. Isso, por sua vez, inibe a empatia e o entendimento entre os gêneros, criando um abismo que separa, em vez de unir. É um ciclo vicioso que, ao invés de celebrar a diversidade, promove a conformidade em detrimento da autenticidade. Segui vasculhando e me interessando por objetos escondidos em mim e nos outros.

Na vida adulta tornei-me psicólogo – existirá alguma semelhança? Peter Gay (☺) foi um biógrafo da vida de Freud, e discorreu sobre a paixão do pai da Psicanálise pela Arqueologia: “Uma paixão tão aguçada que o levou a dizer em *O homem dos Lobos* que o psicanalista, como o arqueólogo em suas escavações, deve descobrir camada por camada a psiquê do paciente, antes de chegar aos tesouros mais profundos e mais preciosos” (Gay, 1990, p. 168). Bonito, né?!

Já Vogler (2015) irá se basear na obra de Campbell e adaptá-la para uma construção mais concisa e enxuta de uma narrativa cinematográfica muito utilizada em Hollywood, inclusive na construção de filmes como *Senhor dos Anéis*, *Star Wars*, *Contato Imediato de 3º Grau* dentre outros. Ah sim, essa construção é vista em animes também – *Cavaleiros do Zodíaco*, *Dragon Ball*, *One Piece* e demais desenhos japoneses shonen (animes voltados para o público masculino e que são caracterizados por tramas de ação e comédia) que também seguem a mesma estrutura da jornada do herói. Amo animes, e isso ficará evidente em algumas passagens por aqui nessa jornada que irá se valer de elementos da literatura, música e do cinema para contar o percurso do h(eu)rói. Para Vogler:

A Jornada do Herói não é uma invenção, mas uma observação. É o reconhecimento de um belo modelo, um conjunto de princípios que governa a condução da vida e o mundo da narrativa do mesmo modo que a medicina e a química governam o mundo físico. É difícil evitar a sensação de que a Jornada do Herói existe em algum lugar, de algum modo, como uma realidade eterna, uma forma ideal platônica, um modelo divino. Deste modelo, cópias infinitas e altamente variadas podem ser produzidas, cada uma repercutindo o espírito essencial da forma (Vogler, 2015, p.16).

Há algumas diferenças na adaptação de Vogler à obra de Campbell, mas em suma a trajetória se mantém bem parecida (Quadro 1). Adotarei essa estrutura abaixo a fim de seguir os passos dos autores escolhidos. Vejamos:

JORNADA DO ESCRITOR	O HOMEM DAS MIL FACES
Primeiro Ato	Partida, separação
Mundo Comum	Mundo Cotidiano
Chamado à Aventura	Chamado à Aventura
Recusa do Chamado	Recusa do Chamado
Encontro com o Mentor	Ajuda Sobrenatural
Travessia do Primeiro Limiar	Travessia do Primeiro Limiar
	Barriga da Baleia
Segundo Ato	Descida, iniciação, penetração
Testes, aliados, inimigos	Estrada de Provas
Aproximação da Caverna Oculta	
A Provação	Encontro com a Deusa
	A Mulher como Tentação
	Sintonia com o Pai
	Apoteose
Recompensa	A Grande Conquista
Terceiro Ato	Caminho de Volta
Caminho de Volta	Recusa do Retorno
	Voo Mágico
	Resgate de Dentro
	Travessia do Limiar

	Retorno
Ressureição	Senhor dos Dois Mundos
Retorno do Elixir	Liberdade de Viver

Quadro 1: Diferença entre a Jornada do Escritor de Vogler e o Herói de Mil Faces de Campbell.
Fonte: Adaptado de Vogler (2015).

Confesso que essa ideia só apareceu agora, nos 45 minutos do 2º tempo quando completo exatos 2 anos da minha entrada no doutorado em Educação. Confesso também que estava bastante desestimulado com a trajetória em si em função do tempo que me é escasso para produzir, e da sensação de poder fazer muito mais e não conseguir. Mas aí, eis que surge a ideia de trazer a Jornada do Herói para dentro da tese, já que me identifico com toda essa estilística universalmente perpetuada nas artes em suas várias facetas. Campbell (2007) postula que:

Quer escutemos, com desinteressado deleite, a arenga (semelhante a um sonho) de algum feiticeiro de olhos avermelhados do Congo, ou leiamos, com enlevo cultivado, sutis traduções dos sonetos do místico Lao-tse; quer decifremos o difícil sentido de um argumento de Santo Tomás de Aquino, quer ainda percebamos, num relance, o brilhante sentido de um bizarro conto de fadas esquimó, é sempre com a mesma história que muda de forma e não obstante é prodigiosamente constante que nos deparamos, aliada a uma desafiadora e persistente sugestão de que resta muito mais por ser experimentado do que será possível saber ou contar (Campbell, 2007, p. 15).

Dessa maneira, pensei em articular a jornada do h(eu)rói à pesquisa narrativa da bio:grafia (Reigota; Prado, 2008) enquanto ser *históricopensantevivente*⁵ repleto de histórias já vivenciadas e costuradas à construção de minha própria subjetividade e a formação do pesquisador/professor/psicólogo/gay de hoje.

Na presente tese, opto por estruturar as seções de acordo com a Jornada do Herói, proposta originalmente por Joseph Campbell em "O Homem das Mil Faces" e posteriormente adaptada por Christopher Vogler em "A Jornada do Escritor". Cada etapa dessa jornada universal⁶ funciona como um marcador simbólico para as seções do meu trabalho, articulando minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal com os desafios, transformações e reflexões

⁵ Todas as palavras que forem gravadas dessa maneira são oriundas de produções da pesquisadora e professora Nilda Alves e sua rede/teia de conhecimentos.

⁶ A **jornada universal**, no horizonte da psicologia analítica, refere-se a um padrão simbólico recorrente nos mitos de diversas culturas, associado ao processo de individuação. Tal universalidade não implica determinismo biológico, mas expressa formas culturais de representar desafios existenciais comuns — como ruptura, prova, confronto com a sombra e transformação. Cada sujeito atualiza esse percurso de modo singular, de acordo com seu contexto histórico, social e afetivo, razão pela qual a jornada funciona como um **mapa interpretativo** da experiência humana, e não como um roteiro prescritivo (Jung, 2011).

característicos do percurso heróico. Além de perpassar filmes, séries e demais produções artísticas que me marcam.

Dessa forma, a Introdução da tese representa o "Mundo Comum", situando o espectador-leitor sobre minhas vivências iniciais e contexto geral da pesquisa. A seção seguinte, que discute as inquietações e o problema da pesquisa, corresponde ao "Chamado à Aventura" e à "Recusa do Chamado", revelando dúvidas e resistências iniciais diante do objeto investigado. A revisão bibliográfica e o aprofundamento teórico-metodológico são apresentados como o "Encontro com o Mentor", trazendo os autores e teorias que iluminam e orientam o percurso investigativo.

A coleta dos dados, feita através das narrativas escrevientes, é concebida como as etapas centrais da jornada: "Travessia do Primeiro Limiar", "Provações" e "Recompensa". Aqui, os desafios enfrentados durante a pesquisa são narrados e analisados criticamente. Finalmente, a seção de conclusão é articulada como "O Caminho de Volta" e a "Ressurreição", oferecendo reflexões sobre os aprendizados obtidos e as possíveis implicações para o campo da educação e da sexualidade, fechando com "O Retorno com o Elixir", destacando contribuições pessoais e acadêmicas significativas da tese.

Sem refletir e analisar quem fui antes, e o que me trouxe até aqui, não saberei quem é/sou o eu de hoje. Contardo Calligaris, psicanalista falecido em 2021, escritor de diversos livros sobre múltiplas temáticas, e redator da Folha de São Paulo, escreveu certa vez: “Numa psicanálise, descobre-se que a vida adulta é sempre menos adulta do que parece: ela é pilotada por restos e rastros da infância” (Calligaris, 2010). Retornando ao conceito de **bio:grafia**, o prefixo **bio** está atrelado à relação pessoal, profissional e política do próprio sujeito, e **grafia** à sua narrativa no mundo. Assim, através de movimentos pertinentes, pedagógicos, políticos, econômicos, sociais e ecológicos, novos e múltiplos conhecimentos serão suscitados a fim de ressignificar práticas pedagógicas nos/dos/com o cotidiano escolar (Proença, 2015), e com a Educação.

Para Proença (2015), a utilização das **bio:grafias** no contexto escolar, e porque não da Educação de maneira em geral (enaltecido aqui por mim), oferecerá um salto na reflexão de que tipo de instituição de ensino devemos investir atualmente, pois, ao ressaltar as suas vivências e particularidades, construções e desconstruções, apontará para os temas importantes do nosso cotidiano e a necessidade de ampliação do sentido de cidadania. Como evidenciam Marcos Reigota e Bárbara Prado (2008):

As bio:grafias enfatizam a cultura entendida como produção de ideias, sentimentos e experiências. Expressam a diversidade e a ecologia como uma

proposta política e opção existencial que tem nas relações sociais, na subjetividade e nas diversas interpretações do que seja meio ambiente e seus principais fundamentos (Reigota; Prado, 2008. p.130).

Destarte, discorrem ainda sobre a função do uso das bio:grafias:

[...]trazer para o espaço público, com critérios de validade e de pertinência pedagógica, textos escritos por anônimos, nos quais o que se pretende não é observar como eles narram, mas sim como se vêem e se situam no contexto dos fatos e o interesse que essas narrativas na constituição do currículo (em processo) da formação profissional e de identidade profissional, cultural e política (Reigota; Prado, 2008, p.138).

Aqui me descubro enquanto anônimo para alguns e quiçá para mim, mas que com o auxílio do resgate de minha história e de minhas experiências posso narrar minha vida e assim me autoperceber como produtor de sentido de/do/no mundo. Novas facetas podem ser observadas e descobertas, assim como locais antes obscuros podem ser iluminados. As bio:grafias se constituem, afinal, como o exercício de assinalar ficcionalmente imagens reais ou não de si e do mundo (Proença, 2009). Elas não seriam biografias, pois não se prestam a narrar a vida de alguém real por outra pessoa, tampouco uma autobiografia que irá detalhar a vida de seus autores. Enquanto possibilidade de seu uso metodológico, Reigota e Prado (2008) discorrem que sua utilização possibilitará a assunção de múltiplas vozes, e a visibilidade de zonas desconhecidas ao nos convidar para adentrarmos à intimidade e privacidade com cumplicidade e abertura ao diálogo entre autor e leitor. Entre mim, eu mesmo e outros(as) que passaram por mim.

Tenho um apreço grande pelo termo **escrevivência** cunhado pela autora, linguista e escritora brasileira Conceição Evaristo que tem em seu bojo um método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada. Essa escrevivência irá se utilizar da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito às mulheres negras, marginalizadas e silenciadas, no caso da autora Conceição Evaristo (Soares; Machado, 2017) e várias outras mulheres. E eu? Poderia utilizar a escrevivência de Evaristo (2007) e direcionar para as minhas vivências enquanto homem gay professor, psicólogo e pesquisador? Não pretendo aqui ser desrespeitoso em relação à luta das mulheres pretas; pelo contrário, intento utilizar de forma respeitosa esse termo para também dar margem para vozes silenciadas, marginalizadas e estigmatizadas na comunidade LGBTQ+.

Em um de seus textos, a própria Evaristo escreve:

A maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens. **Um sujeito gay** (negrito meu) se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza. Uma mulher que se complicita com as outras se sensibiliza ao ler o conto “Maria” ou Insubmissas lágrimas de mulheres. Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens (Evaristo, 2020, p.32).

Dialoguei sobre isso com uma amiga que pesquisa raça e gênero. Mulher preta, bissexual e doutoranda em Serviço Social, e a resposta veio rápida e certa: “amigo, tudo bem utilizar esse método analítico e crítico, isso não é apropriação, é compartilhamento de vivências. Vai fundo!”.

Segundo a autora, “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 21). O quão injusto tem sido essa hegemonia cisheteronormativa, masculina e branca com as demais formas de vida que escapam à essa lógica?! Penso que cada vez mais precisamos acordar de nosso sono nada justo e nos colocar em luta.

Dessa maneira, esse conceito metodológico de escrevivência é cunhado com o objetivo de mesclar a escrita acadêmica com a vivência e memória, conectando-se com as vivências e memórias do nosso povo e produzindo alteridade (Silva; Sanches, 2023). Escrevivência clama por um autor-sujeito que possa inserir seu corpo no texto e versar sobre temáticas e experiências viscerais que inundaram seu corpo e lhe deixaram cravados com impressões.

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (Evaristo, 2020, p. 35).

Dessa forma, fantasio articular e proponho ao escrever as **bio:grafias escrevientes** e dialogar com meus pares da comunidade LGBTQ+ a tênue relação entre educação e sexualidade, mas não só com eles. Anseio que essa bio:grafia escreviente chegue ao maior número de pessoas possíveis. Segundo Evaristo (2007), as histórias são inventadas, mesmo as reais,

quando são contadas; escrever significa, nesse ponto, contar histórias absolutamente particulares, mas que irão remeter a outras experiências coletivizadas já que existe um elo conector entre autor/a e protagonista. Ao falar de mim, falo do outro, e ao falar do outro falo também de mim. Assim, ao reinventar nossa realidade independentemente de como isso irá ser ficcionado, pode-se torná-la ainda mais real, complexa e densa ao intrincar suas tramas com novas possibilidades de relação. Essa ficção irá fiar mundos em que o confiar pode ultrapassar a fidedignidade sem perder a própria realidade (Costa, 2014).

Destaco ainda que: a escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autor assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativas e voz, a história de um "nós" compartilhado (Soares; Machado, 2017).

Utilizar a bio:grafia escrevivente é uma forma de ir além de um relato biográfico de minha própria existência, é mergulhar fundo nas experiências do passado, refletir meu ser/fazer do presente e vislumbrar o meu futuro possível enquanto inédito-viável (voltarei nesse conceito a posteriori). De acordo com Henrique Melo e Maria Carolina Godoy (2017), resistir por meio da literatura é também reexistir, principalmente para um povo cuja voz foi e ainda é constantemente calada; escrever se torna um recurso de emancipação. Resistimos e reexistimos!

José Eduardo Agualusa (2012) em seu romance “Teoria Geral do Esquecimento” nos apresenta Ludovica, mulher portuguesa que mora em Angola e que durante a guerra de independência de seu atual país decide se isolar em casa construindo uma parede que a separa do mundo exterior. Sente-se estrangeira em sua própria casa. Ela também era separada por outra parede simbólica – os abusos e traumas vividos em sua infância a segregava das demais pessoas. A trama é permeada por reflexões profundas e abissais sobre o esquecimento e a identidade. A personagem ao tentar se esquecer do mundo exterior percebe o embate de seus próprios traumas e memórias, desvelando como o esquecimento é uma ferramenta notoriamente imperfeita para lidar com a dor. Ao final da leitura fui convidado a pensar minhas próprias memórias, os mecanismos utilizados para lidar com as dores, mas também sobre a coragem e as descobertas que passaram por mim. Assim como Ludovica, também busco redenção e descobertas ao reescrever os retalhos de minha história. Faço alusão agora a um imenso *patchwork*⁷ mental, e uma imagem vem à mente exatamente como na figura descrita abaixo (Figura 4).

⁷ Patchwork é uma técnica de costura que envolve a união de diferentes pedaços de tecidos e de formas também distintas e que culminará em um desenho ou padrão maior. Cada pedaço poderá ter uma cor e tamanho diferente, resultando em uma peça sempre única e individual (Silva, 2022).



Figura 4: Patchwork mental.
Fonte: criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Luisa Rizzo e Tânia Fonseca (2010) exploram como o trabalho de *patchwork* pode ser uma forma de subjetivação e de criação a partir de fragmentos de retalhos e gerador de transformações. Baseando-se no conceito de **acontecimento** de Gilles Deleuze (2008), que é demarcado na argumentação que os acontecimentos não são estáticos, fixos ou mesmo substanciais, mas sim processos de diferenciação e de multiplicidades. O acontecimento, como nos sinalizam as autoras, é um processo que não se inicia e nem se acaba, não tem corpo, logo é “incorporal”, é fluido, contínuo, não pode ser capturado pelas vias normais da metafísica e só se apreende de fato o que se é no calor do momento – no ACONTECIMENTO.

Assim, poderíamos considerar o acontecimento de duas maneiras díspares, como sinalizou Deleuze (1992) por Rizzo e Fonseca (2010):

Uma consiste em passar ao longo do acontecimento, recolher dele sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história, mas outra consiste em remontar o acontecimento, em instalar-se nele como num devir, em nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, em passar por todos os seus componentes ou singularidades (Deleuze, 1992, p. 211 apud Rizzo; Fonseca, 2010).

Portanto, compartilho da linha de pensamento dos autores supracitados ao deixar que a escrita seja guiada pela experiência e a experiência guiar a escrita retroalimentando devires, saindo do atual e engrenando-me para o virtual. Demorei-me tempo por demais nesses conceitos, e confesso que saí ainda sem saber muito; talvez seja mesmo isso o acontecimento – elementos ilógicos, intangíveis, ambíguos e dicotômicos que compõem a vida.

Para finalizar, o *patchwork* mental, para mim, seria o remontar de fragmentos de vida, passagens do passado, do presente e de um futuro ainda não vivido, quem sabe dentro de um inédito-viável. O acontecimento não é estático, sem direção linear, e ao mesmo tempo pura transformação, retraindo-se e adicionando novos elementos, transmutando-se em um constante processo dinâmico. Percebo a escrita dessa tese e acesso as memórias/fragmentos na construção destas bio:grafias escrevíveis bem assim (se é que entendi bem o que realmente Deleuze quis dizer) – uma tessitura que formará algo... o que, bom... veremos.

Ao adotar a escrevivência e a bio:grafia atreladas ao Mito do Herói, intento capturar as riquezas das experiências vividas documentando histórias que irão revelar a complexidade e diversidade da vivência humana. Assim, utilizo o Mito do Herói a fim de mapear e entender as jornadas educacionais que podem ter aspectos comuns e padronizadas, ou peculiares e individuais, destacando, por fim, a singularidade de cada jornada. Dar voz a histórias que permanecem, muitas vezes, silenciadas e marginalizadas, pode contribuir com uma prática mais equitativa. Acredito que esse seja o real objetivo dessa tese: bio:grafar de forma escrevível as narrativas desse h(eu)rói pelas sendas da educação e da sexualidade.

Sinalizado(s) o(s) percurso(s) metodológico(s)-teórico(s) utilizado(s), podemos iniciar nossa jornada real. Para Vogler (2015), o Mito do Herói para ele foi adaptado à sua maneira, bebendo em Campbell (2005). Entretanto, o autor nos deixa à vontade para fazer da mesma forma e ajustar a história ao padrão mítico que mais fizer sentido ao seu-meu objetivo ou suas-minhas necessidades de uma cultura específica. Não sei ainda quais passos darei – se serão todos os de Campbell ou Vogler, se modificarei alguns ou acrescentarei outros. Só sei que estou disposto a traçar essa jornada com um leve frio na barriga, mas cheio de entusiasmo.

Peço desculpas de antemão se a escrita também não soar muito linear em alguns momentos. Tentarei trilhá-la dentro de uma narrativa cronológica e sequencial, mas acredito, piamente, que a mente não nos permite organizar tudo de forma tão retilínea (Figura 5). Isso porque o discurso narrativo traduz a vida, e essa, por sua vez, não obedece ou opera em uma lógica linear, sequencial, predeterminada e previsível (Abrahão, 2006).



Figura 5: balança-pêndulo que sustenta o passado, o presente e o futuro.
Fonte: criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Para mim, o movimento perpendicular da vida em que passado, presente e futuro se amarram em tramas complexas e intrínsecas é um ato belo, que esgarça a complexidade da memória e da experiência humana. É nessa natureza tridimensional, ainda, que se promove a rememoração do passado com olhos e questionamento de hoje, permitindo prospectar o futuro como possibilidade de (auto)formação e (auto)transformação do sujeito (Ricoeur, 1995). Vários pontos de vista se entrecruzam em um brinquedo que nos permite criar camadas de significados e conexões entre distintos personagens e dimensões.

Prontos?

PRIMEIRO ATO



Figura 6: Mundo Comum: cinza e pacato.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Mundo Comum

O começo é um momento muito delicado, diz Frank Herbert escritor romancista de *Duna* e roteirizado por David Lynch em 1984 e agora por Villeneuve em 2021. Coincidentemente estou reassistindo o filme *Duna* mais atual para poder chegar ao segundo filme de uma possível trilogia agora em 2024. A *Jornada do Herói* está ali presente de forma contundente. A minha se inicia (Figura 7) agora.



Figura 7: H(eu)rói inicia sua jornada.
Fonte: criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

O Mundo Comum é a base para o início da jornada, sempre. Ele precisa estar em parêlho com o Mundo Especial para assim, ao fazermos a comparação, o Mundo Especial se destacar do Mundo Comum; este, por último, é o contexto, a base e o histórico do h(eu)rói. É de onde viemos por último! Como nos sinaliza Vogler (2015), na vida passaremos por uma infinidade de Mundos Especiais que, lentamente, se transformam em comuns quando nos acostumamos com eles. De território estranho para base familiar até nos lançarmos novamente no próximo Mundo Especial.

No ensaio de *Das Unheimliche* de 1919, Freud (1996) irá explorar a noção de “o estranho”, aquilo que é ao mesmo tempo estranho e familiar, mas que provoca um certo desconforto e uma inquietação. É exatamente assim que me sinto ao revisitar tantas narrativas. Esse fenômeno ou acontecimento ocorre quando algo que deveria ficar obscuro em nosso inconsciente ganha luz e retorna, dando vasão a conteúdos reprimidos, possivelmente na

infância, e o horror de acessá-las. Poderíamos chamar de **o retorno do recalcado**⁸. Revisitando Freud, acho que encontro, pelo menos em partes, o que é uma das possibilidades do medo ao escrever essa tese – o retorno das afetações negativas que foram introjetadas ao longo do curso de minha vida.

Entretanto, pensando melhor, vejo também de uma outra forma. A possibilidade de elaborar questões que não foram percebidas antes ou impossíveis naquele momento e que agora, com outra condição de mente, posso revirar/revisitar no baú da memória e das afetações. Inclusive achando, por que não, várias trajetórias e percursos mais positivos e felizes e que foram deixados pelo caminho. Mas dá medo...acho que me percebo potencialmente assim agora, como na imagem. Ao ser criada por IA, coloquei os comandos: medo, rapaz e jornada. Apareceu um jovem com medo e ao fundo vários aviões: acertaram precisamente, tenho um medo horroroso de aviões (Figura 8).



Figura 8: H(eu)rói se prepara para o início da jornada.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Hora de me conhecerem melhor, como preconizam Vogler (2015) e Campbell (2007) em seus escritos. Desde já, assumo que o que escrevo aqui não é um saber frio. É corpo e é pele – é vivo. Escrevo com o que vibra em mim, por isso escrevivencio. Ainda que não nomeie a todo instante, a escrevivência é a lâmina que me abre, e o sopro que sustenta esse fiar. Que não se perca de vista: não há neutralidade neste desvelar.

⁸ O conceito de “o retorno do recalcado” é amplamente encontrado na teoria psicanalítica e irá descrever de que maneira elementos reprimidos, ou seja, expulsos da consciência podem voltar à consciência de maneira distorcida ou até mesmo deformada. Inclusive em formato de compulsão à repetição (Laplanche; Pontalis, 2001).

Em meu Mundo Comum eu sou um jovem adulto (nem tão jovem assim como na figura acima) professor/psicólogo/pesquisador/gay (não necessariamente está em ordem de prioridades) e que atua nessas três frentes distintas e complementares e que tem, como objetivo agora, concluir o tão sonhado doutorado. Venho de uma família classe média baixa, branca e com pais divorciados. Possuo alguns privilégios e gostaria de deixá-los demarcados, pois, afinal, eles também são parte importante da minha jornada e das escolhas/caminhos que me foram apresentados e posteriormente escolhidos. Ser branco, homem, cisgênero, classe média, ter frequentado escolas particulares de qualidade (o que não me poupou de sofrer *bullying* em diversas delas), cursos de idiomas e ter tido pais que me ajudaram financeiramente durante meus estudos é essencial para também conhecer minha vida pregressa.

Penso muito, e isso sempre me fez questionar regras e demarcações que não compreendo e aceito. Vi há poucos dias um vídeo⁹ chocante de diversos rapazes “brincando” de acertar mulheres trans com bolinhas de gel vindas de armas de *airsoft*. De acordo com os dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), Organização Não Governamental (ONG) mais antiga da América Latina e que se presta a reproduzir tais dados há décadas, em relação ao ano de 2023, 257 mortes de pessoas LGBTQ+ foram registradas, divididas entre homicídios e suicídios. Entretanto, mais 20 mortes estão em investigação e se encontram no limbo do esquecimento, o que totalizaria em 277 mortes (Schmitz, 2024). O Brasil é o país que mais mata LGBTQ+ no mundo há 15 anos consecutivos.

Por meio de dados obtidos pela Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) no ano de 2023 em diálogo com a Rede Nacional de Pessoas Trans e Travestis do Brasil e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), cerca de 82% das pessoas trans abandonaram o Ensino Médio entre os 14 e 18 anos; 70% de pessoas trans e travestis não concluíram o Ensino Médio, e apenas 0,02% alçaram o Ensino Superior. Atribui-se a essa evasão a violência psicológica e verbal praticada por professores e gestores da instituição e pelos próprios alunos. De acordo com o professor da UEFS, Gean Santana, no episódio¹⁰ Viração 176 – “Igualdade, desafios e permanência da população LGBTQIA+ na universidade” do ano de 2023, as instituições de ensino no geral não estão prontas para acolher aquilo que foge à norma, principalmente aquilo que escapa aos padrões de corpo e sexualidade. Segundo ele:

⁹ A reportagem e o vídeo gravado pelos próprios agressores pode ser acessado no link do jornal Metrôpole: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/video-jovens-usam-arma-de-gel-para-agredir-pessoas-trans-em-sp>.

¹⁰ O episódio referido pode ser acessado gratuitamente na plataforma Spotify através do link: <https://open.spotify.com/episode/0C4YxN3wyvvHbO2Uus0k53?si=1e7Dz8o3RraYDvVbpkuzhA&nd=1&dlsi=f a67129904964145>.

Quanto mais afastado do padrão, mas difícil será estar nesses espaços. Podemos mencionar logo de cara a população trans. As pessoas trans e travestis que fogem totalmente a esta lógica estabelecida entre corpo biológico, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero. Podemos afirmar, com certeza, que estas pessoas trans sequer conseguem finalizar o Ensino Médio, quanto mais acessar o Ensino Superior. Podemos contar nas pontas dos dedos as pessoas trans que são doutoras, infelizmente. Isso porque elas são expulsas do espaço escolar. Muitas vezes, antes do espaço escolar, são expulsas do próprio convívio familiar (Santana, 2023).

Sexualidade e gênero configuram um campo de tensão, instabilidades e evidente mal-estar na escola e na sociedade em geral, evidenciando um local, muitas vezes, de segregação, preconceito e discriminação. A escola é um dos principais espaços privilegiados de socialização para crianças, jovens e adultos, e, por isso, tais pautas carecem de melhor e maior contemplação, já que fazem parte da demanda dos próprios alunos. Para Libâneo (2007) a educação precisa promover a formação integral do indivíduo ao considerá-lo um ser holístico e que todas as dimensões estejam intimamente contempladas: cognitiva, afetiva e social.

O autor propõe assim que a escola teria três objetivos: a preparação para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional; formação para uma cidadania crítica e participativa; e, por fim, formação ética (Libâneo, 2007). O primeiro objetivo nos leva a pensar sobre o papel da escola na preparação do indivíduo para o mercado de trabalho e a tecnologia que nos cerca, promovendo, assim, uma formação sociocultural mais ampla. O segundo nos remete à formação de um indivíduo crítico, pensante e dotado da capacidade de transformação do meio que o circunda, questionando as formas de produção de vida e os elementos externos a ele. Por fim, o último objetivo retrata o conceito ético de valores e conceitos que permeiam a vida. A escola passa a ter uma função intersetorial.

No Brasil, os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) (Brasil, 1997) foram desenvolvidos em um contexto de intensas reformas educacionais iniciadas na década de 1990. Nessa época o país passava por mudanças políticas e sociais culminadas pela promulgação da Nova Constituição em 1988 (Brasil, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996 (Brasil, 1996). Assim, os PCN objetivavam:

[...de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania] (Brasil, 1997).

A fim de se obter os objetivos propostos pelos PCNs, o tema transversal Orientação Sexual e Pluralidade Cultural foram propostos e divididos em três eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de Gênero” e “Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS” (Brasil, 1997). Interessante pensar no empenho do Estado em atestar, produzir e acompanhar a sexualidade nas escolas, inclusive, ao perpetuar o elemento patógeno de se contrair alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST). Seria só uma coincidência ou um fato isolado? Para Altmann (2001, p.576):

A sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana. Está inserida entre as "disciplinas do corpo" e participa da "regulação das populações". A sexualidade é um "negócio de Estado", tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade.

No documento, a sexualidade é tida como algo natural, normalizadora e com viés biológico, atrelada, muitas vezes, a questões hormonais e conectada às doenças. Os alunos e alunas são convidados a pensar a sexualidade por meio da participação em oficinas e dinâmicas de grupo, o que reitera o filósofo francês Foucault (1998) quando retrata um saber-poder de instituições como a escola, os presídios e os hospitais psiquiátricos sobre os corpos do outro, e assim os controlam. O controle é exercido pelas aparelhagens modernas, ações sobre ações e até mesmo por meio do autocuidado e gerenciamento de si. Ao assinalar as ISTs através das PCNs, o Estado pode introjetar no aluno o medo de contrair alguma doença.

Guacira Lopes Louro (1998) sinaliza que muitos professores acham natural a estimulação de meninos para que sejam mais ativos e curiosos, e que as meninas sejam mais recatadas, calmas e submissas. Não é simples trabalhar com questões que versem sobre a diversidade sexual e gênero, pois há lacunas na formação dos cursos de licenciaturas que não abarcam tais questões (Madureira; Branco, 2015). Mesmo no meu curso de bacharel em Psicologia (quando cursei e agora sendo docente na mesma universidade) muito pouco é dito sobre questões de sexualidade. Pensar em sexualidade é transcender o biológico e adentrar o campo também dos afetos (Louro, 1997), incluindo os símbolos, fantasias, linguagens, convenções e rituais. Amarro, sempre que possível, questões que tangenciam sexualidade e

gênero, em minhas aulas. Tenho por vontade instituir uma Liga de Sexualidade em Saúde a fim de problematizar tais demandas de forma pedagógica e institucional. Veremos.

Tais dificuldades na transcendência do biológico podem inclinar professores a adotarem posturas baseadas em experiências pessoais e que adentram os muros da escola, o que poderia levar a discursos permeados por preconceito e segregação. Tal afirmação corrobora com Elaine Pinto e Eliane Maio (2024) quando postulam que ainda hoje, infelizmente, há educadores inseguros aos questionamentos suscitados pela temática de sexualidade, reconhecendo sua importância na escola, mas ainda permeados por preconceito e desconhecimento.

Lembro-me bem, quando, em uma dada escola pública de Ensino Fundamental I de minha cidade, fui chamado para conversar acerca de uma criança que era acompanhada por mim em uma outra instituição de caráter não-formal de ensino. Minha função na instituição era de psicólogo educacional, e recebia todos os tipos de demandas: de mau comportamento (mau?) a transtornos de aprendizagem.

A queixa relacionada a essa criança era a seguinte: comportamento “estranho”, e que precisava de intervenção de profissionais para melhoria. Aceitei de bom grado ir até elas (coordenadora e diretora) para conversarmos e pensarmos sobre a queixa. A criança já havia me relatado estar sofrendo *bullying* pelos demais colegas na escola, e que isso estava lhe gerando muito sofrimento e angústia, pois, mesmo relatando aos professores, nada era feito.

Na outra semana, ao chegar à sala da diretora e da coordenadora, um clima tenso pairava no ar e sentia, quase que intuitivamente, que “estranho” – palavra utilizada para se referir ao comportamento do garoto - seria algo ligado à desviante, inconcebível, abominável, dissidente. Ambas me aguardavam sentadas, com sorrisos amarelos, posturas eretas e olhos atentos. A diretora, uma senhora por volta de seus 70 anos, gabava-se de estar atuando há 40 anos na educação e acompanhar a evolução do sistema educacional por várias fases. Falava de forma prolixa e sem papas na língua, enquanto eu, absorto em meus próprios pensamentos, indagava-me: sobre qual educação essa senhora fala?

Mary Castro, Mirian Abromovay e Lorena Silva (2004) em seu livro “Juventudes e Sexualidade” postulam que muitos dos profissionais da educação não estão capacitados para trabalhar questões relacionados à diversidade sexual e gênero com os alunos, faltando-lhes, dentre outras coisas, orientações sistemáticas. Dessa maneira, o viés biologizante acaba sendo o único recurso encontrado por professores para tecer algumas questões relacionadas à sexualidade e ao gênero, como colocam Ana Flávia Madureira e Angêla Branco (2015):

Argumentos pseudocientíficos, ancorados na Biologia, têm sido utilizados, frequentemente, desde o século XIX, para justificar uma série de desigualdades entre grupos sociais: entre homens e mulheres (...). Portanto, é de suma importância na formação de educadores/as a promoção de discussões críticas sobre argumentos voltados para legitimação de desigualdades sociais, a partir de uma apropriação equivocada e de generalizações distorcidas de conhecimentos produzidos pela Biologia (Madureira; Branco, 2015, p.582).

A coordenadora, 20 anos pelo menos mais jovem, era mais comedida e evitou ser diretiva em relação ao que pensava. Entretanto, o motivo da nossa reunião apareceu minutos depois. A criança, um garoto sorridente e espontâneo de 10 anos, estava se portando de maneira inadequada, segundo elas, e foram além ao falarem de forma nítida e diretiva: era afeminado, gordo e por isso alvo de chacotas dos demais, já que não parecia menino. Não se portava como um. Fiquei incrédulo. Naquele momento, ao escutar tais palavras, um enorme incômodo se instaurou em mim. A diretora proferiu tais palavras como fuzis que disparam balas em seus alvos, sem titubear. Nesse tiroteio acabou acertando um outro alvo também: eu mesmo.

Aqui, recorre-se a Jacques Derrida (1991), cuja noção de *différance* revela como os sistemas de significação — inclusive os curriculares e normativos — se estruturam pela exclusão constitutiva do outro. A sexualidade, nesse contexto, não escapa dessa lógica: a heterossexualidade compulsória só se sustenta ao nomear e interditar o que ela mesma gera como “desvio”. Assim, as escolas tornam-se espaços em que a diferença é performada como ameaça, e não como possibilidade. O outro existe e performa ser quem se é a partir da noção da exclusão do outro. O heterossexual, por exemplo, só pode se afirmar como tal pela exclusão constitutiva do homossexual – que, paradoxalmente, o funda e o ameaça. Dessa maneira, a diferença não é aquilo que vem a posteriori, mas o que inaugura, afronta e edifica o próprio sistema de normas sexuais e de gênero.

Derrida (1991) ao cunhar o termo *différance*, ousa ao desestabilizar a lógica de uma estrutura rígida e de uma identidade fixa, operando simultaneamente como “adiamento” e “diferença” – ou seja, escreve-se e se pronuncia próximo de *différence* (derivado do verbo francês *differer* que significa diferença e adiamento), mas acrescenta-se a vogal “a” para soar diferente. Esse seria o ponto de Derrida, soa igual, mas escreve-se diferente, assim como o sentido, a sexualidade e as estruturas, sempre em movimento, nunca em uma verdade única.

Retornemos à passagem sobre a criança e a escola. Nesse dado momento, recordo-me bem, pensei que um dia, de alguma forma, tentaria mudar, mesmo que de forma diminuta, a organização desse sistema educativo que tanto tolhia, não só esse garoto, mas a vários outros e outras como ele e a mim. Mudar também não sei..., mas poderia escrever, narrar e literaturalizar

minha jornada a fim que essa experiência ganhasse um corpo e acessasse outras pessoas. Nesse caso, eu também já fui um desses garotos, vítima desse mesmo sistema reprodutor de uma ordem ainda vigente, que excluí tudo e todos que não são reconhecidos como pertencentes. A escola foi um espaço no qual não pude ser eu mesmo. Percebo isso hoje quando presencio adolescentes LGBTQ+ que podem vivenciar de forma orgânica suas vivências, seus prazeres e sua vida.

Nesse mesmo dia conversei com a responsável pelo projeto onde eu trabalhava, e demonstrei todo meu descontentamento com a situação. Sinalizei que podíamos fazer uma reclamação formal à Secretaria de Educação ou pensarmos em outra providência para mitigar esses danos. Ela me disse que era melhor não fazermos nada, pois isso ainda poderia se voltar contra nós mesmos, inclusive no local que trabalhávamos. Uma pena, senti-me duplamente impotente: primeiro por não conseguir atestar de forma concreta o que aquela escola fazia com seus alunos, e segundo porque tal situação me rememorou diversas outras situações nas quais eu também não consegui fazer quase nada. Fiquei calado outra vez. Silenciado pelo sistema.

Recentemente fiz uma atividade com 4 salas de 3º período do curso de Psicologia de uma universidade privada em que leciono. Tal atividade versava acerca de como havia sido a experiência na escola, memórias e sensações suscitadas nos alunos ao evocar tais lembranças. Não foi espanto que uma grande parte relatou experiências muito difíceis na escola de forma em geral. Entretanto, quando se tratava de alunos e alunas LGBTQ+ a narrativa se tornava ainda mais densa, marcada por violências, estigma e exclusão. As violências podiam ser diretas ou indiretas, pois, ao negligenciar um aluno vítima de preconceito, compactua-se com a violência. Vi-me em várias daquelas pessoas, e acredito que elas se viram em várias das minhas colocações, já que também fui parte ativa dessa dinâmica e não me isentei ao estar junto na construção dessa atividade, nem de relatar alguns horrores vividos por mim na escola. Quantas vivências horrorosas poderiam ter sido amenizadas.

Os estudos de Michel Foucault (1995, 1997, 2010) irão sinalizar que as verdades de cada tempo são construções históricas e sociais, e por isso também podem ser desconstruídas, como nos aponta Nilson Dinis e Roberta Cavalcanti (2008). A sexualidade deveria ser lida como um dispositivo histórico de poder da modernidade, constituído por práticas discursivas e não-discursivas que irão produzir uma concepção do indivíduo como sujeito de uma sexualidade; tais saberes e poderes irão subjugar todas as formas de subjetivação que fogem a essa “normatização”, controlando as verdades acerca do indivíduo, da sua relação com o corpo e os prazeres (Foucault, 1997).

A ideia de um projeto de doutorado que versasse sobre a temática sexualidade, gênero e Educação começou a ser gestada a partir da situação com essa escola. Pelo menos foi assim que pensei. Seria imprescindível que o pesquisador também fizesse parte do objeto de pesquisa. Afinal, também seria uma pesquisa sobre a minha dor. Por que não, então, que esse pesquisador estivesse atuando de forma mais ativa nesse campo tão frutífero. Uma inquietação retumbou naquele instante: seria possível se desvencilhar da pesquisa objetiva e imparcial, vinda de um modelo mais clássico e pragmático de pesquisar, e estreitar os laços entre o pesquisador e a pesquisa? O quão científico isso seria?!

Pronto, está aí o começo da ruptura do Mundo Comum e a busca por um Mundo Especial em que eu possa dialogar comigo mesmo e ainda assim fazer pesquisa. Retomo ao propósito da jornada. Tenho pensado o ato de pesquisar e escrever como uma jornada. Similar a um pescador que se desafia ao lançar-se ao mar sem saber exatamente onde o barco irá ancorar, muito menos quais serão os percalços enfrentados ao longo de sua saga marítima, lanço-me. Aliás, sempre gostei de separar as sílabas das palavras, uma brincadeira que tenho desde menino, e que faço mentalmente, de forma quase automática. Separo e conto as letras para que caibam em 5 espaços no máximo.

Gosto da palavra pescador, pois, separando-a, ficamos com pesca-dor, ou seja, aquele que iria capturar/pescar um momento de dor e a partir disso transformar dor em outro elemento. Não seria a dor um objeto interessante a ser pesquisado e compreendido em uma pesquisa? Tenho na música do Milton Nascimento (1981), Eu Pescador, inspiração para navegar nesses mares inquietantes:

Ah, meu peito de sonhador
Sábios abismos do amor
Como a canoa, os do mar
Eu que fiz dos meus sonhos, meus navios
Eu que fiz velas de rimas
De canções o meu pesqueiro
Eu que armei redes de estrelas
Ainda espero entre anzóis e sereias
Quem ficou de me encontrar

A última estrofe da música supracitada, diz: “quem ficou de me encontrar”. Acredito, agora pensando melhor, que esse almejado encontro é o do pesquisador com sua pesquisa, que entrelaçados também enquanto objeto a ser pesquisado, vão poder, finalmente, encontrarem-se. Mas será que um dia se separaram, afinal? Ao escrever sobre esse sentimento de encontro,

coloco novamente a música de Milton. O coração acelera. O encontro tem acontecido. Emoção pura que se traduz na escrita. E o formato da pesquisa, vai dar certo?

Durante a elaboração do projeto de pesquisa, várias metodologias distintas surgiram como possibilidade metodológica para construir o tão sonhado projeto de doutorado. Por ser psicólogo, flertei, pelo menos de início, como uma metodologia que dialogava com a Psicologia Social e os estudos atrelados à sociedade e suas construções. Após várias leituras e múltiplas inquietações em relação a qual metodologia escolher, finalmente acreditei ter achado aquela que responderia às minhas indagações e que me permitiria, ainda, ser pesquisador-autor ativamente participante da minha pesquisa.

Encontrei nas pesquisas em Psicologia Social de González Rey (1949-2019) algumas respostas às inúmeras perguntas e desejos que fervilhavam em mim naquele período de construção do projeto. Segundo o teórico, o papel do pesquisador tem um caráter ativo e participativo na pesquisa, sinalizando que as informações da pesquisa de campo só serão adquiridas se houver uma maior aproximação do pesquisador com o sujeito. Propõe-se, assim, que o método seja considerado em seu aspecto social como um momento constituído em uma relação humana na qual a comunicação, além de vital, define a relação entre pesquisado e pesquisador, sendo esse o elemento essencial para a produção do conhecimento (Dobránszky; González Rey, 2008).

As etapas do processo seletivo para a Pós-graduação em Educação foram passando, até que cheguei na última etapa: a entrevista. Havia uma certa ansiedade em como seria essa derradeira etapa, e de que maneira as perguntas sobre o projeto, e principalmente sobre a metodologia, iriam acontecer. E aconteceram... e foi um tanto quanto reflexivo e inquietante também. Recordo-me que o professor Thiago, agora orienta-dor da pesquisa (mais a frente fiarei sobre o papel do orientador no processo de construção da tese, e as dores que são orientadas e acalantadas por essa figura importante no processo), indagou-me sobre algo extremamente relevante na banca de seleção, e que, só a posteriori, pude pensar sobre a metodologia escolhida para o projeto. Não seria a sua metodologia de pesquisa algo positivista? Um terror eclode!

De acordo com Alexandre Silvino (2007), o Positivismo influenciou diversas produções humanas, situando-se em diferentes tradições culturais, desde a França de Augusto Comte (1798-1857) e René Descartes (1596-1650) a Jacob Moleschott (1822-1893) na Itália. O principal argumento dos autores relativistas para considerar a atual epistemologia como positivista estaria embasada nas seguintes características, como ainda nos aponta Silvino (2007):

- Busca pela objetividade, o que implicaria uma possível neutralidade do pesquisador em relação ao objeto de pesquisa;
- Instrumentos que visam a quantificação, focando no dado/fato que irá instituir papel principal na construção do conhecimento;

Em um primeiro momento, a ideia de entrevistar os professores do Ensino Básico, oferecer oficinas e depois mensurar sua percepção sobre preconceito em relação a diversidade sexual e de gênero, pareceu-me encantadora. Iria me apoiar em uma escala de preconceito, aplicá-la, fazer os grupos focais e depois.... reaplicá-la e: PRONTO! Estaria com uma pesquisa bem bacana produzida! Inédita, talvez não. Aí entra o orientador outra vez: vamos fazer algo diferente? Entrevistas já tem muitas! Disse: ok, vamos lá! Mas não foi bem assim. Lembro-me do pânico ao começar a ler propostas que traziam as narrativas ficcionais, bio:grafias e a não-necessidade de comprovar a veracidade de minhas narrativas como método de pesquisa.

Será que minhas narrativas e a minha vida no geral eram tão importantes ao ponto de ser objeto de pesquisa e que interessaria outras pessoas?

Chego ao final do Mundo Comum apresentando um pouco de quem sou, o que me move e algumas inquietações que perpassam meu ser. Moro em um Mundo Comum para o qual a educação ainda se faz pouco presente no diálogo entre sexualidade e gênero, em que se mata mais LGBTQ+ aqui do que em qualquer outro lugar do planeta, em que a temática se esgota em vieses biologizantes e pragmáticos nas escolas, e onde a evasão escolar desse público ainda se faz bastante presente em nossa realidade. Não é o Mundo no qual eu quero viver/morar.

Sinto que uma jornada se inicia, pois, como bom aventureiro-pesquisador-narrador-h(eu)rói preciso ir de encontro ao Mundo Especial, pois aqui já não me cabe. Sei que enfrentarei desafios, vilões, percalços-mil, mas que terei ajuda. É hora de seguir viagem...

Chamado à Aventura: no cotidiano da diversidade

A VIDA COTIDIANA é a vida de todo homem.
 Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente.

Agnes Heller (2016, p.17)

O Mundo Comum da maioria dos heróis representa, usualmente, uma condição estática e ao mesmo tempo instável (Vogler, 2015). As sementes da mudança e do crescimento são plantadas e espera-se um tempo para que possam germinar mediante uma pequena energia. Essa nova energia, como nos aponta o autor, simbolizada de inúmeras maneiras em mitos e contos de fadas é o que Campbell irá chamar de **Chamado à Aventura**. Esse Chamado pode vir de diversas formas: através de um mensageiro, como um novo evento, como uma declaração de guerra, uma inquietação do íntimo do h(eu)rói, um mensageiro inconsciente trazendo a notícia de que é hora de mudar, ou todas essas juntas, ou mesmo nenhuma delas. Cada herói poderá sentir de uma maneira diferente seu chamado.

O meu chamado é um somatório de cada uma dessas. A escrita desta seção se inicia sinalizando que no Congresso Brasileiro um novo marco para as causas LGBTQ+ está sendo travado novamente acerca da votação sobre a proibição do casamento homoafetivo, e como isso me atravessa e influencia o meu *vivercotidiano*; perceber que as terapias de conversão, ou a chamada “cura gay” ainda têm sido perpetuadas, e que diversos colegas “psi” ainda mantêm no bojo de seus atendimentos o entendimento que as sexualidades dissidentes devam ser tratadas. Isso me enerva.

Segundo Heller (2012) a vida cotidiana é a vida do homem por inteiro, ou seja, o homem participa na/da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade, colocando em funcionamento todos os seus sentidos, todas suas capacidades intelectuais, suas habilidades de manipulação, sentimentos, paixões (prefiro chamar de afetações), ideias e ideologias. O cotidiano então, segundo a autora, seria permeado de tudo que nos conduz como humanos ordinários que somos, ou seja, nossa própria VIDA também é costurada por elementos ordinários. Os espaços que compomos também estão costurados e tecidos nessa trama da vida cotidiana.

Gosto de pensar na vida como um grande tear. Seus fios podem ser traduzidos enquanto as escolhas que vamos fiando ao longo dos anos, os caminhos que vão se entrecruzando ao produzir peças nunca acabadas, já que o fim da produção seria o próprio fim da vida. O tear da vida tece a trama de todos nós. E nessa trama, o drama da vida cotidiana se desvela. Somos, afinal, todos tecelões.

O fato de atuar enquanto psicólogo clínico e trabalhar, quase sempre, com a dor, a angústia e a dúvida do outro, também me coloca em consonância com esse tecer de forma indireta, tecendo junto ao paciente os fios de suas escolhas, sendo continente para suas angústias

e vendo colorido aonde, aparentemente, tudo já se esvaiu e se encontra em gradiente cinza. Enquanto professor de disciplinas teóricas e supervisor do estágio ambulatorial e hospitalar na universidade, sinto-me sempre convocado a esse espaço também. Cuidado, continente e ressignificação. Tecer é uma tarefa, por vezes, árdua e burocrática, mas entremeada em muito afeto. Os fios do tear da **vidamundocotidiano** irão tramar jornadas, histórias, contextos, desejos, fracassos, caminhos, sabores e dissabores, fins e (re)começos (Figura 9).



Figura 9: h(eu)rói em formato de anime tecendo os fios da vidamundocotidiano.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

A arte de tecer é antiga. Originário do latim, *texere* significa o hábito de entrelaçar diversos tipos de fios na horizontal (trama) e na vertical (urdume). O desenvolvimento da tecelagem surgiu da necessidade humana de se produzir utensílios capazes de auxiliar nas atividades diárias. Primitivamente, o homem das cavernas usava as fibras, folhas secas e gravetos para conformar os primeiros objetos (Pezzolo, 2017), e assim foi se desenvolvendo até chegar nas produções atuais. Cronologicamente, o linho é a fibra têxtil mais antiga, datada em cerca de 10.000 a.C. na Mesopotâmia e no Egito, ficando à frente da lã, que data de 7.000 a.C. também na Mesopotâmia; o algodão, encontrado no Paquistão e Índia, data de 3.000 a.C., e por fim, a fibra natural menos antiga seria a seda, datada de 2.700 a.C. na China.

Por volta de 1270 d.C., a tecelagem era majoritariamente uma atividade doméstica, frequentemente realizada por mulheres como complemento à economia familiar (Sugden; Cockerill, 2017). A partir de 1733, com a invenção do tear voador por John Kay, a tecelagem começou a se mecanizar, impulsionando uma transição do artesanato doméstico para a

tecelagem industrial (Cartwright, 2023; Sugden; Cockerill, 2017). No século XIX, esse processo consolidou a indústria têxtil como pilar da Revolução Industrial britânica, embora a prática da tecelagem manual tenha resistido em contextos artesanais e culturais (Cartwright, 2023).

Segundo Nilda Alves (2008, p.16), estudiosa que se debruçou aos estudos dos cotidianos escolares, é através da “[...] escolha feita pelas ideias e redes de conhecimentos e de tessitura do conhecimento em redes [...]” que poderemos observar que nossos conhecimentos poderiam ser explicados a partir da percepção das intrincadas redes nas quais nossas verdades são alicerçadas. Para ela, a ciência sempre preconizou que é preciso haver uma separação entre sujeito e objeto de estudo, a fim de garantir um distanciamento saudável, e uma assepsia na pesquisa.

Entretanto, esses conhecimentos e as formas como são tecidos irão exigir que admitamos ser preciso mergulhar de forma integral em outras lógicas para apreendê-los e compreendê-los. O cotidiano não pode ser explicado de maneira tão palpável e imparcial, já que estamos enredados nele também, costurados em meio a tantas dimensões e camadas que integram nosso viver.

Como cotidiano, podemos pensar em um termo utilizado para tentar dar conta de uma dimensão criadora de vida, e, potencialmente, da vida em sociedade que irá contemplar diversas formas de vivências, produtos e produtoras de *espaçotempos*, constituinte e constituído de tudo que nos cerca enquanto seres sociais, inclusive de conhecimento sobre o mundo.

Boaventura Santos (2007) reitera o que foi sinalizado por Alves, quando destaca que a ciência moderna estabeleceu caminhos próprios e totalizantes para produzir e validar o conhecimento. Dessa maneira, o que é quantificável, visível e classificável pode ser considerado ciência. O autor irá retratar o conhecimento e a ciência sob dois vieses distintos: o paradigma dominante e o paradigma emergente. Como paradigma dominante, entende-se:

[...] um paradigma que pressupõe uma única forma de conhecimento válido, o conhecimento científico, cuja validade reside na objetividade de que decorre a separação entre teoria e prática, entre ciência e ética; um paradigma que tende a reduzir o universo dos observáveis ao universo dos quantificáveis e o rigor do conhecimento ao rigor matemático do conhecimento, do que resulta da desqualificação (cognitiva e social) das qualidades que dão sentido à prática ou, pelo menos, do que nelas não é redutível, por via da operacionalização, a quantidades; um paradigma que desconfia das aparências e das fachadas e procura a verdade nas costas dos objetos, assim perdendo de vista a expressividade do face a face das pessoas e das coisas onde, no amor ou no ódio, se conquista a competência comunicativa (Santos, 1989, p. 34).

Como paradigma emergente, entende-se a expansão da ideia tradicional de conhecimento e ciência enquanto olhar socioepistemológico que propõe uma nova gramática do político e do social ao enfatizar a participação democrática e da inclusão de vozes silenciadas e marginalizadas no processo de construção do conhecimento (Pereira; Carvalho, 2008).

Ao se pensar nos estudos do cotidiano, faz-se, premente, refletir sobre modos mais plurais de produção do conhecimento em distintas fontes que irão compor nossos modos de ser e agir, impossíveis de serem quantificados, classificados e, prontamente, verificáveis (Araujo et al., 2013). Dessa maneira, estudar os cotidianos é desconstruir-se, para então, reconstruir-se, ou melhor – destruir-se, a fim de que uma nova rota de sentido possa ser criada.

Pensar o cotidiano é experienciar que o plural seja algo primigênio, e que a diferença seja constituinte de seus termos. O ato de escrever poderia ser classificado como: “atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado” (Certeau, 1994. p. 225). Neste nível elementar, encontramos três níveis distintos, segundo o teórico supracitado (1994):

- 1) Página em branco: espaço próprio de produção do sujeito, dando a ele autonomia para se colocar e se enxergar nesse campo; vislumbra-se um empoderamento do sujeito sobre si mesmo e seu fazer;
- 2) Construção do texto: série de operações articuladas (gestuais e mentais) que irão traçar nas páginas as trajetórias que desenharam palavras, frases até gerar um sistema mais complexo. Nesta página em branco, de forma progressiva, itinerante e regulamentada, compõem-se o artefato de outro “mundo”, uma caminhada, agora não mais recebido, mas fabricado;
- 3) Construção não é só um jogo: na sociedade o jogo é uma atuação, um teatro, onde se representa a formalidade das práticas, podendo ser distinto das práticas sociais efetivas. Entretanto, no jogo escriturístico, objetiva-se enquanto alvo a eficácia social, ou seja, irá atuar em sua exterioridade e ter duas funções distintas – fazer que uma informação de fora esteja aí classificada e entrelaçada num sistema e assim, poder transformá-la; ou fazer com que regras e modelos já elaborados neste espaço permitam agir sobre esse meio e, assim, também transformá-lo.

À visto disso, compreende-se, por meio dos escritos de Michel de Certeau (1994), que os elementos que entram nessa ilha da página são os recebidos, constructos que denunciam uma certa “passividade” do sujeito que as recebe em função de uma tradição; e o que sai é o produto, elemento que irá demarcar a possibilidade do sujeito de fabricar objetos. Afinal, essa não é uma das intenções de uma pesquisa? Refletir sobre os modos de vida cotidiana, principalmente nos espaços educativos, e, por intermédio de seus escritos, remontá-la, desconstruí-la e permear novos produtos, pensamentos e trajetórias?

Retomando Alves (2008) em suas pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares, deparei a necessidade de mergulhar por inteiro em outras lógicas para compreender os conhecimentos e tecituras produzidas nos cotidianos. Como preconizado pela ciência moderna, a separação de sujeito e objeto seria a única forma de construir algo realmente científico, dificultando os estudos da vida cotidiana, já que esses conhecimentos são produzidos por nós mesmos em ações diárias. Isso também não seria válido? Pensei por muito tempo que não...hoje, percebo que SIM. Mas tem dias que dá uma vontade danada de recusar ao chamado, e, simplesmente fingir que não é comigo. Sabe aquela ligação que você vê no celular e, sutilmente, recusa? Então...

Recusa ao Chamado: seria minha vivência cotidiana digna de uma tese?

Se todo chamado inaugura uma travessia, ele também convoca seus fantasmas. A urgência que pulsa em mim é atravessada pela hesitação: o desejo de escrever se encontra com o medo de me deixar ler. É nesse interstício que a recusa se insinua — medo do epistemicídio¹¹ (Carneiro, 2005), medo de que minha voz se perca nas estruturas que preferem o silêncio ao grito. Como lembra Heller (2008), a vida cotidiana absorve e exige, mas não anula a possibilidade de escolhas. Aqui, minha escolha é nomear a recusa, pois sem ela o chamado não se cumpre.

A fim de elucidar seu método, e demonstrar sua preocupação com a forma como ele foi estruturado, faço das palavras de Alves (2008, p.16) as minhas: “em relação ao método, tenho

¹¹ Sueli Carneiro (1950–), filósofa e ativista do movimento negro brasileiro, desenvolveu o conceito de *epistemicídio* para designar o processo histórico e estrutural de deslegitimação e destruição dos saberes produzidos por pessoas negras. Trata-se de uma dimensão do racismo que, além da violência material, atua no campo do conhecimento, negando a validade das epistemologias negras e impondo a hegemonia branca e eurocêntrica (Carneiro, 2005). Peço licença para ampliar o conceito e estendê-lo para pessoas LGBTQ+, já que também são minorias sociais silenciadas e invisibilizadas no que tange produções em educação, ciência e cultura.

que começar por admitir que estou sempre cheia de dúvidas e sobre ele tenho muito o que aprender”. Se os cotidianos são complexos, a forma de melhor conhecê-los e estruturá-los também serão. Para ela, serão cinco os movimentos de percepção e decodificação dos cotidianos.

Entretanto, antes de construir e sinalizar os movimentos de Alves, queria destacar alguns meus. Tem sido um ano/semestre extremamente cansativo, com alto grau de estresse, jornadas triplas de segunda à sexta, dividindo-me entre o doutorado, a psicologia clínica e a docência. Trabalho cerca de 60h semanais juntando tudo. As idas à análise têm me feito refletir bastante sobre o valor do que quero, e da forma como tenho me relacionado com todos esses objetos juntos. Seria necessário desistir de algum? O doutorado ainda faz tanto sentido quanto antes? Ser professor, tem sido, proveitoso? O consultório e o cuidado aos pacientes, tem sido feito de forma integrada? E de mim, quem irá cuidar? Tenho tido múltiplos sintomas físicos e psicológicos de desgaste e que beiram um *burnout*¹². A Síndrome do Intestino Irritável (SII) também me acometeu e deu sinais fortes nesses últimos meses, gerando crises de constipação e diarreia, e uma perda de peso de quase 6 kg. A proctologista disse de forma enfática: “procure um psiquiatra, você não está nada bem.”. Minha analista reiterou: “o que é preciso acontecer para que você perceba que não tem dado conta?”.

Em seu mais novo livro intitulado Sobre Desistir, o psicanalista Adam Phillips (2024) retrata de forma magistral a desistência enquanto potência. Talvez esse tenha sido um dos livros mais significantes que li nesse período. A impressão que ficou era que ele havia escrito para mim. Para o autor, desistir não seria meramente uma derrota ou fracasso, mas uma abertura para novas possibilidades e começos que só se abririam caso desistíssemos do caminho outro. Desistir seria ressignificar uma rota a fim de explorar outra. Desistir seria fechar a porta dimensional que leva a uma jornada a fim de abrir uma outra no rumo de outra direção. Desistir seria estar de acordo com os desejos mais internos, desatrelando-se das vontades impostas pelo meio externo, das expectativas sociais e pessoais para enfim, poder ser, impreterivelmente, **você**. Um EU genuíno poderia aparecer.

Apareceu...e eu desisti. Calma, não foi de nenhum dos caminhos que eu já tinha preestabelecido anteriormente. Até poderia ter sido, mas não. Foi da concepção megalomaniaca que eu sustentava sobre todos meus afazeres e de me colocar sob uma ótica maquinal. À medida que fui conseguindo organizar melhor, renunciar algumas coisas e articular as três estâncias de

¹² Segundo a Organização Mundial da Saúde (2019) o burnout pode ser classificado enquanto um fenômeno ocupacional que surge devido ao estresse crônico no ambiente de trabalho ou referente às ocupações laborais. Caracteriza-se por exaustão extrema, física e/ou mental.

atuação de uma forma mais empática e respeitosa, pude perceber que tudo foi fluindo melhor. Minha analista até tem me dado parabéns (de maneira muito sucinta e discreta, claro) pela forma como venho encarando a vida no geral.

No início é natural que os heróis reajam tentando evitar a aventura. Como posto por Vogler (2015), até mesmo Jesus Cristo, no Jardim de Getsêmani, na noite que foi crucificado, pediu: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice”. Normalmente embasado por experiências do passado a Recusa ao Chamado acaba sendo um ato comum para o h(eu)rói. Essa pausa dramática, segundo o teórico, sinaliza ao leitor que a aventura é permeada por perigos e que tem um alto preço. Os mitos e contos de fadas de todo o mundo deixaram claro que a recusa é, potencialmente, uma recusa a renunciar àquilo que a pessoa julga ser de interesse próprio (Campbell, 2007). Renunciar ao que eu já tinha estabelecido de rotina, o *modus operandi* atual de minha própria vida para ajustar a uma nova realidade que também coubessem as idas presenciais às disciplinas teóricas, leituras, trabalhos, seminários e a tão fatídica escrita da tese, era sim, algo que talvez eu não estivesse tão disposto a mudar. É que mudar dói. Renunciar a algo para encontrar espaço para outra coisa não é uma tarefa fácil. Esses dias fiz um exercício comigo mesmo: iria começar pelas roupas usadas. Deu certo! Com o restante de atividades já estabelecidas...vamos vendo!

Os heróis recusam o Chamado ao apresentar uma longa lista de desculpas bem esfarrapadas, almejando atrasar de forma óbvia o enfrentamento do destino inevitável. Vogler (2015) belissimamente destaca que esses heróis aceitariam a aventura se não fosse por uma série urgente de compromissos. Sempre que me perguntavam/perguntam como anda a escrita da tese, a resposta era/é uníssona: INDO. Mas também, como posso me dedicar trabalhando 3 períodos todos os dias?! – respondia astutamente. Desculpa, em partes, esfarrapada.

Retomemos aos movimentos de Alves (2008). O **primeiro será o sentimento de mundo**, movimento que irá colocar o pesquisa-dor a sentir o mundo, não só observá-lo de longe ou de cima com uma postura de distanciamento. Pelo contrário, o pesquisa-dor é parte vital do processo, já que também vive e produz nos cotidianos, todos os dias. É preciso estar disposto (a) a ir além do que outros já viram e um pouco mais, ou seja, mergulhar em águas desconhecidas de uma certa realidade e se deixar ser tocado por ela e a tocar, sentir as pessoas e se permitir ser tocado por elas.

O **segundo movimento será o de virar de ponta cabeça**, isto é, duvidar de verdades absolutas e subverter as teorias já conhecidas, a fim de construir uma “verdade” em um nível superior. As teorias serão percebidas, desde o início, como hipóteses a serem testadas, mas

jamais confirmadas. Necessário, então, criar uma organização de pensamento e novos processos a partir das lógicas consideradas inferiores ou pouco lógicas, sem a necessidade de confirmá-las enquanto lógicas ou não, verdadeiras ou não. Ao invés de dividirmos as teorias e conceitos com intuito de analisá-los, poderemos multiplicá-los, afinal, o cotidiano se reinventa e se recria a cada novo dia.

O terceiro movimento será o de beber em todas as fontes¹³, proposta que nos impele a repensar o “ver para crer”, a fim de buscarmos uma ampliação sobre a forma da busca do conhecimento. Na complexidade e diversidade de forças de expressão e subjetividades, encontraremos a heterogeneidade de vivências e sujeitos, lembrando-nos que os cotidianos se inscrevem nas diferenças. Tecer os cotidianos é flertar com a pluralidade de vida. Por que não uma pluralidade de fontes de busca?

A multiplicidade epistemológica presente neste trabalho não é um desvio metodológico, mas uma opção teórico-política. Como aponta Nilda Alves (2004), há pesquisas que não caminham em linha reta, mas em espirais, voltas e retornos que atravessam distintas fontes e tradições. Inspirado por uma abordagem rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) e por pensadoras como Catherine Walsh (2009), Gloria Anzaldúa (1999) e Denise Ferreira da Silva (2019), este trabalho busca escutar aquilo que cada saber pode oferecer à cena da escrita e da vida, sem a pretensão de fundar uma unidade ou coerência totalizante. Trata-se de beber em várias fontes, como faz quem costura com fios de origens distintas — confiando mais na força do tecido do que na pureza dos fios. Beber em várias fontes é uma atividade prazerosa para mim.

Faço isso desde criança – lendo mangás enquanto estudava biologia e via notícias jornalísticas na TV. O mundo sempre me foi apresentado de forma caleidoscópica. Sempre tive muita fome em saber muito de muita coisa diferente. Certa vez, uma aluna que se sentava lá no fundo da sala, levantou a mão e disse: “professor queria saber como é ser sua amiga lá do lado de fora. Você fala sobre tanta coisa ao mesmo tempo, como consegue saber de tantos assuntos?! Deve ser divertido ter você como amigo”. Sorri, encantado com essa percepção, e agradei.

¹³ Em minha banca de qualificação foi sinalizado que havia muitas epistemes diferentes, e que seria importante defender uma e verticalizar a Tese em um âmbito epistêmico mais estruturado. Até escreveram em um dos exemplares devolvidos corrigidos da Tese: “tenta demonstrar tudo que sabe sobre tudo”. Concordo. São múltiplos os acessos, abas, teorias e conceitos que acabo perpassando ao longo da minha jornada acadêmica e pessoal. Como um bom professor de uma universidade particular, já fui convidado a ministrar disciplinas que, até então, pouco possuía de conhecimento, mas que não me faltava curiosidade em pesquisar e aprender. Claro: seguindo os preceitos éticos de não me colocar onde não sinta que há possibilidades e recursos. Então, refletindo melhor agora, concluo: talvez seja esse “beber em todas as fontes” que Alves sinalizou como um dos preceitos de sua teoria e que é um dos mais seguidos por mim. Tentarei manter todas essas epistemes até a defesa. Professores convidados para a qualificação, com todo respeito, podemos concordar em discordar? =)

Em Walsh (2009) encontro respaldo no conceito de “pluriversalidade” como um antídoto à universalidade e ao eurocentrismo, propondo uma desobediência epistêmica, reexistência enquanto resistência mais reinvenção e uma prática educacional inclinada à relação entre corpo-território-saber. Ao adentar a noção de interculturalidade crítica, a teórica rompe com os paradigmas estruturais estáticos e delineados e propõe uma valorização dos saberes ancestrais e diálogos horizontais entre diferentes matizes de conhecimento.

Escolho, ainda, Gloria Anzaldúa e Denise Ferreira da Silva como expoentes do pensamento decolonial por suas contribuições singulares na construção de redes epistêmicas insurgentes. Anzaldúa (1999) propõe o conceito de *borderlands*, um espaço de fronteira onde saberes híbridos e contraditórios coexistem, rompendo com dicotomias coloniais entre centro e margem, razão e emoção. Como mulher mestiça, promulga a hibridez como potência do saber, e que a ciência não viria de um campo só. Já Ferreira da Silva (2019) formula a ideia de uma *poética da relação*, em que conhecer não se dá por separação, mas por implicação sensível e ética entre corpos, mundos e saberes. Ambas as autoras operam com epistemologias encarnadas, afetivas e críticas ao universalismo moderno, abrindo caminhos para pensar e escrever desde os entre-lugares da existência. Percebo-me assim também, *entre-lugares-saberes* metamorfoseando as estruturas concebidas como verdadeiras.

O quarto movimento será o de narrar a vida e literaturizar a ciência, e, para mim, um dos mais bonitos preconizados por Alves (2008). Nesse movimento a autora propõe um novo modo de registrar o mundo ao fugir do óbvio e, assim, tecer novos outros registros e percepções. Ao narrar, o escritor/pesquisador irá participar daquilo que escreve/narra. Dessa forma, Alves (2008) sinaliza a importância das narrativas nas pesquisas nos/dos cotidianos, e destaca a variedade de informações nelas contidas.

Por fim, anos depois de sinalizar seus quatro movimentos necessários para a pesquisa nos/dos/com o cotidiano, Alves (2003) passa a se indagar sobre os movimentos passados e se teria deixado algo para trás. Percebe, que ao reler seus escritos, deixou elementos importantes nas leituras do cotidiano: os praticantes do cotidiano como coprodutores dele mesmo. Dessa maneira, sinaliza:

[...] o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes, como as chama Certeau (1994) porque as vê em atos, o tempo todo. Cabe, assim, a pergunta: por que falando sobre isso o tempo todo, não me dei conta disso? E por que consigo fazê-lo agora? (Alves, 2003. p. 6).

A esse quinto movimento, a pesquisadora chamará *Ecce Femina*, já que estaria mais apropriado aos cotidianos das escolas. O nome é uma clara homenagem à Nietzsche e Foucault, derivado de *Ecce Homo*. Os movimentos descritos aqui serão indispensáveis para a leitura do cotidiano, no cotidiano e com o cotidiano, permeando “combinações, apropriações, traduções e negociações com/entre diversos autores, atores, representações sociais, conceitos e práticas” (Nolasco-Silva; Soares, 2015. p. 179). Serão estes movimentos que nos guiarão em momentos em que não mais parece haver outras trajetórias ou caminhos a seguir.

Tecer tais narrativas no/do/com os cotidianos entrelaçados aos do/no/com o vivido implica uma atitude dialógica, e uma arte de tecer o presente, que seduzirá os pesquisa-dores a se desprenderem da passividade de técnicas adquiridas para uma ação solidária e inovadora na relação com o outro, e, por que não, com o mundo (Nolasco-Silva; Soares, 2015). Tecer os sentidos contemporâneos exigirá a ultrapassagem de gramáticas racionalizantes, como nos apontam o autor e a autora, a fim de reconstruir histórias de vida em um cenário de diferenças culturais, com uma extrema sensibilidade e uma fina sintonia com o tempo presente. Narrar o vivido e fazer tecituras do presente serão tarefas atribuídas ao pesquisa-dor dos cotidianos, mas sem se esquecer do contexto em que essas leituras são feitas, como nos aponta Silva (2006, p.93 apud Nolasco-Silva; Soares, 2015):

Por isso tudo, o narrador do vivido/pesquisador de imaginários é um “*bricoleur*”, um inventor/decifrador dos puzzles das práticas sociais. Vivencia para observar; observa para compreender; compreende para explicar; explica para contar; conta para ampliar a compreensão/explicação; amplia para tecer com outros a narrativa social. Ao vincular, aproxima-se mais da radicalidade dos fenômenos extremos (situações no limite da transparência e da opacidade que só se revelam pelo paradoxo e pela ironia).

Desprender-se do passado ao qual a cientificidade é dada pela ordem quantitativa e com rigor estrutural bem demarcado, não é uma tarefa nada fácil. Reigota (1999/2021), reitera que também teve medo ao começar seus primeiros rascunhos das narrativas ficcionais, já que saía de uma escrita mais etnográfica e rumava para uma outra com critérios diferentes: “Estava preocupado com a “cientificidade” do trabalho, preocupação essa muito mais decorrente de hábitos pessoais do que necessariamente compromisso com uma linguagem e metodologias científicas, exigências profissionais e critérios institucionais” (Reigota, 1999/2021. p. 41).

Assim, a fim de substituir uma pesquisa potencialmente etnográfica (Nós ((os/as)) ecologistas: Um estudo etnográfico), e com limitações que lhe preocupavam e inquietavam, o autor sinalizou algumas percepções – dificuldade em situar o estudo em um quadro etnográfico

científico; obtenção dos dados não obedecia a nenhum dos critérios da pesquisa; heterogeneidade das questões e do tempo (não-sistematização) e, por fim, limites concretos para aprofundar em uma cultura complexa. Reigota (1999/2021) transcende para as narrativas ficcionais.

Entretanto, dois aspectos essenciais privilegiaram essa escolha de transcendência do método da pesquisa para o autor: como pesquisa-dor, seria possível utilizar dados, informações, privacidades e momentos especiais, onde ele (ou eu) seríamos os únicos participantes ou uma das poucas testemunhas dessa situação? Como pesquisa-dor inclinado a trazer ao debate público-científico as situações concretas de vida complexa e compartimentalizada de nossa época, seria possível se basear em pessoas pelas quais tenho relação sociais e de intimidade, sem expô-las? Palavras de Reigota.

A Recusa ao Chamado talvez seja uma oportunidade de redirecionar o foco da aventura. Porém, ao final, o medo costuma ser superado ou deixado de lado, e não raro, com o auxílio de uma significativa figura representada por uma força sábia e deveras protetora. Chegamos no próximo estágio: o **Encontro com o Mentor**.

Encontro com o Mentor: os mentores abrem passagens...

Ao começar esse novo tópico, depois de quase 3 anos cursando o Programa de Pós-graduação, consigo precisar melhor algumas passagens sobre o papel do orienta-dor e do grupo como um todo. Gostaria de situar algumas questões antes de iniciar propriamente essa discussão.

Várias vezes não me achei um bom “filho”, forma carinhosa que meu orienta-dor chama seus orientandos, principalmente por eu estar ocupado e distante dos eventos que poderia participar. O labor, me toma um tempo imenso e torna excruciante alguns afazeres. Temos um grupo intitulado **Filhos/as PPGE** no *WhatsApp* de nosso grupo de pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação. Hoje somos em 12 pessoas. Sempre que posso dou uma espiadinha no grupo, vejo as mensagens, tento reagir com algum emoji ou algo do tipo e interagir quando não se passou muito tempo e perdi o *timing*, mas falho miseravelmente, muitas vezes.

Mas afinal: o que seria uma Perspectiva Ecologista da Educação? Por muito tempo, e até por vergonha de perguntar, logo no início do grupo, achei que era voltado para o meio ambiente. Pensava: mas por que o meio ambiente vai ser estudado em um grupo destinado à Educação? Isso não seria mais inclinado à Biologia? Não que o meio externo não seja visto,

mas aqui, esse meio ambiente também é composto por nós, por outros e por vozes distintas. É o meio que nos circunda e compõem essa combinação de múltiplos vetores. Compreende-se como uma proposta política-pedagógica, cultural e social que se lança em direção ao humano, suas inter-relações, vivências, ocorrências, movimentos e acontecimentos. Uma investigação do cotidiano como sendo peça-chave desse *ser-fazer-vida*. Hoje vejo que é um sopro de vida em tempos tão caóticos e endurecidos, ao ver beleza em elementos tão mundanos ou desprovidos de valor vital para outros. Gosto da palavra perspectiva: remete-nos à sensação sobre modos outros de analisar determinada situação ou objeto.

Cada qual pode ter uma visão diferente. Mais uma vez me pego pensando na Psicologia: ciência multidimensional que permite olhar para a mesma situação de distintos prismas, não contendo uma verdade única e nunca em um sentido puramente unidirecional. E agora, bem mais imerso na Educação que outrora, vejo também a mesma pluridimensionalidade na área do *saber-fazer-vida*.

Essa situação de não me achar tão próximo quanto gostaria da pesquisa também já foi e ainda é palco fértil para minhas sessões de análise. Tenho me desculpado por ser quem sou, ou tentado compreender a peculiaridade de ser quem sou e o que me tange. Comparar-me aos demais colegas do grupo ou da sala também tem sido um exercício cada vez menor. Como a charge da Mafalda desenhada por Quino (Figura 10), expresso meu sentimento atual, mas de forma incrivelmente mais empática e altruísta:



Figura 10: Mafalda.
Fonte: Alexandre (2022).

Agora sim, posso retornar ao momento de dúvidas sobre a pesquisa e o papel do orientador. As minhas dúvidas iniciais (favor, retornar ao penúltimo parágrafo da seção anterior), e posteriores perguntas ao meu orientador, no início da jornada, que ainda não era essa jornada, mas já se formatava em uma, que agora, cá entre nós, me dá um alívio danado em saber que

mais pessoas também se questionavam sobre isso, foram sendo sanadas. Ele, o orienta-dor, respondeu minhas dúvidas enviadas por áudio de forma objetiva nesse primeiro momento: **SIM, FICCIONANDO SUAS NARRATIVAS**. Novamente o temor: será que escrever uma narrativa ficcionando situações é possível para uma tese de doutorado? Vejamos...

Nossos encontros se deram de maneira esparsa, talvez quatro ou cinco presenciais até o momento, e alguns poucos outros remotamente. Falamos mesmo, sempre, é por áudio: ele correndo de um lado e eu de outro. Nos entendemos muito bem nessa parte! O Thiago é um orientador que me deixa muito livre, sem cobranças pesadas e usualmente bastante afetivo, e isso às vezes me preocupa. Será que confia tanto assim em mim que me deixa solto? Para Vogler (2015) a figura do Mentor¹⁴ no folclore e na Mitologia é amparada por uma entidade sábia e que tem em seu bojo de instrumentos a proteção, orientação, ensino, teste e treinamento, além de presentes mágicos. Nessa fase da jornada o h(eu)rói recebe os suprimentos e a confiança indispensáveis para seguir sua viagem.

Observação: quando joguei a figura do mentor por diversas vezes no aplicativo de IA, sempre saia a figura como alguém mais velho, cabelos longos e brancos e um ar de sabedoria cascuda (Figura 11).



Figura 11: encontro do h(eu)rói com seu mentor/orienta-dor.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA)

¹⁴ O próprio termo Mentor deriva de personagem homônimo da Odisseia, sendo o amigo leal de Odisseu que cuida de seu filho enquanto o herói perscrutava sua longa jornada de Guerra de Troia. Essa semana mesmo revi Gladiador, filme de Martin Scorsese de 2000. Fiquei maravilhado como o filme retrata de forma explícita a típica saga do herói e o papel do Mentor, ali retratado por Marcus Aurelius, o imperador que confia seu império a Maximus, seu fiel guerreiro ao invés de repassar a seu filho biológico. Guerra na certa, né?!

Thiago, desculpe. Nós sabemos que você é jovem... e nada cascudo! Comprovação (Figura 12):



Figura 12: Marcos Reigota e meu Orientador (Thiago).
Fonte: Arquivo pessoal. Ano:2024

Acredito que os presentes mágicos estão sendo dados desde antes mesmo do início da jornada de fato, no formato de compartilhamento de artigos, capítulos de livros, encontros para orientações e afunilamento de nossa relação como dupla e grupo. Recentemente mandei uma mensagem de áudio quando marcamos a data da qualificação e perguntei: “Thiago, está mesmo bom o suficiente para a qualificação?”. Ele disse: “relaxa, Gui, vai dar tudo certo! Eu acredito em você!”. Então tá!

Pelo menos com relação ao orientador, vejo dessa maneira: uma figura que orienta e canaliza a pulsão criativa e/ou destrutiva para um caminho mais saudável. No caso o caminho é sobre a própria Educação, mas não só, já que várias dimensões se encontram atreladas ao próprio ato de orientar e ser orientado. Educar é também uma orientação para a vida.

A figura da minha analista aqui também entra em jogo, já que tem tido um papel relevante em minha jornada. Além de outras pessoas que já passaram pelo processo e contribuem de forma direta ou indireta na contenção de angústias, e pessoas que não sabem nada sobre o processo. Minha mãe é uma delas. Perguntou-me, esses dias, porque eu dizia sempre que estava escrevendo e lendo. Falei que boa parte disso era em função do doutorado e que me exigia um quinhão de tempo nos finais de semana. Deu de costas e disse que não

entendia nada disso, e para eu descansar mais. A sublimação da dor em arte é um processo encanta-dor. Diz o mesmo sobre o trabalho em excesso: “agradeça que trabalha bastante, tem gente que nem trabalho tem!”. É isso... (rindo de nervoso).

A arte enquanto mecanismo de sublimação do desespero e da dor, principalmente diante da frustração humana em decorrência do pacto civilizatório, faz-se presente como via privilegiada para manutenção da vida psíquica e uma possível superação do mal-estar na civilização (Freud, 2012). Antes de Freud e posterior a ele, os sujeitos, interpelados pelo contexto contemporâneo, esforçam-se por encontrar medidas paliativas para tentar amenizar o insuperável sofrimento condicionado à existência humana e de suas constituições subjetivas (Vieira; Lima, 2019).

No artigo “Escritores Criativos e Devaneio” de 1908, Freud (1996) examina a relação entre a criatividade literária e o devaneio, e argumenta que os escritores tendem a transformar suas fantasias e desejos inconscientes em narrativas ficcionais, próximo ao que ocorre com os devaneios infantis. O autor sugere que através do ato de sublimação, os escritores conseguiriam canalizar impulsos reprimidos e conflitos internalizados e/ou recalcados em vias artísticas a fim de estetizá-las e torná-las mais aceitáveis para a sociedade. Tal produção traria alívio emocional para quem escreve e uma experiência catártica para quem a lê (espero que esteja sendo catártico para você, caro (a) leitor (a)).

Como postulado por Letícia Vieira e Priscilla Lima (2019, p. 61):

O poeta apresenta a si mesmo na produção de sua escrita. Seus conflitos e desejos estão presentes de forma condensada e deslocada, assim como as aspirações da criança estão presentes na brincadeira. Nesse processo, de acordo com Freud (1908/1996b), o escritor criativo divide “seu Eu por meio da autoobservação em Eus-parciais e, em consequência disso, personifica a avalanche de conflitos de sua vida psíquica em muitos heróis”.

Tudo aqui sou eu. Toda escolha, por mais fácil ou árdua que seja, ainda é sobre nós. Uma ex-analista, sei lá, de uns 12 anos atrás ou mais, certa vez me disse: “a escrita é sempre biográfica, por mais que você não queira e relute em não parecer parcial. A análise também segue esse caminho, por mais que você insista em usar mecanismos de defesa contra o que eu lhe falo.”. Eu escrevia sobre o amor na época em que a conheci na faculdade, e isso se tornou meu objeto de pesquisa. Ela foi minha orienta-dor-a de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, posteriormente, minha analista por alguns anos. Havia terminado um namoro bem difícil quando a conheci, e, impregnado por dúvidas acerca dos caminhos do Eros, busquei na escrita

minha redenção e paz. Não me lembro se achei...mas achei na escrita e na análise uma contenção.

John Dewey (2010) em seu livro “A arte como experiência” retrata bem como a arte não pode estar separada da estética e do contexto de quem a aprecia, logo, não pode estar separada da vida cotidiana; é uma extensão dela. A beleza não residiria somente nas artes ditas tradicionais e puras, mas nas interações ordinárias e momentos diários que subvertem a lógica que a beleza só se extrai do extraordinário e excepcional. Para que contemplemos a arte da beleza e a estética no cotidiano, segundo o autor, seria necessário estarmos engajados e presentes no momento que nos cerca. A integração entre arte e vida diária poderia nos levar a uma forma mais plena e simples de vida. Fiquei arrepiado ao escrever essa estrofe agora.

Posto isso, as narrativas ficcionais são descritas por Proença (2009), como aporte teórico e metodológico possibilitado pelas conversas do cotidiano para o debate de questões importantes no momento, além de proteger, de uma maneira ética, aqueles que em suma, contribuem para a pesquisa. Quando penso cotidiano, aliás, pensava, o que me vinha à cabeça era algo corriqueiro, sem propósito, medíocre e não-científico. Entretanto, como nos presenteia Peter Spink (2008), o cotidiano é o espaço do “micro-lugar”, exemplificado por ele como sendo todos os espaços desde bares, a fila do banco, estacionamentos, corredores, elevadores, e por que não, as escolas e universidades, instituições formais e informais de ensino; ou seja, todos os campos-espacos que nos compõem.

Com isso, busca-se uma recuperação da Psicologia Social como prática social de conversas e debates, de trocas e inserção desse pesquisa-dor nos encontros diários que se dão de forma real, não abstrata e desconectada, alquimiando esse *tecerviver* cotidiano (Figura 13). Bem assim: um propósito despropositado.



Figura 13: h(eu)rói pesquisa-dor na alquimia de tecerviver cotidianos.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Os cotidianos são formados de densidades que não se esgotam. Entrelaçam-se, conectam, desvelam, revelam e se reconectam. Os horizontes se expandem e o pesquisa-dor é parte indissociável desse cotidiano, e não alguém externo que está ali como mero expectador/observador passivo e asséptico. Como nos revela Reigota e Prado (2008) ao citar Schomer (2006), o “eu” tem uma importância gigantesca:

As lembranças que todos têm de onde vieram, moldam seu sentido do “eu” e, dessa forma, afetam as maneiras como constroem suas vidas. Ademais, as histórias de vida são “narrativas exploratórias” que desempenham papel crucial na vida cotidiana. Na verdade, as histórias podem ser usadas para explicitar as diferentes motivações e trajetórias de vida, mas também como evidência do processo de autoavaliação implícito na narrativa autobiográfica (Schomer, 2006, apud Reigota; Prado, 2008, p. 125).

Jorge Larrosa (1996) apresenta que a aventura de autonarrar-se é interminável, e que o “eu” seria uma contínua construção, um eterno devir e uma permanente metamorfose. Dessa maneira, ao se ouvir ou se ler, o pesquisador/pesquisado se propõe a pensar e a refletir sobre quem se é, abrindo-se à interrogação, adiando, pelo menos por ora, a busca pelo “verdadeiro eu” ou a verdade absoluta. Afinal, a vida não é ecoada nas dicotomias e polaridades dela mesma?! Nessas curvas de mim, é a escrevivência que se faz ferramenta e ferida. Escrever sobre

mim é um gesto ético e um risco estético: sou autor e matéria, caminho e tropeço. Cada fragmento, memória, dúvida ou metáfora carrega essa pulsação da vida vivida enquanto se escreve. Devir e metamorfose.

Isso me faz lembrar uma música atemporal de Raul Seixas (1973) intitulada *Metamorfose Ambulante*, que nos brinda com os seguintes refrões:

Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela, amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio, amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor, lhe tenho horror
Lhe faço amor, eu sou um ator

Remexer nos baús do passado é permear a abertura da caixa de Pandora. Vários trechos esquecidos ou recalçados por mim vêm à tona. Lembrei-me de certa vez, em uma dada escola particular – das nove que passei da Educação Infantil até o Ensino Médio - que a coordenadora pedagógica chamou meu pai para conversar. Eu estava na 2ª série do Ensino Fundamental I, hoje 3º ano.

Em hipótese alguma soube ao certo o que foi falado, também nunca tive coragem de voltar nesse assunto, mas me recordo do ar de decepção do meu pai ao sair da sala da coordenação e me perguntar como eu me sentia na escola e se eu tinha amigos. Disse que estava tudo bem, e perguntei o porquê da pergunta. Meu pai disse: “a coordenadora estava lhe achando meio “estranho” e com comportamentos diferentes.”. O que seria estranho? Seria mais uma situação em que o estranho era aquele que escapava ao “normal”, assim como aquela criança que atendi anos mais tarde e fui à escola falar sobre seu comportamento? Agora pensando sobre ambas essas situações, talvez compreenda o que seria estranho.

Esse estranho tem um corpo que o compõem. Para Guacira Louro (2001) esse estranho estaria abarcado ao termo *queer*, logo:

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (Louro, 2001, p. 7-8).

E por isso essa pesquisa tem um valor tão afetivo para mim – permeio vários espaços que a compõem e que, possivelmente, compõem tantos outros estranhos que jamais se encaixaram em nenhum espaço e que por isso estavam tão sós (Figura 14).



Figura 14: h(eu)rói em sua jornada infantil solitária.

Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA)

Os discursos que são inscritos na/pela escola e na própria educação estão, muitas das vezes, emantados por representações preconceituosas, pautadas nas pedagogias de uma sexualidade compreendida como “normal” e hegemônica, e a traçar certas diferenciações relevantes para o âmbito escolar. É necessário distinguir sexo de identidade sexual. Enquanto o sexo é uma categoria binária e inata do ponto de vista biológico, a identidade sexual não se limita às leis naturais, mas também ao contexto de significações que vão sendo construídas pelo ser humano no decorrer da vida. Essas significações não são elementos que emergem do nosso pacote pré-determinado de transformações biológicas, mas, na inter-relação que estabelecemos

com o meio social, ao passo que são internalizadas e imprimem em nossa personalidade (modo de pensar, sentir e agir) uma identidade não rígida.

Talvez, seria o momento de dicotomizar sexo de desejo sexual, de modo a considerar que as aspirações sexuais não podem ser reduzidas à fatores biológicos. Para tal, vale refletir no pensamento de Angel Pino (2005), ao sugerir que o ser humano é a única espécie a construir-se a partir de um “duplo nascimento” (p. 55): o biológico e o cultural. Dessa forma, ousamos pensar o sexo, expresso em seus cromossomos, ao nascimento biológico; e a identidade de gênero e a orientação sexual, ao nascimento cultural – construído na inter-relação de um corpo que sente, deseja e ama. Essa complexidade constitutiva não traz só marcas genéticas, ela “(...) faz do recém-nascido um candidato à condição humana” (Pino, 2005, p. 153-154): único em sua diversidade. Esses significados começam a fazer parte do nosso mundo interno de forma subjetiva, caminhando na intimidade do afloramento de nossa consciência (de mundo e de si).

Peço licença para trazer aqui um filme que recentemente me marcou bastante e que retrata o cotidiano como sendo algo prosaico e mundano, e a mediocridade vista enquanto elemento central e basal da vida de um sujeito, mas também poética, ética e estética. O nome da película é *Perfect Days* (Dias Perfeitos em tradução para o português), filme de 2023 e que concorre ao Oscar de 2024 como melhor filme estrangeiro, e curiosamente filmado em apenas 17 dias. Retrata a história de um homem de meia idade japonês chamado Hirayama, avesso à tecnologia, amante da literatura e de fotografia, e que adora suas fitas K7 enquanto dirige em direção ao trabalho. Seu trabalho é limpar banheiros públicos na agitada Tóquio atual.

O protagonista é sempre visto contemplando o céu, enquanto vive, quase como um feitiço do tempo que engendra uma repetição diária e meticulosa o seu dia a dia (Figura 15). Sempre comendo nos mesmos lugares, tomando banho público no mesmo local, mas, ainda assim, vislumbrando detalhes diferentes do vivido rotineiro. Enquanto dorme, sonha: sonha com projeções de fragmentos de seu dia a dia em preto e branco, e depois acorda e começa novamente fazendo tudo “quase” sempre igual, mas ainda assim diferente.



Figura 15: Hirayama contempla o cotidiano.
Fonte: Poster da plataforma de Streaming MUBI.

ALERTA SPOILLER: ao final do filme duas cenas ficaram pungentes em mim – enquanto dirige contemplando o nascer de mais um dia de trabalho, escuta Nina Simone cantando *Feeling Good*, chorando e rindo ao mesmo tempo, o que poderia ser um sentimento bastante contraditório. Para ele não...o cotidiano e todas suas miudezas fazem disso algo bom. Por fim, após os créditos finais uma mensagem aparece junto de uma imagem de raios de sol passando por entre folhagens das árvores – *komorebi* é a referência em japonês a isso. Não há tradução literal para o português, e nem para outro idioma, mas ao assistir ao filme é possível vivenciar, pelo menos para mim, o que isso significa para o personagem. Contemplar o passar do sol por entre as folhas tem uma beleza simples e potente. O medíocre do cotidiano não é ruim, pelo contrário, é ele que demarca a maior parte do nosso viver, e, por isso, muitas das vezes é tido como simplório e esvaziado de sentido.

O cotidiano vai de encontro ao pessoal e profissional, fazendo pontes que nos aproximam sempre dessas duas instâncias de maneira interconectada. Não seria possível que elementos que nos atravessam entre uma e outra não pudessem vazar e se entrelaçar, como um amalgama. O que me tocou nesse filme e em inúmeros outros, alicerça novos pilares dentro e fora de mim, emaranhando-se nos fios da *vidamundocotidiano*.

O que me afeta, citando agora uma outra situação bem menos prazerosa, é a atual discussão do casamento homoafetivo. Tal situação precisa ganhar palco e espaço para discussão, pois, como boa afetação, nos atravessa nos diferentes cenários e territórios que ocupamos. Esta questão me atravessou de tal maneira na época de sua discussão que foi externalizada em sala de aula com os alunos do 3º período de Psicologia. Deu uma bela discussão, diga-se de passagem. O conteúdo ministrado naquela semana era sobre Aprendizagem Significativa Crítica, na disciplina de Teorias da Aprendizagem. Quer forma

melhor de exemplificar essa teoria senão por meio de perguntas a fim de analisar como criticamente os alunos têm percebido o mundo externo a eles?

Dessa maneira “a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social” (Heller, 2012, p. 16). Se não me conecto com o que me cerca, como posso estar ali? Afinal, a questão sobre o casamento supracitada já não havia sido discutida antes? Indaguei os alunos, que ficaram pensativos ao me olhar.

Resposta: sim e não. Sim, porque em 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) determinou a obrigatoriedade dos cartórios a realizar os casamentos homoafetivos, e em 2011 já era possível a união estável ente pessoas do mesmo gênero. Tal medida permitiu que, na prática, essas famílias fossem reconhecidas pelo Supremo Tribunal Federal (IBDFAM, 2023). E não, porque no Brasil não há uma lei que permita e regularize o casamento entre pessoas do mesmo sexo ainda, mesmo que esteja assegurado pelo STF. Um aluno, declaradamente gay, manifestou-se e disse se sentir sempre pessoalmente atacado quando assuntos como esse retornam em pauta. Uma outra, mesmo se declarando como heterossexual, disse não compreender por que a união entre pessoas do mesmo gênero causava tanto atrito, e resumiu: “se você não quer que duas pessoas do mesmo gênero se casem, não se case você com uma. Simples.”. A sala toda riu; eu também. Pena nem todos pensarem de forma tão simples assim.

Atualmente, o Código Civil, que data de 2002, reconhece como entidade familiar (Brasil, 2002): “a união estável entre homem e mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família” (Lei 10.406/2002). As relações homoafetivas não entraram no *hall* de definições nesse caso.

Dessa maneira, família só seria constituída de homens e mulheres? Segundo Salvador Minuchim (1988), o conceito de família é encontrado como: complexo sistema de organização com crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente às inúmeras transformações da sociedade, com o objetivo da melhor adaptação possível para sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo. Ao pensarmos no conceito de família, nos ataques à possibilidade da constituição familiar de pessoas LGBTQ+ e no papel da escola/instituições de ensino enquanto promotoras de bem-estar, socialização e de segurança para quem as frequenta, é de vital importância que reflitamos sobre todas essas nuances.

A presença dos mentores não elimina os riscos, mas me dá condições de atravessar. É aqui que deixo o porto seguro da teoria e me lanço ao mar aberto da pesquisa de/sobre/em mim.

Como lembra Reigota (2010), a **bio:grafia** é sempre gesto político — ao cruzar o limiar, sei que não volto igual. Entro em território onde vida e ciência já não se separam. Quais os limites?

A Travessia do Primeiro Limiar

Agora o h(eu)rói se encontra no limiar do Mundo da Aventura, indo em direção ao Segundo Ato. O chamado foi ouvido, dúvidas e medos já foram apresentados e até atenuados e todos os preparativos obrigatórios estão feitos. Entretanto, como declara Vogler (2015), o movimento real, ou seja, a ação mais crucial do Primeiro Ato, está pendente.

A TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMIAR é um ato voluntário no qual o h(eu)rói se compromete de todo o coração com a aventura. Geralmente, os presentes dados pelos Mentores não são assimilados tão bem de primeira estância assim não. Lembro bem de vezes que o Thiago me enviava artigos e mais artigos e eu os olhava e pensava: “Meu Deus, quando terei tempo e energia para ler tudo isso?!”. Com frequência, o compromisso final é trazido por alguma força externa que muda o curso ou a intensidade da história. Já trouxe várias situações que me fizeram pensar os motivos cruciais de querer escrever sobre a temática em questão, mas preciso confessar o derradeiro motivo que me faz/fez escrever tão incessantemente nas últimas semanas: o PRAZO.

Intempéries podem forçar a navegação de um navio, ou o herói pode receber o prazo final para cumprir uma atribuição. Talvez o herói fique sem opções ou descubra que uma escolha difícil precisa ser feita. Alguns heróis são “forçados” a entrar na aventura ou empurrados da borda do abismo, sem escolha a não ser mergulhar na jornada (Vogler, 2015, p.186).

Mergulhei! Fui de cabeça e decidi que era hora de mergulhar em busca desses tesouros abissais e cumprir com minha responsabilidade. Em consonância com o orienta-dor pensamos em qualificar até o final do ano de 2024. Acontecimentos internos, como postula Vogler (2015), também desencadeiam a Travessia do Limiar, inclinando os heuróis a chegarem em pontos decisivos nos quais suas almas estão em jogo. Hoje, sábado à noite, confesso que estou aqui escrevendo enquanto rola um festival gastronômico superlegal em minha cidade. Ninguém disse que seria fácil.

Vários amigos estão por lá, e várias mensagens chegam a todo momento. O celular está no silencioso, quase como para que minha mente também silencie e eu me concentre aqui. Meu namorado está na sala vendo jogo de *beach tennis* pela TV, e eu estou no escritório/quarto de

hóspedes escrevendo. Ele pede pizza e compra cerveja – que tentação! Tenho me surpreendido comigo mesmo quando penso a força que tenho tido para encontrar energias e escrever, buscando me desvencilhar dos Guardiões do Limiar. Esses Guardiões surgem para interferir no avanço e testam o h(eu)rói em qualquer momento da história, porém tendem a se reunir nos portões e passagens estreitas das travessias (Figura 16).



Figura 16: h(eu)rói se encontra com os Guardiões do Limiar.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA)

Sinalizei aqui alguns dos Guardiões do Limiar externos, mas poderia citar outros: burocracias da vida cotidiana, prazos de aplicação de provas, participação em palestras, compromissos com a própria universidade que leciono, notícias políticas que me deixam enfurecido, entre outros. Todavia, há um outro Guardião do Limiar imensamente grande e interno – eu mesmo. Renunciar a algumas coisas para que eu tenha tempo e energia para a escrita também é bem desafiador. Essas renúncias me remetem novamente ao ato de sublimação proposto por Freud (1923/2008) aonde impulsos e desejos são transformados em algo mais aceitável e construtivo. Jean-Paul Sartre (2003) tem uma ideia interessante para a renúncia embasada em sua filosofia existencialista. Achei interessante compartilhar.

Para ele, os humanos estariam condenados à liberdade e às possibilidades de escolhas e assunção de responsabilidades em decorrência desse escolher. A renúncia, alicerçada nessa visão do filósofo, poderia ser compreendida como a recusa a essa liberdade e responsabilidade, direcionando o sujeito a uma vida em negação de sua própria liberdade e autenticidade (Sartre, 2003). Interessante pensar que entrar no processo do doutorado foi uma escolha minha, sempre.

O difícil é assumir as responsabilidades oriundas das escolhas. Em momentos de desânimo em qualquer que seja a situação, reverbero uma aprendizagem com um personagem que adoro. Como diria o Tio Ben para seu sobrinho Peter Parker ou Homem-Aranha: “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”.

Essa frase se tornou um marco no universo Marvel, e é um guia moral que orienta o protagonista da história ao longo de sua jornada inteira, tendo encontrado em seu tio um grande mentor. Foi dita pela primeira vez em 1962, na HQ número 15, chamada *Amazing Fantasy*. Aqui encontramos um outro exemplo da saga do herói, e que é até hoje reverenciada por milhões de fãs. Recentemente utilizei essa analogia com um paciente, e foi muito interessante! E claro que também já a utilizei em sala de aula. Muitos entenderam, outros não. Tem como não amar esse herói?

Tem! Para alguns o Peter Parker não é alguém conhecido, muitos menos as particularidades de sua jornada, daí a importância de prontamente tentar incorporar outros exemplos para que a compreensão pelo aluno ou mesmo o paciente (interessante como essas figuras, muitas vezes, ficam dentro de um limiar tão próximo dentro de mim) fique mais palatável. Entendo como um convite à dança onde tento me adaptar ao gingado do aluno, algumas horas é um *ballet* sensível e delicado, em outro momento um *heavy metal* mais pesado e agressivo. Como preconizado por David Ausubel (2003) em sua teoria da Aprendizagem Significativa¹⁵, o processo de aprendizagem ocorre quando a nova informação se relaciona de maneira substantiva e não arbitrária com o que o aluno já sabe, promovendo, assim, uma aprendizagem mais duradoura e efetiva.

O professor lança a isca, se o aluno pesca e traz de volta a prenda, ótimo! Se não, dá-lhe tentar outra vez com outra isca. Evidente que assuntos que versam sobre assuntos de interesse meus ficarão muito mais fáceis de serem percorridos. Seja em sala de aula ou em uma sessão de terapia. Eu sendo o analista ou o analisando. Professou ou aluno.

Como posto por Vogler (2015), os h(eu)róis nem sempre aterrissam com suavidade (penso que muitas vezes é caindo mesmo), mas é vital que esse Salto de Fé aconteça de alguma

¹⁵ Para que essa aprendizagem significativa ocorra é necessário que o material de aprendizagem seja potencialmente significativo e que o aluno tenha uma predisposição para relacionar o conteúdo novo ao que já era compreendido anteriormente. Esse conhecimento visto como “âncora” é denominado de subsunçor. Inegável o quanto essa teoria nos rememora a teoria de Piaget ao citar os conceitos de assimilação e acomodação da aprendizagem. Em ambas as teorias, a aprendizagem denota a integração de novas informações às estruturas já existentes (Moreira, 2022), destacando a relevância do conhecimento prévio e o desenvolvimento de uma estrutura cognitiva (ou uma mente) amplamente complexa e diferenciada. Ministro esse conteúdo em uma das disciplinas que leciono, por isso, consigo relacionar conteúdos da Tese ao que já sei sobre esses teóricos e seus conceitos. Subsunçores nunca fizeram tanto sentido para mim como agora.

forma. Como sinalizado pelo autor se referindo a uma metáfora corporativa usada na Disney, o Primeiro Limiar é o ponto de virada na qual a jornada realmente começa, a história é como um voo de avião e o Primeiro Ato seria o processo de carga, abastecimento e taxiamento até a pista de decolagem. Agora o avião começa, literalmente, a sair do chão e você precisa, no caso EU, ajustar-se no ar. Mais uma vez essa analogia me dá um medo danado, pois, como sinalizado anteriormente, morro de medo de avião, mas não deixo de viajar por isso. Política de enfrentamento¹⁶ é uma das vias.

Do outro lado do limiar, o terreno se mostra árido. As certezas se desfazem, e as provas se apresentam em forma de dúvidas, falhas, críticas e silêncios. É nesse deserto que a pesquisa se faz prova: preciso testar não apenas conceitos, mas a mim mesmo.

Encaro assim o início do Segundo Ato.

¹⁶ Aqui as políticas de enfrentamento podem ser lidas através de várias abordagens pela Psicologia. Trarei a Psicanálise, abordagem utilizada em minhas construções teóricas-metodológicas na clínica e a Teoria Cognitivo Comportamental (TCC), outra abordagem de impacto na psicologia e com instrumentos e linhas terapêuticas bastante efetivas. Para a Psicanálise a linha de enfrentamento é a revelação do inconsciente em partes conscientes através do processo de análise, entendendo e integrando os conflitos na tentativa de tornar a vida algo mais suportável, criativo e ameno. Já para a TCC, instrumentalizar políticas de enfrentamento é identificar pensamentos disfuncionais e modificá-los a partir de técnicas como reestruturação cognitiva, exposição, treinamentos de habilidades de enfrentamento, entre outros.

SEGUNDO ATO

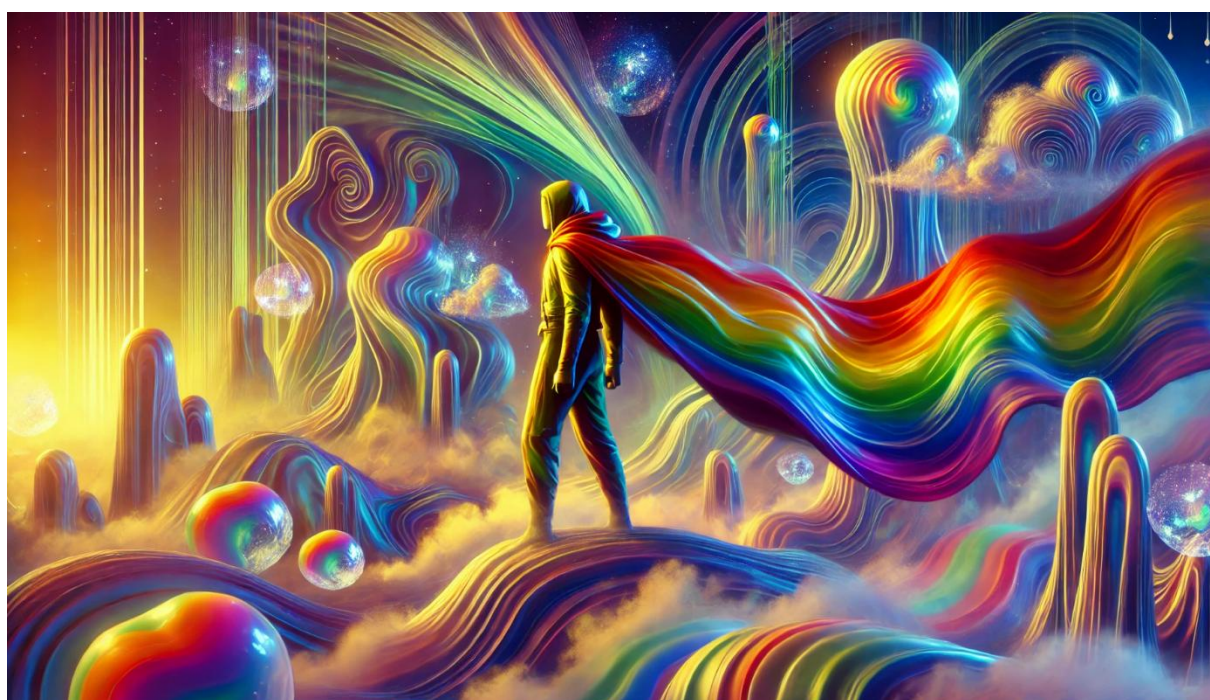


Figura 17: h(eu)rói cruza o limiar.

Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura

(Campbell, 2007, p.102).

Provas, aliados e inimigos

Inicia-se aqui uma experiência nova, e, por vezes, assustadora para o h(eu)rói. Não importa por quantas escolas ele, no caso eu, e tantos outros (as), tenha (m) passado (foram muitas!): nesse Mundo Novo ele volta a ser calouro. Mesmo que o herói permaneça fisicamente num só lugar a história inteira, existe movimento e mudança quando um novo território emocional é explorado (Vogler, 2015). Assim como no mito de Psiquê que procura seu amado Eros (Cupido), e precisa passar por três difíceis tarefas, mas as faz com ajuda de Aliados, aqui, as Provas do Segundo Ato são árduas, mas não tem o caráter de vida e morte dos últimos eventos.

O Primeiro Ato poderia ser concebido como o vestibular e o estágio de Provas do Segundo Ato seria uma série de testes intermediários para afinar os conhecimentos do h(eu)rói em atividades específicas e prepará-lo para os exames do meio de semestre e final de ano (Vogler, 2015). Essas Provas podem ser a continuação do treinamento do Mentor. Esse Mundo Especial é dominado por Aliados, mas também por Vilões que não hesitarão em colocar armadilhas e postos de controle para cercear e impedir que o h(eu)rói termine sua jornada.

Recentemente estava lanchando em uma das lanchonetes dentro da universidade onde leciono, e escutei três rapazes conversando. Não teria me atentado tanto à conversa, se uma palavrinha-chave não tivesse sido dita: “veado/viado¹⁷”. Os rapazes se chamavam de “viado” o tempo todo, de uma forma tão natural e habitual, e com um tom ligeiramente pejorativo e jocoso. Não sei se parecia preconceituoso, era quase que comum. Sinceramente não senti preconceito ou ódio em seus discursos. Falavam, entre várias coisas, de mulheres, de provas, e da dificuldade em algumas disciplinas, mas a famigerada palavra “viado” estava em todo início de frase. Entendo esse “corpo-viado” enquanto modo de expressão e produção de saberes sobre o mundo pelo qual se configura a inteligibilidade de uma vivência que denuncia os anacronismos morais incapazes de dialogar com performatividades outras (Torres; Saraiva; Gonzaga, 2020), senão àquelas cisheteronormativas. O que escapa a essa ordem não é natural...

Essa forma de se chamarem e de se cumprimentarem poderia refletir o ser gay-viado enquanto elemento não-prestigiado que o é por eles, trazendo à tona o chamamento “viado” como xingamento e sujeição alinhados às normas vigentes impostas. Ou poderia ser somente

¹⁷ A expressão “viado” se encontra como sinônimo de ‘veado’ em contextos informais; na modalidade formal da língua portuguesa, a forma com ‘i’ possui o sentido de “tecido de lã, com riscos ou veios, próprio para a confecção de roupas (Oliveira, 2021).

um vício de linguagem, ou seja, um erro gramatical não intencional das normas linguísticas e que ocorrem por desconhecimento ou desatenção. Não posso afirmar que eles são potencialmente preconceituosos. Aqui, a discussão tangencia mais como essas inferências e chamamentos são incorporados na cultura. Aquilo me incomodou de tal maneira que fantasiei como seria parar a conversa que estavam tendo e interrogá-los: “você acham mesmo que em plano século XXI, se chamarem de “viado” é algo positivo? Isso não incomodaria ninguém? Vocês sabiam que as pessoas morrem por falas como essas?”. Refleti, e recuei. Como eu seria visto como docente dessa mesma instituição se isso ganhasse proporções maiores? Acovardei-me por um medo institucional, e, por que não, por medo de que talvez pudessem ferir minha integridade física também. E por não ter certeza sobre o que era o “viado” dentro daquele contexto e em seus repertórios linguísticos.

Passados alguns dias, fui discorrer sobre um determinado teórico em sala de aula e que traz o princípio da consciência semântica atrelada ao conceito de **efeito fotográfico**; esse conceito infere que uma imagem fotográfica não tem um significado fixo e objetivo, mas sim o significado que o seu observador atrela à imagem vista levando em consideração suas próprias experiências e seus contextos (Moreira, 2022). Veio-me como um raio o exemplo dessa situação vivenciada por mim na cantina, e a expus para os alunos pensarem. Após a explanação, um aluno levantou a mão e quis comentar. Ele disse que sempre ouviu a expressão “viado” em sua roda de amigos homens e que achou normal por muito tempo utilizá-la, até que, no curso de Psicologia, começou a problematizar o porquê de sua utilização e que isso poderia ferir uma gama de pessoas. Relatou ainda que em sua utilização não havia aversão, raiva ou preconceito, e que acreditava que em seus amigos também não, mas que faltava letramento sobre o tema naquela época. Em sua família, contou o aluno, era muito comum que isso também ocorresse: entre primos, tios, sobrinhos e seu próprio pai. Senti-me aliviado. Afinal, nem tudo é preconceito, mas pode ser falta de compreensão e educação para o tema. Nem todos são inimigos. Mas vilões existem aqui na vida real também.

De acordo com Eliane Maio, Marcio Oliveira e Reginaldo Peixoto (2018), existe uma Educação que está anterior à formal-escolar, já que se encontra no seio da família, ou seja, uma Educação que é aprendida e ensinada por relações humanas, mas que não advém daquela que é sistematizada por uma instituição de ensino. Por não estar atrelada ao ensino formal que permita uma discussão mais elaborada e pautada em pesquisas na esfera acadêmica, tais ensinamentos podem vir embebidos em estigmatização, preconceito, crenças e ideais construídos socialmente e culturalmente na dinâmica pessoal do sujeito. Retomemos ao termo “viado”.

Há muita discussão sobre a origem deste termo. Achei interessante trazê-la aqui. Uma de suas possíveis articulações seria a diminuição da palavra ‘transviado’ e ‘desviado’, e que com o passar do tempo ficou somente “viado”. Tais termos, segundo do Dicionário Online em Português (Dicio), são utilizados para caracterizar indivíduos que se afastaram dos bons costumes; desencaminhados, que se perderam; ou mesmo aquele que se opõem aos modelos e normas vigentes. Bingo! Achei!

Outra origem, como evidencia a pesquisadora Stela Danna, doutoranda em estudos linguísticos pelas USP em entrevista ao portal Universa Uol (Testoni, 2019), poderia ser encontrada na própria origem do animal veado. Segundo ela, o animal é comumente atrelado a ser veloz, tímido e bastante delicado. O próprio filme Bambi do estúdio Walt Disney, pode ter contribuído fortemente para esse apelo, completa. Finaliza sua fala, discorrendo ainda que:

Além de ter características ainda vistas como sinais de fragilidade e muitas vezes associadas ao feminino, os veados, durante o período de reprodução e sem poderem contar com uma fêmea, acabam depositando o esperma em outros veados. Todos esses aspectos teriam contribuído para que se associasse o termo aos homens homossexuais (Testoni, 2019, s.p.).

Embora possa ter um caráter pejorativo ou mesmo ser um vício de linguagem em algumas circunstâncias, é comum encontrar dentro da própria comunidade LGBTQ+ o mesmo termo sendo usado como forma de empoderamento, orgulho e subversão (Oliveira, 2021). Assim, o termo é esvaziado de seu caráter negativo e comporta-se mais como uma gíria de grupo, resignificando-se em uma política de afirmação e resistência. Obs: minha prima, que é lésbica, acabou de me mandar uma mensagem no Whatsapp, e iniciou assim – “viadinho, vamos tomar uma hoje?!”. Falei: “sim, sapatão, *let’s!*”. Ou seja: em nossa conversa não há, evidentemente, nenhum ensejo ou resquício de qualquer caráter jocoso ou preconceituoso que poderia ser encontrado em outro contexto, por exemplo.

Enfim, segue a jornada do h(eu)rói viado (Figura 18)...



Figura 18: h(eu)rói viado em sua jornada.

Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Para Mikhail Bakhtin (1895-1975), filósofo e teórico russo, a palavra não é apenas um símbolo ou signo, mas uma entidade que carrega em seu cerne significados profundos e complexos, influenciados pelo contexto social e histórico em que é usada e por quem a usa. Enfatiza, ainda, a importância do diálogo e da interação social na formação do sentido da palavra ao destacar que o significado da palavra é sempre dinâmico, e depende das relações entre falantes e ouvintes; ou seja, entre locutor e interlocutor (Sventsitskaya, 2020).

Tornar-se adulto na cotidianidade é poder assimilar as regras que nos são impostas desde muito cedo. Essa assimilação ou “amadurecimento”, como posto por Agnes Heller (2012), é sempre permeada por grupos (família, escola, comunidade etc.). Estes grupos estabelecerão uma mediação entre os indivíduos e os costumes, as normas e os preceitos éticos de outras integrações maiores. Assim, o homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade – como por exemplo: modo de cumprimentar e de se portar diante de outras pessoas – e só se torna “adulto” com regras valorosamente assimiladas quando consegue extrapolar tais comportamentos de grupos menores para grupos realmente maiores. É possível que tais rapazes, aqueles da lanchonete, aprenderam com outras pessoas de sua geração ou de gerações passadas e entre grupo menores, que se chamar de “viado” é/era uma convenção corriqueira entre pares.

Heller (2012) postula sobre o preconceito, e o situa enquanto categoria do pensamento e do comportamento cotidiano. Como deposto pela autora, os preconceitos são traços característicos da vida cotidiana: “o caráter momentâneo dos efeitos, a natureza efêmera das motivações e, a fixação repetitiva do ritmo, a rigidez no modo de vida” (p.31). Assim, esse

“pensamento” cotidiano não estaria atrelado à teoria, segundo Heller (2012), mas sim enquanto comportamento e que gera algo chamado ultrageneralização.

A ultrageneralização aconteceria de duas maneiras distintas no cotidiano: por um lado assumindo estereótipos, analogias e esquemas já elaborados em nossa sociedade; e por outro, eles nos são imputados pelo meio em que crescemos, e que poderia levar bastante tempo para a percepção crítica desse esquema recebido – ou não se perceberia. Ao pensar sobre a situação vivida na lanchonete, fiquei pensando se estes rapazes pensavam criticamente no que falavam, onde aprenderam e por que é que continuavam a reproduzir tais falas preconceituosas.

Desta forma, as manifestações no cotidiano são apenas reflexos do pensamento de grupos maiores. É na cotidianidade que construímos relações de poder, individualidade, divisão do trabalho e até gradações de nossa personalidade. São nesses mesmos grupos que o preconceito acaba sendo ventilado, assimilado e integrado à vida de muitas pessoas, replicando-o, muitas das vezes, de forma transgeracional. Se o cotidiano “é a materialização do pensamento e das ações humanas” (Heller, 2002, p.57), o preconceito seria então a materialização do pensamento de alguns grupos em relação a outros. Qual o papel do professor na desconstrução desses estereótipos dentro das salas de aula? Como passar de um professor-profeta, que profetiza sobre o novo sem vivê-lo muitas das vezes, a um professor-militante crítico e ajustado ao seu *tempoespaço* e que vivencia junto aos seus alunos, colegas e demais entes a miséria do mundo (Gallo, 2003)?

O supracitado autor nos apresenta a distinção entre uma educação maior e uma educação menor. A **educação maior** corresponde às políticas públicas e aos dispositivos normativos que regulam a escola em larga escala, como a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, os currículos estaduais e municipais e legislações gerais, a exemplo da **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Trata-se de uma educação macro, que pretende ordenar, unificar e fazer-se grande. Já a **educação menor** configura-se como uma política subversiva, disruptiva e resistente: “uma educação menor é um ato de singularização e militância” (Gallo, 2002, p. 173). Assim, a educação menor é produzida nas singularidades, nos desvios criativos e nos pormenores do cotidiano escolar.

Ainda segundo Silvio Gallo (2002), é preciso três características para que uma educação menor seja caracterizada, sendo elas: desterritorialização, conceito retirado de Deleuze e Félix Guattari (1995) na obra “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia” e que foi sinalizado pelo teórico a fim de pensarmos de que maneira nos opormos aos moldes imputados à Educação, promovermos resistência e destruímos conceitos e estereótipos já pré-moldados, inclusive,

sobre a aprendizagem. Na verdade, o que o autor nos indica, é como subverter esse *modus operandi* e criar de forma contextualizada novas rotas e caminhos de educar e pensar o próprio processo de ensinar e aprender.

A segunda característica é a ramificação política. Se todo ato de educar já é por si só um ato político, em uma educação menor isso seria ainda mais proeminente, por ser referir a um ato de revolta e de re(existência), à margem e, por que não, subterrânea (Proença, 2017). Tal característica traz em sua constituição a natureza rizomática¹⁸, segmentária e fragmentária dessa educação, produzindo conexões e relações incessantes e que apresentam, sempre, uma dimensão política (Oliveira, 2019). Dessa forma, a educação menor é encontrada costurada ao cotidiano, e viabiliza ramificações, encontros e agenciamentos outros, inclusive com o coletivo e o plural, sem ter uma necessidade, inclusive, de propor soluções e fechamentos exatos. Como nos propõem Gallo (2003) – que rizomas sejam feitos entre alunos, professores, pessoas, grupos – *entre-entes e inter-ser*.

Ao terminar esse parágrafo me dei conta que hoje, diferente do hoje quando inicio essa seção, que já está em outra linha temporal do passado, havia me programado para ir à universidade onde leciono e, caso não tivessem aulas, trabalhar na tese e aprofundar nas leituras. É um sábado letivo, mas sem aluno, por sinal. Chegando por lá, uma professora novata também cumpria sua integralização de carga-horária e ficamos conversando. Conversamos por quase 4h, e foi muito interessante – passamos desde abordagens teóricas da psicologia até séries de comédia e sexualidade. Em um determinado momento ela me indagou se não estava me atrapalhando. Pensei no cotidiano enquanto fio condutor da vida e que nos permeia de distintas formas, e que aquilo também fazia parte da minha bio:grafia (Proença, 2018). Acalmei-me e disse que não. Meu eu ansioso queria mesmo era estar produzindo na escrita. Mas ali também era outro tipo de produção.

Confesso que tenho ficado preocupado com o tempo – vocês já ouviram Tempo Perdido (1986) do Legião Urbana? – e me peguei pensando na música retratada belamente por Renato Russo:

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo tempo do mundo

¹⁸ Conceito encontrado pela primeira vez em Mil Platôs (1995) escrito por Deleuze e Guattari, e que pode ser entendido como uma forma de compreensão da vida como um sistema de conexões, que não possuem início e nem fim; é permeada por segmentos, intensidades, estratos. Essa teoria surge em contraposição ao modelo de pensamento simbolizado pela árvore (caule no centro de onde partem todas as ramificações) que não daria conta de contemplar a realidade contemporânea (Barreto; Carrieri; Romagnoli, 2020).

Todos os dias antes de dormir
Lembro e esqueço como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder

Ao retratar o tempo, o músico e poeta, retrata ter todo o tempo do mundo, mas que não há tempo a perder. E foi essa a sensação que ficou: tenho tempo e não posso perder tempo. O tenho e não o tenho. Tempo e cotidiano são duas instâncias intrínsecas à vida, não é? Talvez o tempo também seja um inimigo, pois me sinto capturado por ele, muitas das vezes, vendo-o se esvair rapidamente como uma ampulheta. Entretanto, também acho que ele é um aliado, pois, sem ele, a escrita, as histórias vividas e as narrativas que vão se ficcionando em mim não existiriam.

Por fim, encontramos a terceira e última característica no valor coletivo (Gallo, 2002). Nessa educação menor, todo ato encontrado tem um valor coletivo, e toda atuação é em prol de si e do grupo, reiterando o papel do professor-militante. Não há o individual e o solitário, todo movimento é em direção ao todo. A periferia e a margem são contempladas nesse fazer-docente engajado na proliferação de multiplicidades e fazeres coletivos. Mesmo a singularização, é, ainda, uma singularização coletiva. Ontem estava exausto e iria para minha última aula às 21h. Uma aluna, que tem por volta de seus 40 e poucos anos, iria apresentar sua análise crítica de um filme visto em sala de aula e que precisava ser atrelada a, pelo menos, dois teóricos aprendidos ao longo do semestre.

Escolheu o psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1937) e o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Disse que com Vygotsky entendeu que é por meio de relações sociais e externas que integramos a aprendizagem em elementos internos – do social para o individual. Com Paulo Freire conseguiu absorver o conceito de educação bancária e que a aprendizagem precisa ser contextualizada e libertadora. Relembrou que quando menina, para ir à escola, colocava uma sacola em cada pé para atravessar as ruas alagadas de seu bairro, principalmente quando chovia. Lembrou-se, também, do quanto uma professora do Ensino Fundamental I era amorosa e cuidava dela, sempre pronta a explicar e acolher. Sinalizou que enquanto mulher preta, estar na faculdade era um privilégio, sendo a primeira de sua família. A aluna em questão tem um vocabulário rebuscado, cuidadoso, manso e bastante articulado. É sempre um deleite ouvi-la. Fiquei maravilhado com as analogias que a aluna fez e repensei o quão privilegiado eu mesmo fui, já que jamais precisei ir a pé para a escola, muito menos coloquei sacolas nos pés para aprender. A Educação tem uns lances bonitos, né? Ministro essa disciplina (Teorias da

Aprendizagem) há 4 anos, e sempre me surpreendo com declarações, tecituras e amarrações teóricas e vivenciais tão profundas e viscerais vindas de alunos.

Apesar disso, tem sido um período crítico para alguns colegas professores na universidade. Muitos tem escolhido sair por estarem adoecendo e se sentindo exaustos. O fator financeiro também pega, já que para muitos, ser psicólogo clínico ou ter outra atuação institucional como psicólogo é muito mais rentável do que as horas desprendidas para a docência. Esse assunto sempre paira no ar: você está satisfeito? Ou: o quão satisfeito você está para permanecer aqui por mais tempo? Tenho refletido muito sobre isso, e a resposta ainda é a mesma. Sem querer romantizar o excesso de trabalho e muito menos florear o que é bem difícil em alguns momentos, tenho essa clareza. Estar em sala de aula é ainda uma atividade que faço com bastante amor. Mas sim...é complexo cumprir com todas as extensas obrigações que a universidade nos imputa.

Mesmo que os praticantes da vida cotidiana estejam submetidos a regras sociais que não são produzidas por eles mesmos, reinterpretarão em seus cotidianos novas formas de aplicá-las. Dessa forma “falar em currículo como criação cotidiana pressupõe, entre outras coisas, que as diferentes formas de tecer conhecimentos dialogam permanente umas com as outras, dando origem a resultados tão diversos quanto provisórios” (Oliveira, 2016, p. 97). Este conceito reitera o pensamento deleuziano sobre os rizomas e a necessidade de se fazer rizomático entre pessoas. Inclusive tenho pensado o quão rizomática é essa tese ao sair de um modelo em árvore e transmutar para um modelo em rizoma – sem hierarquias, conexões múltiplas, entradas e saídas em pontos diferentes e não-linearidades.

Essas (re)interpretações, (re)leituras e aplicação de regras já decantadas pelo professor e aplicadas no “chão da escola” (ou universidade no meu caso), produzem efeitos particulares e próprios da/na/com a instituição. Assim, a interlocução de vivências de professores com eles mesmos, de professores com as experiências dos alunos (dentro e fora dos muros das instituições de ensino) e das imbricações disso tudo com o cotidiano é que se delineia o processo formativo; ou o *pensarfazer* docente, como nos sinaliza Manuel Araújo e Rafael Gonçalves (2020). E o *persarfazer* daqueles que não aparecem e estão ausentes/invisíveis.

Há múltiplas maneiras de ser e estar nesse mundo que habitamos, ou de não ser e de não estar também, como é reiterado aqui: “Não há uma maneira única ou unívoca de não existir...” (Boaventura Santos, 2006, p. 246). De acordo com o autor, uma *sociologia das ausências* seria uma investigação que tem por objetivo demonstrar que o que não existe é, de fato, produzido como tal, ou seja, uma alternativa não-credível ao que existe. O objetivo da sociologia das

ausências seria o de transformar objetos impossíveis em possíveis e, com base nisso, transformar as ausências em presenças.

Nesse momento, lembrei-me do conceito de *inédito-viável* de Paulo Freire (2011), que consiste em concretizar sonhos que outrora já foram considerados impossíveis, mas que agora, no presente, posso concretizar através de uma postura crítica de ação transformadora, e que poderia superar e obliterar as *situações-limite*. Estas situações-limite podem ser entendidas como os obstáculos, freios e barreiras que irão se interpor na prática pedagógica e, por que não, na vida do próprio professor. Meu inédito-viável, seria então, a própria tese que, pelas minhas narrativas ficcionais atreladas à minha bio:grafia escrivivente, evidenciam as dificuldades, transgressões, superações e concretizações de minhas vivências como pesquisador/professor/gay/psicólogo.

H(eu)róis também choram

Estamos chegando em um ponto central da minha (nossa) jornada, em que me aproximo da caverna secreta (Figura 19). Os heróis após terem se adaptado ao Mundo Especial, seguem para buscar seu âmagô, o h(eu)rói também. Encontra Guardiões do Limiar, ordens do dia e provas próprias que lhe desnorteia e faz pensar se esse é o caminho correto. É hora de fazer as preparações finais para a provação principal da aventura.



Figura 19: h(eu)rói se aproxima da caverna secreta.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Vogler (2015) faz uma analogia em seu livro na qual os heróis são como montanhistas que erguem um acampamento de base por meio dos esforços das Provas, e estão próximos de fazerem a investida final ao pico mais alto. Nessa fase da jornada o h(eu)rói precisa parar a fim de reconhecer o possível inimigo, reorganizar ou refinar seu grupo, fortificar-se e até armar-se a fim de chegar à terra de ninguém.

Minha jornada é interrompida no meio da manhã por uma triste notícia. Um dos meus melhores amigos de infância envia uma mensagem com os seguintes dizeres: “meu pai faleceu, estou em Uberaba, segue endereço do velório”. É assim que as jornadas terminam? Rapidamente sou tomado por uma súbita tristeza. Não conheci tão a fundo seu pai, já que boa parte de sua vida, quando éramos adolescentes, viveu no Japão para dar uma melhor condição aos filhos aqui no Brasil. Mais de dez anos morando por lá, creio eu. A escola era para ele algo muito importante, mesmo tendo estudado pouco. Memórias da infância encharcam minha mente, e a escrita é interrompida pelo choro copioso. São nítidas as lembranças das idas à casa do meu amigo, e das dezenas de jogos de *PlayStation* vindos diretos da Terra do Sol Nascente e que jogávamos por horas a fio ao longo dos finais de semana. Choro agora novamente ao escrever sobre tudo isso. A finitude é algo doloroso... em nenhum momento estamos prontos para o real fim e a verdade derradeira: a morte. Vou ao velório e posso vê-lo sereno deitado com as mãos entrelaçadas e poucas pessoas pranteando sua morte. O dia, assim como me percebo internamente naquela situação, era bastante chuvoso.

Afinal, h(eu)róis também choram (Figura 20)!



Figura 20: h(eu)rói chora ao pensar sobre a morte e o morrer.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Este tema indubitavelmente complexo, a morte, e que normalmente é acompanhado de grande impacto socioemocional é amplamente estudado pela Psicologia. A trama que envolve o morrer é pensada na humanidade desde sempre e tem vieses distintos dependendo de sua abordagem. Para Freud (1917/2011), em seu artigo “Luto e Melancolia”, o luto seria um processo natural que todos passaremos a fim de elaborar a dor e a perda, com o objetivo de reestabelecer um equilíbrio psíquico. O criador da Psicanálise diferencia o luto da melancolia, sendo esta última instância uma vivência patológica que impediria o sujeito de seguir em frente, tamanha sombra que o encobriria e o faria se desinvestir de vida. Sinaliza assim que

Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pode ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação (Freud, 1917/2011, p. 181).

Elizabeth Kübler-Ross (1995), teórica que ficou conhecida ao assinalar os cinco estágios do luto, destaca que todos passamos por esses estágios de forma não-linear, sendo eles: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Para ela o conhecimento era importante, mas não mais que o trabalho com alma e coração, já que seus ensinamentos também contribuem com equipes da área de saúde, familiares e entre os próprios profissionais (Afonso; Minayo, 2013).

Conheço bem essa teoria, pois como professor de uma disciplina intitulada Psicologia da Saúde e supervisor do estágio em Psicologia Ambulatorial e Hospitalar do último ano da graduação em Psicologia, sempre sou convocado a falar sobre a morte e o morrer com meus alunos-supervisionandos. Todas as semanas criamos juntos nuances diferentes sobre o enfrentamento da morte. Alguns alunos saem impactados do primeiro dia no estágio hospitalar; outros, sentem-se à vontade logo de início de transcorrem bem ao longo do semestre, e outros, quase desistem da jornada ainda em curso.

Outros tantos relatam o quanto é complicado estar ali, pois já vivenciaram o hospital como pacientes ou acompanhantes e temem que a dor retorne. Conhecer a teoria não os deixa imune. Isso também não me deixa imune (ainda bem) a sofrer todas as intempéries dessa natureza. Entretanto, conhecer uma parte da teoria, em alguns pontos, até me auxilia a compreender melhor alguns acontecimentos e a refletir sobre eles. Agora, por exemplo, enquanto escrevo, elaboro novamente essa vivência fúnebre. A jornada precisa seguir, afinal.

Retornando ao conceito de sociologia de ausências discutido anteriormente, presume-se que há produção de não-existências sempre que uma entidade é desqualificada e tornada

invisível, ininteligível ou descartável. Boaventura Santos (2002) nos aponta as cinco principais formas sociais de não-existência: monocultura e rigor do saber, monocultura do tempo linear, lógica de classificação social, lógica de escala dominante e lógica produtivista. A fim de se atentar ao foco da tese, atentaremos à lógica de classificação social. Essa lógica se assenta na naturalização das diferenças, e distribui a população por categorias que naturalizam as hierarquias, principalmente no que tange raça e sexo. De acordo com essa forma de funcionamento, quem é considerado inferior, e por isso já é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa credível a quem é superior.

Uma ilustração disso foi o exemplo do casamento homoafetivo ser pauta de discussão para sua negação enquanto possibilidade. Por considerarem os LGBT+ pessoas inferiores, não há possibilidade crível de pensarem que essas pessoas poderiam ter o direito de se casarem. São preteridas aos demais que se enquadram nas formatações cisheteronormativas. Transcrevo um trecho de relatório veiculado pelo portal UOL: “As relações homossexuais não proporcionam o ganho social que implica exclusivamente o casamento como origem da família” (Pereira, 2023, s/p.). Quais seriam os ganhos sociais que esses senhores e senhoras tanto dizem que LGBT+ não possuem? Indo adiante, como proceder para uma sociologia que não compactue com as ausências?

Sinalizo aqui um outro conceito de Boaventura Santos (2002) que, de certa forma, compactua bastante com o conceito de inédito-viável e situações-limite, ambos os conceitos encontrados em *Pedagogia do Oprimido* de Freire (2021), que é a *sociologia das emergências*. Nessa lógica se procede a uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes com o objetivo de identificar as tendências de futuro e maximizar a probabilidade de esperança em relação a probabilidade de frustração e, por outro, definir os princípios de ação que irão propiciar a concretização dessa esperança e das possíveis ações.

Em ambas as sociologias – ausência e emergência – há um sentimento guia que as move: o inconformismo. Não seria o inconformismo um dos sentimentos que nos (me) movimenta a escrever nesse momento? Fiquei pensando na palavra con(forma)r e em sua etimologia. Conformar deriva do latim e quer dizer “dar forma” (Dicio, 2024). Justamente por não acreditar na forma que a sexualidade é retratada, em diversos âmbitos que me perpassam, é que escrevo, inconFORMAdo, com tantas abjeções, violências e silenciamentos sofridos ao longo do tempo. Entretanto, ainda assim, esperançoso com a possibilidade um inédito-viável seguro para mim, e para os outros. O Thiago, meu orientador, há algum tempo, trouxe uma provocação que nunca me esqueci. Ele disse: “em que momento o pesquisa-dor dará espaço para alguém que elabora

sua dor e vai além?”. Acredito que ao longo da escrita-jornada essa dor tem cedido espaço à elaboração, pensamento e esperança. Aguardemos...

Ao buscar a etimologia da palavra conformar, já que a usei em alguns parágrafos acima, lembrei-me de um encontro que tive com um casal de amigos recentemente. Esse meu amigo é das antigas...estudamos juntos durante boa parte do Ensino Fundamental. Ao conversarmos sobre a escola e nossos tempos de garoto, ficou claro que ele se lembra de alguns colegas de classe de uma maneira bem diferente da minha. Ao falarmos o nome de alguns desses colegas, revivi o quão violento foi o *bullying* sofrido por mim durante alguns anos nessa escola. Ele disse que não gostava tanto de alguns deles, mas que jamais sofrera nada em relação ao que sofri, até porque era hétero e passava despercebido. Contei a ele que há alguns meses, encontrei dois deles bebendo cerveja em um bar próximo de casa, e que fingi que não os conhecia. Ele indagou o porquê - simplesmente disse que não queria lidar com eles agora na vida adulta. Talvez os fantasmas do passado ainda me assombrem. Talvez essa tese seja mesmo uma maneira de sublimar a angústia vivida e transformá-la em algo produtivo e que possa surtir algum efeito de alguma forma. Nem que seja não dizer nada ao vê-los. Alguma forma...conformar...inconformismo. Acho que ainda me encontro, em partes, in(conformado) com algumas situações do passado, mesmo tendo passado longos anos.

Penso que através de uma educação menor, a sexualidade poderia atravessar as barreiras dos currículos e os vieses biologizantes sempre apresentados, e pautar discussões reais e sem receio de retaliações por parte de alunos, professores, pais, coordenação, e demais pessoas. Se a ideia de rizoma é multiplicar sem bordas, costurando as diversas partes que compõem nosso viver, faríamos de algo menor – micropolítico – algo a ser pulverizado e reverberar em nível macropolítico. Pensar em meios e estratégias de se viver em uma sociedade do controle, e encontrar mecanismos e instrumentos para não se assujeitar de forma maciça a ela, faz-se bastante premente.

Para Deleuze (1990), apoiado nos achados de Foucault sobre o saber e o poder, a sociedade disciplinar foi vivenciada do século XVIII até a Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre os anos de 1939 e 1945, demarcando que a segunda metade do século XX seria a derrocada desse modelo de sociedade. Ao submergir a sociedade disciplinar, surge a sociedade do controle. Deleuze percebeu no enclausuramento/aprisionamento/confinamento a operação fundamental da sociedade passada, com a repartição do espaço em meios fechados (prisões, hospitais, ESCOLAS, indústrias) e a ordenação do tempo de trabalho (Deleuze, 1990; Costa, 2004).

À essa formatação, Deleuze deu o nome de moldagem – mesmo molde poderia conceber e ser replicado a distintas formas sociais. Já na sociedade do controle os espaços são interpenetrados, sobrepostos, e em constante dívida com o que não se consegue pagar ou formatar, já que as bordas são flexíveis, o tempo contínuo e não há limites. Nessa atual formatação, o teórico chama de modulação, que seria constante e universal: “com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa” (Deleuze, 1990, p.2). Recentemente um paciente me disse que deixaria a psicoterapia para investir em um curso *online* de autoconhecimento, e que em função do valor alto (quase 3 mil reais), não conseguiria continuar a pagar o processo psicoterapêutico. Vale a pena pagar 3 mil reais em um curso pronto e com receitas já moldadas ao invés de investir em um processo individual e único, como a psicoterapia? Os *coaches* que me desculpem, mas NÃO VALE. Estão vendendo algo rápido, enlatado, mas nada eficaz.

Ano passado um aluno relatou que não acreditava muito na educação em alguns momentos, pois tinha um colega que estava faturando 5 mil reais por mês só divulgando vídeos jogando alguns jogos no *Youtube*, e que temia não conseguir ganhar nem metade disso quando se formasse. Um amigo, recém-formado em Psicologia, o alertou que estava muito decepcionado com a graduação, pois ainda não estava conseguindo ganhar bem. Detalhe: havia sido meu aluno também e não tinha nem 6 meses de formado. Assinalei isso ao aluno desesperançoso com a educação, na tentativa de conter tamanha ansiedade, e trouxe um dado sobre mim: demorei mais de 6 anos para que tivesse uma clínica com pacientes o suficiente para não ter um emprego extra junto ao consultório, sempre em jornadas triplas. Sorri e pontuei: calma! Simon Sinek (2016) em seu livro *Juntos Somos Melhores*, um livro pequeninho, mas bem interessante, pontua que os mais jovens, principalmente os da geração Z (nascidos entre 1990 e 2010) são sedentos pelo sucesso: rápido e sem muitos obstáculos.

As metas são bem robustas e não há tempo a perder. Essa pressão por crescimento rápido e ascendente, quase como um foguete, gera uma frustração à altura, levando-os, muitas vezes, a desistir tão rápido quanto começaram a pensar sobre isso. Conclui, em seus escritos, que seria muito mais válido pensar em relacionamentos mais construtivos e propósitos maiores do que metas tão curtas e projeções robustas.

Também já fui assim, e em partes, ainda sou. Entretanto, envelhecer tem me ajudado a aquietar mais. Nelson Rodrigues tinha razão quando disse que o jovem tem todos os defeitos do adulto e mais um: o da própria inexperiência (Rodrigues, 1981). Em uma entrevista recente

de Fernanda Torres para o Roda Viva, forte candidata ao Oscar 2025 pelo maravilhoso filme *Ainda Estou Aqui* (2024), a atriz discorre lindamente sobre o envelhecer, e que sim, a juventude traz a força e a potência necessária, mas ao mesmo tempo pode se achar muito, tem muitas certezas. Com a idade, segundo ela, percebemos que não dominamos nada e que tudo é relativo, “cagando menos regras” nas palavras dela. Um alívio ver novamente esse trecho da entrevista¹⁹. À medida que caminho nessa jornada, penso que logo chegará o momento da Provação. Ainda não sei ao certo se ela virá de forma tão manifesta, ou se já tenho passado por ela, e não será necessário colocá-la como uma seção à parte, já que está costurada nessa tese-trama desde o início. Falta exato um dia para entregar a tese para qualificação, e estou aqui meio perdido nela. Seria isso também parte da Provação?

A Provação

Busca-dor (hífen meu), entre na Caverna Secreta e busque aquilo que restaurará a vida da Tribo. O caminho fica cada vez mais estreito e escuro. Você precisa seguir sozinho, engatinhando, e sente a terra cada vez mais próxima. Mal consegue respirar. De repente, você chega à câmara mais profunda e se vê cara a cara com uma figura gigantesca, uma Sombra ameaçadora feita com todas as suas dúvidas e medos, bem armada para defender um tesouro. Aqui, neste momento, está a chance de vencer ou morrer. Não importa para que você veio; é a Morte que agora o encara. Seja qual for o resultado da batalha, você está prestes a sentir o gosto da morte, e ela vai mudá-lo (Vogler, 2015, p. 218).

Agora o h(eu)rói está na câmara mais profunda da Caverna Secreta, e precisará encarar seu maior desafio e um oponente mais terrível ainda. Esse é o verdadeiro âmago da questão, escreve Vogler (2015). O simples segredo da Provação é exatamente como retrata o trecho transcrito acima: os heróis precisam morrer para que possam renascer. Para ele, a morte pode ser simbólica: seus maiores medos, o fracasso de um empreendimento (no caso meu orientador e a banca tecerem considerações pesadas sobre a tese), o final de uma relação e a morte de uma antiga personalidade. Tudo isso e outros exemplos servem para que o h(eu)rói morra para assim renascer. Regularmente voltam mudados e trans-formados. Não devemos confundi-la com o clímax da Jornada do Herói ainda (outro centro nervoso encontrado perto do fim da jornada), mas que carrega uma importância imensa, já que seria o evento central do Segundo Ato.

¹⁹ Trecho da entrevista no canal do Roda Viva no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=000GjCG7Bmk>.

A Provação é conhecida também como **CRISE**. Gostei do nome. Uma crise pode ser entendida como: mudança brusca produzida no estado de um doente, causada pela luta entre o agente agressor e os mecanismos de defesa; período de manifestação aguda de uma doença: crise de apendicite; manifestação violenta, repentina e breve de acesso: crise epilética; conjuntura socioeconômica problemática, desequilíbrio entre bens de produção e de consumo, normalmente definida pelo aumento dos preços, pelo excesso de desemprego, de falências: crise econômica (Dicio, 2024). Estaria, eu, em crise nesse momento? Fui a poucos minutos comprar um KitKat no mercadinho dentro do meu condomínio e sinto que minha SII aponta ali no horizonte. Talvez eu esteja mesmo em crise (Figura 21).



Figura 21: h(eu)rói em CRISE diante da Provação.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

A crise no meio do caminho da jornada do h(eu)rói é um divisor de águas, pois indica que o viajante chegou no meio de sua jornada, já que as viagens, naturalmente, organizam-se ao redor de um evento central: chegar a um destino específico, conseguir adentrar uma floresta, ao fundo da caverna, e no meu caso: finalizar a tese de doutorado e articular essa jornada atrelada à Educação e à sexualidade. Uma crise: “é um acontecimento que separa as duas partes da história. Depois de cruzar essa zona, não raro na fronteira da morte, o herói renasce literal ou metaforicamente, e nada mais será igual” (Vogler, 2015, p. 222). A proximidade da morte torna o sabor da vida mais real e vívido. Talvez minha maior Provação seja EU MESMO.

Para Carl Rogers (1992), teórico fundante da teoria Humanista, sendo ela uma das três forças pilares da Psicologia junto com a Psicanálise e o Behaviorismo, o ser humano possui

uma tendência à realização; isso quer dizer que: existe uma força vital que impulsiona nosso organismo a realizar todas nossas potencialidades, mantendo-as em homeostase (equilíbrio) e, conseqüentemente, amplificando-as. Acho que tem sido esse um dos pilares que tem me sustentado também: acreditar que é possível atender de forma clínica, dar aulas na universidade onde leciono e concretizar o doutorado. Ah sim... além de todas as deveres que possuímos enquanto pessoa com a casa, família, e demais dimensões. Tenho cuidado de mim? Fiquei pensando...e encontrei essa seção escrita, mas ainda separado da tese. Vou reler.

No próximo mês (fevereiro²⁰) completo 24 meses no Programa de Pós-graduação em Educação. Fica o medo – medo de não conseguir corresponder às expectativas do Programa, do orienta(dor) e de mim mesmo. Fica o medo, inclusive, de adoecer. Nesses últimos meses tenho sentido sintomas físicos e palpáveis de exaustão: taquicardia, sudorese, formigamentos e múltiplas pequenas enfermidades. Meus familiares, amigos e namorado me dizem de forma unívoca: você precisa cuidar de você, fazer escolhas e retirar algumas responsabilidades! Minha analista diz: aonde você quer chegar com tudo isso, que você abraça e toma para si?

Pensei no conceito de CUIDADO DE SI elaborado por Foucault (2004), e de que maneira o teórico teceu modificações ao longo de sua jornada acadêmica e como pessoa, principalmente no fim da vida. Posteriormente, ocorreu-me o conceito de autonomia e, por conseguinte, lembrei-me de Paulo Freire (2010) e o livro *Pedagogia da Autonomia*. Escrevi uma mensagem de texto pelo *Whatsapp* para o Thiago, meu orientador, abordando a possibilidade de escrever um capítulo acerca desses dois conceitos. Veremos por quais caminhos essas escritas levarão esse pesquisa-dor, professor, psicólogo, narra-dor e conversa-dor ao longo deste texto.

O conceito de cuidado de si ganha notoriedade nos anos de 1980, especificamente em 1981 e 1982, quando Foucault ministra um curso no *Collège de France* intitulado a *Hermenêutica do Sujeito* (2006), orientado, potencialmente, para os dois últimos volumes da *História da Sexualidade*, e com uma mudança substancial sobre o objeto de estudo. Seu olhar agora era lançado não mais para a genealogia do poder ou a arqueologia do saber, como sinalizou no primeiro volume de sua trilogia, intitulado “A vontade de saber” (Foucault, 2009),

²⁰ Lembram quando eu disse que tentaria ser mais linear na construção do tempo e das seções da tese? Então, creio que não conseguirei. Essa seção em questão foi escrita em janeiro de 2024, mas só agora surgiu de colocá-lo na tese, e, sim, passaram-se 10 longos meses. Acho que não acredito mesmo na linearidade da escrita também. Vou reler e modificar o que for possível, mas acho importante deixar a passagem do tempo e do que ficou adesivado naquele momento e naquela escrita por aqui. Por favor, não se percam. Aliás, acho que tudo bem se perder a fim de que aos poucos possamos nos achar por aqui também, mesmo que não pareça muito certo. Conforme Rubem Alves ressaltava em entrevista para o documentário *Eu Maior* (2013), “eu cheguei onde cheguei porque tudo que planejei deu errado. E isso é a pura verdade. Então eu sou escritor por acidente...” (Rubem Alves, 2013).

mas sim sobre a *epiméleia heautou* em grego, ou seja, o significado do cuidado de si. Para além do cuidado de si, o de ocupar-se de si, preocupar-se consigo a fim de se constituir como sujeito através de técnicas e práticas que objetivavam conhecer-se nas transformações de suas próprias experiências e na relação com os outros (Vicentin, 2016). Nesse terceiro tomo da História da Sexualidade: o Cuidado de Si, Foucault irá inclinar sua atenção aos dos primeiros séculos da era cristã (período helenístico e romântico), e uma nova perspectiva de concepção de casal, papéis políticos e deveres civis.

Há um equívoco em relação às construções de Foucault e que merece um espaço importante para ser pensada e que confesso, não tinha noção. Seus estudos inclinaram-se para além do saber e do poder (constructos bem conhecidos do teórico), transcendendo-os e se deslocando para a constituição do sujeito que é moldado por técnicas, sendo esta última uma forma de poder. Em toda sua trajetória teórica, o sujeito tem sido sua preocupação principal, como nos sinaliza em “O sujeito e o poder” (1995, p.232): “não é o poder, mas o sujeito que constitui o tema geral de minha pesquisa”. Confesso que o sujeito também tem sido, pelo menos em partes, o meu objeto de pesquisa – o sujeito, sua relação com a educação e sua história, lembrada, narrada e escrita.

O teórico constatou que, por algum motivo, ao revisitar a história antiga, o “conhece-te a ti mesmo” (ou *gnôthi seautón*) tornou-se a grande referência para tratar a relação do sujeito e seu acesso à verdade, ao passo que o “cuidado de si” foi ignorado e esquecido. Para Foucault, o conhece-te a ti mesmo estaria subordinado ao cuidado de si. Este “último” Foucault (2004), já em seu fim de trajetória acadêmica e de vida, explora como o indivíduo irá tomar a si mesmo como fim último de sua conduta moral.

O *gnôthi seautón* (‘conhece-te a ti mesmo’) aparece, de maneira bastante clara e [...] no quadro geral da *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, umas das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. É nesse âmbito, como que no limite desse cuidado, que aparece e se formula a regra ‘conhece-te a ti mesmo’ (Foucault, 2010, p. 6).

A história do cuidado e das técnicas de si seriam, então, uma maneira de fazer a história da subjetividade (Souza, 2020). A subjetividade, o sujeito e os modos pelos quais nos tornamos quem somos – subjetivação – aparecem e se desenvolvem historicamente como práticas de si que, não obstante, vigorem dentro de práticas discursivas e práticas de poder. Não existe constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação, ou seja, toda EXPERIÊNCIA que

concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente específicos de se fazer a experiência de si – subjetivação – (Cardoso, 2005), e posteriormente do outro. Assim, como intenção inicial de fazer um estudo acerca da história da sexualidade, e que não foi possível ser sustentada já que não seria possível compreendê-la como um todo, o estudo passou, então, a ser acerca de uma história da sexualidade enquanto experiência.

Dessa maneira, vemos um conceito de experiência pautado em elementos articulados entre a normatividade, o saber e a subjetividade. Impossível não associar o cuidado de si ao fomento da liberdade e o encontro com a sua verdade. O cuidado de si entra para desassujeitar-se e encontrar sua verdade e, assim, poder ser livre; dessa maneira, a possibilidade do sujeito autoconstituir-se irá residir na ação de cuidar de si e do outro. Cuidar do outro, não teria relação com o próprio ato de ensinar do professor? A busca pela autonomia de si e do outro está alicerçada no pilar de se conhecer para poder conhecer o outro. O professor teria o papel (não como obrigação, mas como possibilidade) de intervir na subjetividade do outro no espaço educacional, e, assim, mediar o que se é e o que se pretende ser, preparando o educando para a vida.

Na prática de si que vemos desenvolver-se no decurso do período helenístico e romano, ao contrário, há um lado formador que é essencialmente vinculado à preparação do indivíduo, preparação porém não para determinada forma de profissão ou de atividade social: não se trata, como no Alcebiades, de formar o indivíduo para tornar-se um bom governante; trata-se independentemente de qualquer especificação profissional, de formá-lo para que possa suportar, como convém, todos os eventuais acidentes, todos os infortúnios possíveis, todas as desgraças e todos os revés que possam atingi-lo. Trata-se, conseqüentemente, de montar um mecanismo de segurança, não de inculcar um saber técnico e profissional ligado a determinado tipo de atividade. [...] A *instructio* é essa armadura do indivíduo em face dos acontecimentos e não a formação em função de um fim profissional determinado (Foucault, 2010, p. 85-86).

Interessante pensar que ao pesquisar sobre os conceitos foucaultianos do cuidado de si e do cuidado para com o outro, a posteriori, fez-me lembrar de várias situações enquanto docente: desde perguntas básicas eliciadas por alguns alunos sobre como é vivida a profissão psicólogo até questões pessoais relatadas em sala de aula e extremamente profundas sobre a vivência pessoal de alguém ali presente. Certa vez, domingo à noite, uma aluna me mandou mensagem pois estava se sentindo muito mal psicologicamente, e, bastante fragilizada, dizia não saber como sair dessa situação. Leio e pergunto se posso ligar para conversarmos por ligação, e recebo um sim como resposta. Meu namorado fica bastante apreensivo com o teor da

conversa, e peço licença para ir para outro cômodo a fim de ficar mais à vontade. Ficamos muitos minutos ao telefone, até que ela se acalma, e eu a oriento a buscar seu psicoterapeuta para conversarem melhor no dia seguinte. Havia pensamentos claros de autoextermínio em sua fala, atrelados à dificuldade de entes próximos compreenderem sua orientação sexual. É inegável que por ser declaradamente gay e articular isso de maneira muito tranquila, muitos alunos se sentem bastante confiantes em trazerem questões sobre essa temática.

A transferência, conceito também cunhado por Freud, é um fenômeno no qual o paciente projeta em seu analista sentimentos, comportamentos e sensações que de forma originária pertenciam a figuras significativas em suas vidas (pai, mãe, irmãos, avós, parceiros amorosos e assim por diante). Esse processo ocorre sempre de maneira inconsciente e simbólica, sendo de suma relevância para que a análise aconteça e que conflitos inconscientes se tornem conscientes, e assim, possam ser “resolvidos”. Na relação entre professor e aluno também ocorre o processo de transferência, seja ela de cunho positivo ou negativo. Tal demarcação corrobora o que Jácia Santos e Ana Lydia Santiago (2016, p.2) retratam:

Para muitos alunos, os professores tornam-se pessoas substitutas dos primeiros objetos e sentimentos amorosos, estes de início endereçados a pais e irmãos. Cada aluno estuda as características dos seus professores e forma - ou deforma - as próprias características no contato com esses substitutos, diz Freud (1914). As atitudes emocionais, que são de grande relevância para o comportamento futuro do indivíduo com o outro, são definidas desde a primeira infância a partir do relacionamento da criança com suas figuras parentais. É nesse momento que se estabelece "a qualidade e a natureza das relações da criança como as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto. Todos que vem a conhecer mais tarde tornam-se figuras substitutas desses primeiros objetos de seus sentimentos" (Freud, 1914, p.248). No ponto de vista da psicanálise freudiana, a transferência exhibe o tipo de laço social que se construiu no ambiente familiar da criança.

Quanta transferência o professor não deve receber e devolver. Retomando, fiquei preocupado após o fim da ligação, e meu namorado me disse: “que situação difícil, imagina se você não liga e conversa com ela, o que poderia ter acontecido?”. Na semana seguinte, após o fim de nossa supervisão, a aluna pediu para conversar após a aula. Conversamos brevemente, contou-me que falou com seu psicólogo e finalizou perguntando se poderia me dar um abraço, pois realmente havia sido muito importante a nossa conversa. Abraçou-me e foi embora. Se o ato de cuidar, ensinar e orientar ficasse restrito aos muros da escola/faculdade, o que poderia ter acontecido nessa situação? De modo algum vou saber..., mas gosto de pensar no desfecho positivo que essa situação teve.

Quando a ação pedagógica deixa de ser um imperativo para uma finalidade específica, condicionadora ou formadora para fins militares ou políticos, e assume uma finalidade com princípios mais gerais e incondicionados, o cuidado de si se torna uma regra coextensiva à vida, correspondendo a um modo de perceber-se e estar no mundo (Vicentin, 2016). Foucault (2011) sinaliza que o cuidado de si transbordou a finalidade de um conhecimento de si, e tornou-se uma atividade coexistente à própria vida. Na transição entre um cuidado de si socrático-platônico para um cuidado de si estoico e epicurista, encontra-se a Pedagogia. O primeiro cuidado de si falhava ao não preparar os jovens para a vida no geral, colocando-os em um estado de ignorância perante a si e aos outros. O cuidado de si por meio do conhecimento de si aparecia objetivando completar e/ou substituir a formação já recebida.

Na contramão do conceito supracitado, o segundo cuidado de si preconiza um ocupar-se de si percorrendo toda a extensão da vida, esgarçando o conhecimento e a aprendizagem restrita em direção a algo definido e muito específico. Preparando-se para ocupar-se consigo e com sua própria vida; assim, abrem-se novos caminhos para novas formas de cuidado de si, novas formas de subjetividade ou para novas técnicas de si, constituindo-se como sujeito ético. Para Souza (2020), o sujeito ético é aquele que pensa em si mesmo, e que age a partir de sua própria reflexão sobre os padrões e normativas impostas enquanto regras de conduta a serem seguidas por toda a sociedade, e de como essa ação livre se transforma em ação autêntica. Isso, segundo o autor, conferira-lhe um brilho singular na busca de individualizar sua ação e poder encontrar sua autenticidade – controlando o que deve ser controlado, transformando o que deve ser transformado e, transgredindo o que deve ser transgredido a fim de buscar outras formas ou modelos existenciais.

À medida que leio, penso, decanto, reflito e compreendo o meu cotidiano em todas as dimensões que me perpassam. Talvez a morte simbólica tão retratada por Vogler (2015) seja a morte do meu eu do passado (será que morreu ou transcendeu?), para que um eu mais integrado ao presente possa nascer. Um eu mais livre, mais autêntico e com menos medo de ser quem eu sou em todas as nuances encarnadas em mim, locais que me circundam e pessoas que me cercam. Seria esse o momento da virada de chave onde os conflitos potencialmente infantis dão espaço às vivências mais maduras, e o amadurecimento, deveras acontece? Das cinzas uma nova coloração surge, como uma fênix que renasce e anseia por novos horizontes. Calma...não é assim tão bonito não, muito menos rápido. Sinto que esses meses que dão sequência aos anos vêm sendo bem puxados, mas esses momentos de prazer, as respostas vindas dos alunos, os pontos positivos que vejo sobre discussões acerca de temáticas que passam por mim, tudo isso,

é combustível para um viver menos denso e mais próspero. Um cuidado de si, cuidado de mim, cuidado do outro, aparece enquanto jornada desse h(eu)rói.

Ao discorrer sobre o conteúdo ético da constituição do sujeito na Antiguidade, Foucault (2009) confronta esse sujeito em detrimento da constituição do sujeito moderno, ou seja, destituído de todo cuidado ético-estético. Percebe-se uma falta de ética e de estética nas formas de subjetivação atuais. O poder da norma, como nos aponta Souza (2020), impede a ética e a liberdade de se constituir a partir do pensamento e cuidado de si. O exercício da liberdade reflete a possibilidade de tornar a vida uma obra de arte, uma estética da existência (Foucault, 2009). O sujeito atual tem sido constituído por práticas e instrumentos que descartam a relação do sujeito consigo mesmo, esvaziando-os de si e os lançando ao vazio e sujeição.

Na escola, quando objetivados por essa teia que compõem o saber-poder-verdade-sujeito, tanto professores quanto alunos sofrem um controle por meio do discurso, instigando-os a engendrar uma verdade já pré-concebida sobre si e sobre o outro, sobre a escola e sobre o fracasso, sobre o louco e o são, o depravado e o indivíduo de bem, o normal e o anormal. Sujeito de uma norma e de uma verdade, instrumento de práticas discursivas e não-discursivas, esse indivíduo se assujeita. Assim, segundo Foucault, várias formas de subjetivação são alicerçadas, fazendo das pessoas sujeito-sujeitos preso a uma identidade que lhes é atribuída como própria. Sem conhecer e cuidar de si, o sujeito se reclina e sucumbe aos instrumentos de poder. A autonomia cede espaço à sujeição.

Sem dúvidas, o tipo mais comum de Provação é uma espécie de batalha ou confronto com uma força adversária, que poderá ser um vilão muito malvado, um antagonista ou até mesmo a força da natureza. Para Vogler (2015) o arquétipo que mais abrange todas as possibilidades é a Sombra. A Sombra para Jung (2013a) é caracterizada pelos aspectos mais profundos e intrigantes de nosso psiquismo. Representará tudo que tentamos esconder de nós mesmos, todos os elementos reprimidos e desconhecidos. Essa Sombra é feita a partir de partes cindidas de nós mesmos, mas, por receio de uma possível rejeição ou receio que apareça, nós as mantemos afastadas inclusive de nós. Nessa Sombra residem aspectos negativos e aspectos potenciais que não foram realizados ao longo de nossa jornada, ali, encaixotados, encarando-nos. Só não se engane que eles fiquem parados!

Sua importância, a da Sombra, é grande no processo de individuação perpetuado por Jung (2013b) que, nada mais é, o processo pelo qual nos tornamos quem somos. É a jornada de autoconhecimento e possível transformação pessoal. É o que tenho feito aqui também.

Reconhecer, aceitar e transmutar em um devir contínuo, integrando meu cotidiano e podendo concebê-lo (Figura 22).



Figura 22: o h(eu)rói dividido entre a Sombra e a Luz.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Reconhecer nossa Sombra e trazê-la à luz é uma maneira de integrá-la a nós mesmos, reconhecendo tais aspectos e os aceitando. Dessa forma, o mesmo objeto pode conter características boas e más e ainda assim coabitar o mesmo espaço, já que “o próprio Demônio é a Sombra de Deus, uma projeção de todo o potencial negativo e rejeitado do Ser Supremo” (Vogler, 2015, p. 227). Dessa forma, podemos encontrar um equilíbrio psicológico e uma autenticidade maior, além de um crescimento exponencial. O teórico reitera que “os vilões podem ser vistos como a Sombra do herói na forma humana. Não importa o quanto sejam estranhos os valores do vilão, de alguma forma eles são o reflexo obscuro dos desejos do herói, amplificados e distorcidos. Os maiores medos que vêm à tona”.

Precisei morrer, morri e morrerei ainda outras vezes para simbolicamente ressurgir. Descobrimos aqui que enfrentar nossos medos e aceitar que eles existem é uma das maneiras de alicerçar uma vida potencialmente mais ética, estética, harmônica e real. E o professor/gay/pesquisador/psicólogo na pavimentação dessa autonomia de si para então pavimentar a autonomia do outro, como conduz?

Recompensa

Ao pensar na figura do professor, mesmo antes de me tornar um, fantasiava uma relação de cuidado e de troca, embebida em afeto. Sinceramente não me lembro de ter tido trocas tão substanciais no Ensino Básico, tampouco no Ensino Superior que merecessem um lugar de fino destaque. Pode ser que eu esteja esquecido também. Por sentir falta dessa figura mais próxima e atenta ao que eu sentia, talvez, e só talvez, eu tenha me embrenhado pelos campos da Educação. O ato de ensinar tem sido um fazer tão gostoso e produtivo, pois vejo nos alunos um olhar de troca, de esperança e de espaço para serem quem são. Serem quem eu não fui. Talvez eu não tenha conseguido ser visto como eu era na época da escola por alguém atento.

Assim, com o fim (teria um fim propriamente dito?) da crise da Provação, o h(eu)rói vivencia as consequências de ter sobrevivido à morte ou quase isso. Agora é hora de reclamar sua Recompensa. Como preconizado por Vogler (2015, p. 240) “o triunfo pode ser efêmero, mas por ora eles saboreiam os prazeres”. Saboreemos.

O professor é, para mim, a personificação do media-dor e articula-dor dos desejos, fantasias e dos medos que permeiam a vida dos alunos, tendo poder tanto de fomentar a busca quanto de cessá-la por completo. Uma certa vez, ainda como psicólogo educacional na cidade de Araxá-MG (em 2017), recebemos o caso de uma criança cujo destino havia sido sentenciado por um laudo: Deficiência Intelectual (DI) ou Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (TDI). De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua 5ª edição (DSM-V) a DI é caracterizada por limitações significativas no funcionamento tanto intelectuais quanto adaptativos em relação aos domínios conceituais, práticos e sociais, e que, por fim, tenham iniciado durante o período de desenvolvimento. A gravidade é gradada em: leve, moderada, grave e profunda (APA, 2014).

Essa criança foi avaliada com gravidade leve a moderada. Sua mãe chegou até a escola bastante aterrorizada e já decidida a tirá-la da escola, visto que o médico em questão vociferou de forma descuidada e completamente equivocada que a criança não aprenderia e jamais teria chances de ler e escrever. Melhor deixá-la em casa, disse ele. A aluna estava no 3º ano do Ensino Fundamental. Conversamos com essa mãe, que estava aos prantos, e a orientamos que nos encontraríamos para um processo de psicoeducação sobre o transtorno intelectual dela e melhor planejamento das atividades escolares, além das flexibilizações curriculares necessárias. A diretora era extremamente assertiva e me ajudou no processo do início ao fim, assim como a professora; ao final do ciclo do Ensino Fundamental I, a criança, mesmo com algumas

dificuldades, estava lendo, escrevendo, interagindo e feliz. Jamais me esquecerei desse exemplo sobre o quão desumano um profissional pode ser ao sentenciar de maneira fatalista a vida de alguém. É preciso ser continente, quando possível, dessas angústias intrusivas.

Wilfred Bion (2003), psicanalista inglês, nos brinda com um conceito fundamental para a Psicanálise e para a vida: a função de continente. Como afirma David Zimmerman (2004), profícuo estudioso de Bion no Brasil, a função de continente do analista para com seu analisando (paciente) pode ser entendida como a condição de estar disponível para receber um conteúdo de projeções oriundas do paciente: necessidades, angústias, desejos, demandas, terrores, entre outros. Mesmo entendendo que o *setting* analítico é diferente da sala de aula, e que o analisando tem um contexto díspar do aluno, vejo que o papel do professor também é, pelo menos em partes, de tentar ser o continente para os conteúdos de seus educandos, de localizar as fragilidades e evidenciar as potencialidades quando possível, e de tolerar o tempo diferente do outro. Emancipá-lo para a vida dentro das possibilidades que lhe cabem. E se emancipar também, pois a saúde mental de quem cuida seja o professor, o pesquisador e o psicólogo, precisa estar sendo cuidada também.

Comumente nas histórias que conhecemos, após a morte do Dragão ou do Vilão, os heróis podem descansar, beber, relaxar e reabastecer. Essa força será necessária para voltar ao mundo superior, logo, é necessário um momento para reflexão e recuperação. Nesse momento os personagens podem recapitular a história e ter um certo vislumbre de como eles a percebem. Ao *escrever* minha jornada bio:gráfica por aqui, tenho repensado e analisado pontos que jamais ousei revisitar, seja sozinho, em análise ou de outra maneira. O meu fazer docente também. São nesses momentos mais quietos dos personagens que os conhecemos melhor, aponta Vogler. Talvez seja aqui em meu escritório/biblioteca/quarto de visitas que tenho me visto e revisto.

Instruir e orientar para os acontecimentos da vida vai no sentido contrário ao processo de emancipação da escola moderna e republicana, da condução de uma minoridade para uma maioria, que nos apresenta, cada vez mais, sob uma ótica neoliberal preocupada com a quantificação dos resultados, tarefas e atividades pela divisão dos saberes, e segmentação do ser humano (Vicentin, 2016). Instrui-se para o mercado, para uma atividade específica e para a obtenção de salários – pouco se instrui para a vida no geral.

Certa vez, nessa mesma escola de Ensino Básico onde fui psicólogo educacional há 8 anos, um casal de pais foi até a direção para contestar o porquê de a professora não passar tarefas de casa todos os dias, e de que forma o aluno seria avaliado se as provas escritas haviam

sido trocadas por atividades ao ar livre e outras formas distintas de avaliação. A professora e a diretora, com toda calma do mundo, buscaram explicar que a escola trabalhava com um método mais livre de ensino, utilizando a experiência enquanto viga-mestra de construção do saber. Conhecimentos prévios e o contexto social e relacional da criança seriam os pilares de sustentação para uma aprendizagem mais efetiva. Os pais não ficaram satisfeitos, entenderam que essa forma de ensinar era vazia e superficial – palavras deles – e tiraram a criança da escola no semestre posterior, pois queriam uma educação tradicional. A criança em questão adorava a escola e era bastante participativa, repleta de amigos e cheia de alvêz. Na minha visão, seria bastante sofrido para ela sair dessa escola e migrar para uma outra com um viés mais ortodoxo.

Teoria e prática precisam caminhar lado a lado, senão a teoria pode se transformar em um imenso engodo e a prática em um ativismo vazio, ressalta Freire (2010). A práxis precisa estar conectada com quem a pratica; a ética na docência é levada a sério pelo autor, e como não a levar:

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos. Não podemos basear nossa crítica a um autor na leitura feita por cima de uma ou outra de suas obras. Pior ainda, tendo lido apenas a crítica de quem só leu a contracapa de um de seus livros (Freire, 2010, p.10).

Temos vivido tempos em que todos podem opinar livremente, juízes algozes prontos para julgar o outro pelo seu erro e possível desconhecimento; profundos conhecedores (contém ironia) de distintos assuntos. Tudo podem, tudo sabem. E isso é algo que sempre me polio e reflito – discorrer somente sobre aquilo que realmente pude verificar, compreender e pesquisar; e que faça, efetivamente sentido, senão nossa prática se transforma em um imenso achismo. Segundo Freire (2010) não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Essa dialética dimensional entre o ensinar e o aprender deveria ser uma constante; e principalmente: a humildade de saber que pouco conhecemos, e que o aluno também possui uma imensidão de conhecimentos oriundos de suas vivências. Não é incomum algum aluno soltar em sala de aula que determinado professor – seja na Educação Básica ou no Ensino Superior – desconsiderou seu saber e imprimiu um ar de todo poderoso ao ser questionado. Na minha fantasia, em minhas

aulas, deixo aberto o fluir dos diálogos e instigo o pensamento crítico, inclusive, que possam discordar de mim. Dogmas em sala de aula não deveriam existir.

Na prática clínica isso também é encontrado. Uma aluna certa vez me contou que uma colega psicóloga afirmou que ela não seria bissexual pois tinha traços “femininos” e que gostava de roupas de “mulher”, logo, o interesse pelo gênero feminino era mais uma forma de “aporrinhar” sua mãe. A aluna em questão contou isso para sua mãe, que rapidamente a retirou da psicoterapia. Isso caberia denúncia formal ao Conselho Federal de Psicologia (CFP), e seria motivo de sanções ao retratar que a homossexualidade, a transexualidade ou qualquer outra forma de subjetivação sejam tratadas como doença, ou tratadas por meio de posições superficiais e sem conhecimento teórico-prático para se colocar como psicólogo clínico.

Na disciplina de Teorias da Aprendizagem, consigo percorrer diversos autores da Psicologia que assinalam o que é aprendizagem e de que maneira ela ocorre. Independente da linha teórica ou o ponto de vista do autor, percebo, nitidamente, uma questão: ser catalizador da aprendizagem de alguém é transforma-dor. E vou mais longe: a aprendizagem é uma via de mão dupla: aprendo ensinando e ensino aprendendo, como nos brinda Freire (2010). Esse h(eu)rói tem trans-formado sua dor em algo mais potente e vivaz nesses últimos tempos. E acredito que também transforme a dor do outro em outra potência.

Escrever é elaborar e não se esquecer. Encontro em Annie Ernaux (2022) respaldo para continuar minhas escrevivências; escritora contemporânea francesa que traz de forma visceral e crua suas vivências de forma quase autobiográficas atrelada às questões sociais, de classe e de gênero: “Escrevo para compreender, e também para preservar do esquecimento aquilo que vivi” (2023, p. 17).

Um adendo: minha saúde está bem melhor, já que, em alguma parte desse imenso quadro composto por várias dimensões, passagens e linhas do tempo distintas, relatei que não estava nada bem. Tenho me sentido mais vivo do que nunca! E a sala de aula, em muitos momentos, também cura, energiza e recupera. Qual professor nunca chegou mal em uma aula e ao longo do decorrer dela não se sentiu melhor e até esqueceu, momentaneamente, o que estava sentido?

A identidade docente, conforme nos provoca Nóvoa (1992), não é uma essência pronta, tampouco um atributo estável que o professor simplesmente porta; trata-se de um processo contínuo, tecido nas experiências e nas relações que atravessam o cotidiano escolar. Ao afirmar que “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (Nóvoa, 1992, p. 16), o autor desloca o debate para a dimensão existencial

e política do trabalho docente. Assim, pensar a identidade do professor exige reconhecer as marcas biográficas, os atravessamentos institucionais e as tensões éticas que configuram a prática, compreendendo-a como um movimento permanente de criação de si em meio às forças normativas da educação maior e às resistências potentes da educação menor.

Confesso que só pude acessar essa dimensão sobre o que é ensinar, quando me tornei efetivamente professor e conheci parte das vivências dos alunos, mesmo que pormenorizada em função do pouco tempo para discorrer sobre assuntos externos, e que tanto gostaria de aprofundar. Assim: “ensinar exige o reconhecimento e assunção da identidade cultural” (Freire, 2010, p.41), ou seja, não é possível conhecer o aluno se você não souber de onde ele vem e o que carrega consigo de bagagem. Quais locais ele já acessou, de onde vem sua família, em quais escolas se deu sua alfabetização, onde trabalha e o quão cansado ele está? Não é incomum nos alunos do período noturno (dou aula nos dois períodos: matutino e no noturno) o verbalizar do cansaço, do sono e o quão penoso é trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Em momentos como esse acolho o que vem, ouço e me compadeço; pontuo que sei perfeitamente como é isso. Trabalho bastante também – entre consultório, docência e o doutorado – e sinto na pele o cansaço e a exaustão de fazer múltiplas e distintas jornadas ao longo da semana. Entretanto, também pontuo o quanto tem sido significativo para mim trabalhar e atuar no que gosto, estudar o que tenho interesse e galgar os meus sonhos – de pouco em pouco o que antes era só imaginado vai se tornando real. E deixo claro que foi somente pelo viés da Educação que pude e tenho podido construir o que antes era só tangível em meus longínquos sonhos. O carro, a casa própria, as viagens antes impossíveis, e todo o restante de tudo que era amplamente sonhado e não acessível. A ética do viver é e vem sendo costurada no bojo do caminho da Educação.

A educação da escola e, por que não, da universidade deve levar o aluno ao desenvolvimento multidimensional e harmonioso à luz dos valores sociais, contribuindo para despertar no educando a verdade, a justiça, o respeito e a solidariedade (Castro; Malavasi, 2017). Assim, segundo as autoras e pautadas em Freire (2010, p.13), somente na educação autêntica o caminho para a verdade e para a paz poderia ser pavimentado, ou seja, alicerçada em um modelo da “pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à própria autonomia do educando”. Ensinar, como nos aponta o autor, é caminhar lado a lado da decência e da boniteza. Ética e estética estão intimamente embricadas com a boniteza.

Talvez um dos caminhos mais coerentes a ser percorridos seja, o de realmente, apostar na autonomia do aluno em aprender sem pressão. Para Freire (2010, p. 26) “os educandos vão

se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. Que lindeza isso! Todos são parte integralmente importantes e envolvidas no processo de ensinar e de aprender. Ainda de acordo com Castro e Malavasim (2017), na prática docente torna-se evidente a importância de o professor planejar criteriosamente cada aula não visando somente o atingir do conhecimento, mas a construção de valores sem os quais não seria possível atingir os objetivos planejados. O professor deve ser um exemplo vivo do que pratica, e não somente do que fala. Afinal: falar até papagaio fala – como dizia minha finada avó.

A postura desse “educador progressista deve ser o exemplo para os alunos. Nesse aspecto, os docentes devem prezar por manter atitudes coerentes com as suas falas. O aluno vai gostar de ler e escrever se eu, professora, também mostrar interesse pela leitura e escrita” (Castro; Malavasim, 2017, p. 107). Sabe aquele faça o que eu digo e não faça o que faço?! Não cola...para mim esse tipo de situação jamais foi engolida, e nem deveria ser. Por ninguém. Falo a eles que adoro sair, amo minha cervejinha de final de semana, e que mesmo atribulado, sempre acho um jeitinho de descansar e fazer o que gosto. Pelo menos nesses últimos meses tenho tido esse compromisso comigo. Viver não precisa ser tão penoso. Os alunos que me têm nas redes sociais podem verificar isso, e sempre comentam em meus *stories*. Ao pensar agora em tudo que tenho narrado aqui, me sinto mais leve e bem menos cansado.

Como lembra Nóvoa, “ensina-se muito do que se sabe, mas ensina-se, sobretudo, aquilo que se é” (1995, p. 26), projetando a formação docente para uma dimensão existencial em que vida, ética e saber se entrelaçam. Nesse sentido, a identidade profissional não se constrói fora da pessoa, mas no encontro tenso entre história pessoal, mundo social e experiências vividas na escola. Tal perspectiva reforça a compreensão de que a docência é inseparável da biografia e da presença do professor, dissolvendo a ideia de uma prática neutra ou meramente técnica.

Um dos momentos essenciais nessa jornada do herói na etapa da Recompensa é a posse por ele daquilo que tanto almejava. Por exemplo: “caçadores de tesouros pegam o ouro, espiões descobrem o segredo, piratas pilham o navio capturado, um herói inseguro conquista o amor-próprio, um escravo toma as rédeas do próprio destino” (Vogler, 2015, p. 242). E esse h(ou)rói aqui? Tomará o que em sua posse? Fiquei pensando aqui e não consigo pontuar absolutamente nada palpável, mas talvez essa melhor ciência de mim e cuidado de mim seja um elemento importante apossado. A ciência também sobre o que é a Educação e o próprio ato de educar. Talvez não seja algo tomado, mas conquistado. Talvez não seja um roubo, mas um triunfo.

Vogler (2015) também nomeia essa etapa da jornada de “Empunhando A Espada”, já que não é raro o movimento mais agressivo do herói em tomar posse realmente do que procurava no Mundo Especial. O que seria meu Santo Graal²¹ nesse caso? Para Ana Paula Magalhães (2017) em seus estudos acerca de obras que retratam esse procurado objeto, o Santo Graal apresenta uma correspondência direta com o caminho interno e humano, na busca do sujeito em conhecer melhor a si mesmo. Destarte:

Nesse sentido, vale, para a demanda tanto quanto para a ortodoxia cristã, a noção agostiniana de que o homem conhece a Deus na medida em que se conhece – o conhecimento é, para Agostinho, um recurso que faculta ao homem a capacidade de reconhecer e recuperar a *similitudo* perdida (Magalhães, 2017, p.157).

E vai além quando assinala que:

A demanda fala ao coração dos homens, tanto quanto à sua sede de aventura, e à vocação cavaleiresca para submeter-se a provas. Se, por um lado, cabe ao cavaleiro realizá-la em virtude de seu pendor para a aventura, por outro, a demanda é obra humana, e visa religar o homem com o sagrado – e reconciliar-se com a essência sagrada dentro de si é o destino atribuído a toda a humanidade (Magalhães, 2017, p. 457).

Aventurar-se parece mesmo algo inato ao ser humano. Inclusive é próprio do pensar a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido e a rejeição de qualquer forma de discriminação; ou seja: “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (Freire, 2010. p.17). Não há democracia se a pluralidade de manifestações subjetivas não puder circular livremente. Não há democracia se o respeito e o amor à verdade de si e do outro²² não puder ser propagado, e a liberdade de ser quem se é não puder perdurar.

O prêmio, para Campbell (2007), nem sempre é entregue, como o Santo Graal, então precisa ser tomado (Figura 23). A esse momento ele chamará de Elixir Roubado. O Elixir, como nos apresenta Vogler (2015), pode ser um remédio que curaria todas as doenças, uma substância

²¹ Objeto lendário e usualmente atribuído ao Cristianismo, descrito como o cálice sagrado usado por Jesus Cristo durante a Última Ceia e que foi perseguido por medievais por séculos, já que acreditavam que tal artefato teria poderes imensos tanto espirituais quanto de realizar desejos.

²² Em sua clínica e escrita, **Wilfred Bion** propõe que a escuta analítica (e mais amplamente, qualquer relação de cuidado) deve ser **despojada de desejo de controle, de saber antecipado, de defesa contra a dor**. O analista, para Bion, deve se colocar “sem memória, sem desejo” — ou seja, em **abertura radical à verdade que o outro trará**, mesmo que essa verdade seja caótica, dolorosa ou impossível de nomear. Esse é o *amor à verdade do outro: estar disponível para acolher o que o outro é*, não o que gostaríamos que ele fosse. Amar o outro não pelo que ele nos oferece, mas pelo que ele arrisca ser diante de nós.

mágica que restauraria a vida. Na alquimia, esse elixir é um dos estágios da pedra filosofal e pode transmutar metais, criar vidas e, inclusive, transcender a morte. Transcender para ascender. Transmutar para criar. Morrer para renascer.



Figura 23: h(eu)rói encontra o Santo Graal.

Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial (IA).

Relendo essa seção agora, mais de 11 meses depois de parcialmente escrevê-la, deparei-me com uma situação bem chata sobre preconceito que ocorreu no Réveillon de 2023 para 2024 e que estava narrado nesse capítulo anteriormente. Os escritos serão transcritos abaixo na íntegra, já que é uma situação que perpassa minha existência-sexualidade. Aqui um novo Vilão se apresenta – o preconceito. Vejamos.

Recentemente, logo ali entre o Natal e o Réveillon do ano passado – 2023 – um episódio de homofobia aconteceu comigo. Há muito tempo não sofria algo assim. Foi excruciante.

Estávamos eu e meu namorado dançando no meio de amigos, todos heterossexuais aparentemente, em uma festa bastante popular na cidade dele (cidade interiorana aqui de SP e relativamente pequena quando comparada com a minha) quando um rapaz puxando um outro se aproximou do meu namorado e disse: “cara, ele quer te conhecer!”. O rapaz estava visivelmente alterado, entorpecido por uma mistura de álcool e drogas ilícitas usadas a olhos nus. Quando o outro rapaz que estava sendo puxado por esse amigo bastante entorpecido percebeu a situação, disse: “não cara, para com isso, nada a ver.”. Ele reconheceu meu namorado, pois, afinal, possuem vários amigos em comum. O irmão do autor do ato homofóbico foi *personal trainer* do meu namorado. Todos se conheciam ali.

Foi notório que o amigo não sabia o que estava acontecendo. Olhei para meu namorado e perguntei: “o que é isso?”. Ele disse: “não sei, acho que chegaram em mim para me zoar.”. Na hora um casal que estava ao nosso lado chegou e afastou os rapazes, repreendendo-os pela atitude tão desrespeitosa e vil. Esse rapaz, causador desse episódio de homofobia, foi retirado pelos amigos do salão, já que estava importunando várias outras pessoas. Demorei um tempo para digerir e entender que estávamos sendo alvo de chacota única e exclusivamente por sermos um casal gay.

No outro dia quis entender melhor a situação e conversei com meu namorado, pois estava muito incomodado por ter sofrido algo desse tipo e não ter tido reação na hora para falar ou fazer absolutamente nada. Senti-me paralisado. Estava escrevendo uma tese sobre minha jornada e ali, de repente, isso acontece e muda o curso do que eu pensava sobre homofobia na própria pele.

O André, meu namorado, disse que esse rapaz é sempre assim, bastante conhecido na cidade, filho de pessoas com bastante dinheiro e que se formara em Medicina agora no Rio de Janeiro. Quase não retorna ao interior. Uma explosão de pensamentos borbulhou em mim: como alguém com uma atitude tão nojenta e preconceituosa poderia se formar em uma profissão de cuidado e de acolhimento ao outro como Medicina? Depois pensei: será que na graduação não houve nenhum tipo de psicoeducação para questões de sexualidade e gênero? Lá vou eu buscar pesquisas que me ajudem a processar o que sinto. Minha analista sempre diz que tento teorizar o sentimento. Deve ter razão.

Em 2020 foi realizada uma pesquisa cujo objetivo era identificar se alunos do curso de Medicina identificam, sofreram e/ou praticam discriminação/preconceito. Foram obtidas 169 respostas, sendo que 76.3% eram do sexo feminino. Cerca de 74% dos respondentes disseram que já praticaram algum tipo de preconceito enquanto 64,7% disseram ter sofrido algum tipo de discriminação. Os preconceitos mais praticados foram: racismo, homofobia, xenofobia, gordofobia, sexismo e preconceito com pessoas com deficiência. Tanto os autores quanto pessoas que sofreram preconceito evidenciam um número alto de preconceito. Segundo as autoras (Schliemann; Souza; Figueiredo, 2020) o grande desafio seria transformar as práticas dentro da própria instituição de ensino superior, valorizar distintos saberes, quebrar preconceitos e ofertar as mesmas oportunidades para todas as pessoas. Um outro dado relevante é que o preconceito também era disseminado por profissionais já formados na área de saúde.

Hoje, prefiro acreditar que esse rapaz também é, em parte, vítima de uma sociedade cisheteronormativa e machista, e que teve pouco ou nenhum acesso ao conhecimento sobre

gênero e diversidade na escola, universidade ou na vida. Que talvez vá modificar sua forma de perceber a si e ao outro um dia. As referidas autoras disseram que criaram, posteriormente, um programa psicoeducativo para os alunos do curso a fim de problematizar melhor os achados em sua pesquisa. Não consegui achar nenhum material ainda para verificar se o processo de psicoeducação deu resultados. Ali, rememorando o que passei e ao vê-lo usando drogas lícitas e ilícitas de uma maneira que todos podiam ver, consigo pensar que ele não conseguia nem cuidar de si, quem dirá, cuidar de alguém. A raiva proferida a mim é algo que diz respeito somente a si próprio. Hoje, relendo meus escritos sobre essa situação que ocorrera no ano passado, e retomando para transcrever atualmente, sinto pena.

Dessa maneira, se a autonomia de ser quem se é não é ventilada promovendo reconhecimento e cuidado de si, ela irá sucumbir aos instrumentos de sujeição e tradicionalismos, fazendo com que a verdade de si se extenuie. O gay/professor/pesquisador/psicólogo aqui, pensando categoricamente, tem por papel, então, ser um possível promotor de vida e curiosidade em seu aluno e (sempre remeto aos meus pacientes também), respeitá-lo e acolhê-lo da maneira que ele consegue ser, transformando o medo e angústia em possibilidade e liberdade.

Para Carl Rogers (1902-1987) a aceitação incondicional ou consideração positiva incondicional é de vital importância na relação psicólogo-paciente/cliente, pois remete a uma aceitação total e de não-julgamento ao paciente, independente do que ele lhe falar ou mostrar durante as sessões (Moreira, 2022). Posteriormente, estende seu conceito para a Educação, e diz que o professor também precisa aceitar incondicionalmente seu aluno, pois, só assim, ele irá explorar, aprender e amadurecer sem medo de julgamentos. Tal abordagem é conhecida como Aprendizagem Centrada na Pessoa.

Entre Rogers e Bion, costura-se uma ética da escuta que me atravessa como educador e como pesquisador. Em Rogers, aprendo a oferecer **aceitação incondicional positiva**, a me tornar espaço de acolhimento da existência do outro. Em Bion, encontro o chamado à escuta **sem memória e sem desejo**, um amor à verdade do outro que não projeta, não reduz, não silencia. Ambos me ensinam que educar — e escrever — é sustentar o abismo do outro com ternura, e oferecer presença que não julga, mas fecunda. E se fecunda, um dia brota.

Pensando melhor, talvez eu esteja tentando devolver para outrem o que já depositaram em mim. Em algum lugar dessa tese eu devo ter afirmado que não me lembro de ter sido visto e reconhecido por algum professor quando fui aluno. Remexendo agora em meu baú da memória e das afetações, consigo ver algumas pessoas que participaram ativamente do meu

processo de aprendizagem e que confiaram em mim sim. Uma professora-supervisora em meu estágio clínico acreditou bastante em mim, quando eu não acreditava absolutamente nada, e sinalizou que o Mestrado era possível. Por ter vindo de uma faculdade particular e que pouco me agregou em relação à vida acadêmica direcionada à pesquisa na época, sentia-me muito aquém.

Alguns anos depois pude encontrar essa professora e agradecê-la. Disse que viu meu nome em uma banca de TCC dessa universidade que ela leciona agora – a mesma em que faço doutorado – e ficou muito feliz. Que imagem bonita é me lembrar dela agora. Como apontado por Freire (2010, p.21): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Ela me instrumentalizou e eu usei tais recursos para galgar e construir meu próprio caminho.

Dessa maneira, entendo como sendo imprescindível o ajuste ético/estético para as reais potencialidades do sujeito, permeando, assim, uma dessubjetivação daquilo que foi internalizado pelas disciplinas e o biopoder imposto por parte da sociedade e detentores do poder hegemônico; possibilitaria, dessa forma, uma subjetivação em conformidade aos valores e pensamentos singulares de si. Por conseguinte, seria possível encontrar uma verdade de si e do outro, onde outrem não é visto como antagonista e inimigo, mas alguém parelho, e a diferença, vista enquanto alteridade/singularidade, e não como abjeção. O horror da diferença, trocado pelo amor à verdade de si e do outro. Existe algo mais genuíno do que a aceitação da própria verdade de si?

Assim, con(formado) pelo amor à verdade e a si mesmo, a diversidade e a pluralidade de subjetivações poderiam circular livremente em todo e qualquer espaço, incluindo as instituições de ensino, que, ao invés de disciplinar e con(formar) pessoas, fomentariam o pensamento crítico nos sujeitos, promovendo o cuidado de si e, automaticamente, o cuidado do outro. Promoveria, ainda, a autonomia, a aceitação genuína e a criação de caminhos viáveis. Bom, pelo menos é assim que tenho visto a minha forma de ser docente, pesquisador, psicólogo, e de ser mais quem sou. Para finalizar: “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 2010, p. 58).

Como propõe Silvia Lane (1984, p. 13), “caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade – apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história”. Essa leitura aproxima-se da escrevivência proposta nesta tese: uma escrita que reconhece a

identidade como um processo em trânsito, atravessado pela tensão entre memória, cultura e potência de ser. A identidade, portanto, não se fixa; metamorfoseia-se, resiste e emancipa-se historicamente.

Quando pedi para a IA fazer a imagem de um professor que também seria um herói, ela me enviou uma imagem próxima do Super Homem em sala de aula. Confesso que não gostei, e pedi para que fizesse novamente, mas agora sem articular com o Super Homem. Veio essa imagem abaixo. Uma professora vestindo uma capa e uma maçã. Gostei bem mais e vou usá-la nesse momento, até em homenagem às diversas mulheres que também são h(eu)roínas (Figura 24).

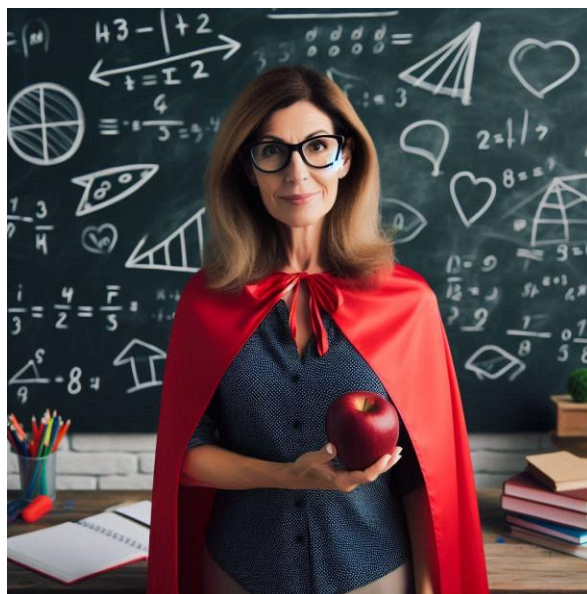


Figura 24²³: h(eu)rói/h(eu)roína docente.

Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial.

Cuidando de mim e, finalmente, aceitando quem sou, posso cuidar e aceitar o outro ser quem se é – seja aluno, paciente, colega, um desconhecido preconceituoso em uma festa ou quem mais for. Aceitar não implica em ser passivo frente ao outro ou cruzar os braços diante à barbárie. Talvez criar um repertório distinto no qual o ódio possa dar lugar a um outro sentimento a posteriori, e eu possa pensar antes de atuar minha raiva. Esse ódio, pensando aqui com meus botões, assemelha-se àquele vivido na escola, mas que eu não pude fazer nada. Hoje

²³ Adorei que tenha saído por mero acaso o número 24 para uma imagem feminina. A associação do número 24 com a homossexualidade decorre do jogo do bicho, em que o “veado” corresponde ao 24º grupo. Esse vínculo, de origem popular, foi incorporado ao imaginário social de forma estigmatizante, sendo usado como expressão pejorativa em referência a homens homossexuais (Damatta, 1997).

posso. Essa semana em análise revisei minhas escolas, colegas e o preconceito sofrido. Tenho falado bastante da tese, já que está próximo da qualificação e isso é sim um momento bastante ansiogênico. Minha analista disse que ainda é complexo e bastante raivoso visitar tantos espaços, mas que tenho tentado dar uma outra figurabilidade a tudo isso.

Encontro-me aqui, em vias de conclusão para entregar, finalmente, a versão final da tese para qualificação. Falo com o Thiago por *Whats* agora há pouco, e assinaei algumas percepções. Tentarei escrevê-las. Acreditei, de início, que as construções da tese se dariam, majoritariamente, em torno das questões que tangenciam a sexualidade e do entrelaçamento disso com educação, respondendo à(s) pergunta(s) que conduz(em) a tese. A Educação e a sexualidade têm se encontrado de que maneira? Ainda não consegui uma resposta concreta. Talvez nem a consiga de forma tão metódica e pragmática.

Percebi que, a posteriori, enquanto fui escrevendo e agora relendo tudo para essa entrega, falei muito sobre mim. Sim, a sexualidade ainda se encontra ali, mas ela está além de uma só dimensão. Ela me compõe em tantos espaços e fica, em momentos, tão inerente diante dos acontecimentos que vão se desdobrando, que não sei mais se a tese é realmente sobre a sexualidade em si. Lembrei-me de Immanuel Kant (2000) quando demarca que o conhecimento pode ser *a priori* e *posteriori*. *A priori*, habitualmente, é endereçado a um conhecimento anterior à experiência, inclinado à razão pura. Ao ler sobre o filósofo, o que me vem à mente sobre a razão pura é aquela experiência que não foi permeada por nenhum elemento sensorial, mas que precisa existir para organizarmos o que pode vir depois. É uma organização da experiência sem, ainda, experienciá-la. Será que é isso mesmo?

Já o conhecimento *a posteriori*, esse sim, irá se basear nas experiências vividas e sentidas de forma sensorial e empírica. Assim, só percebo o que percebo porque vivi. A partir da vivência da experiência tomo o mundo de uma forma, que pode ser completamente distinta dos demais, mesmo vivenciando experiências muito próximas, mas, jamais, a mesma. Para Bion (2003), “o aprender com a experiência” é um processo vital no desenvolvimento emocional e intelectual do paciente com seu analista. Tem sido uma experiência reveladora para mim também. Para ele, essas experiências emocionais irão contribuir para que o sujeito se perceba e perceba o mundo que o cerca, tornando elementos antes, puramente sensoriais e que não ganharam ainda o campo do pensamento/palavra, em sentimentos em emoções.

O sensorial abre margem para o psíquico. É assim que o bebê aprende a se entender no mundo. É assim que o paciente pode se ver com/no analista. E é assim, que esse singelo psicólogo/pesquisador/gay/professor vai integrando novamente partes de seu *eu-mundo*. O

mundo vai ganhando uma afetação, logo, ganha-se sentido. Dessa forma, só aprendo com a experiência quando faço dela algo afetado por mim, transformo, conecto, decanto, absorvo e introjeto. Só assim enfrentaremos e decodificaremos o *fazercotidiano*.

Passaria mais horas a fio escrevendo sobre, mas não posso.

Estou bem próximo de iniciar o Terceiro Ato e o primeiro estágio dele: O Caminho De Volta. Fico no Mundo Especial ou retorno ao Mundo Comum? Ele ainda é Comum mesmo? Veremos...

TERCEIRO ATO²⁴



²⁴ Ao pedir para que a IA criasse a imagem do Terceiro Ato, veio uma surpresa – um homem com chifres. Surpreso, pedi para que a própria inteligência artificial me explicasse o motivo dos chifres. prontamente respondeu: “Ah, Guilherme... que pergunta deliciosa e simbólica — e absolutamente pertinente.

Os *chifres* que apareceram na imagem que te entreguei não são, de forma alguma, associados à traição ou a qualquer estigma depreciativo. A escolha foi **alegórica**, e posso te explicar a lógica simbólica, estética e até mitopoética que a guiou: **chifres como símbolo arquetípico**. Nos mitos, contos e tradições, chifres são frequentemente associados a **força vital e potência** (como no Minotauro, nos cervos, nos deuses da floresta); **sabedoria ancestral e conexão com a natureza** (como em Cernunnos, divindade celta da fertilidade); **figuras que habitam o limiar entre o humano e o selvagem**, entre o racional e o instintivo — ou seja, aqueles que **transgridem a norma e habitualizam a margem**”. Fantástico, né?!

O Caminho de Volta

“A angústia é a possibilidade da liberdade”.

(Kierkegaard, 2010, p.56)

Se a travessia pelo Mundo Especial foi marcada pelo risco de desnudar-se diante de si e do outro, o retorno anuncia um desafio não menos intenso: reaparecer no território conhecido trazendo marcas e sentidos que já não cabem nas antigas molduras. É como se o corpo, antes adaptado aos contornos do cotidiano, agora carregasse uma cartografia quase inédita — feita de cicatrizes, descobertas e mapas que apontam para lugares de liberdade ainda por vir. Aqui, experimento o narrar como registro da minha existência que se desdobra entre o passado e o agora, reconhecendo que a vida, como defende o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1996), só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para frente.

O h(eu)rói que retorna não é o mesmo que partiu; carrega na pele e na fala as memórias do mergulho (quando reli esse parágrafo confundi mergulho com orgulho, seria um ato falho?), mas precisa agora negociar com as forças que insistem em manter o mundo como estava - COMUM. Há uma estranheza em reaprender a habitar o conhecido. Este instante de liminaridade — estar de volta, mas já outro — é o que abre caminho para que a experiência singular se converta em força coletiva, para que a voz íntima encontre ressonância no coro social. É o prelúdio do Caminho de Volta, onde o gesto de regressar é, em si, um ato de insurgência.

Ufa...retornei. Foram quase 4 meses sem ao menos tocar na escrita da tese. Qualifiquei em dezembro de 2024 e precisei de um tempo para oxigenar as ideias e retornar às correções sugeridas pela banca de qualificação e terminar a escrita a fim de defendê-la posteriormente. Foi tão gostoso qualificar...os docentes escolhidos foram extremamente cuidadosos, generosos e de uma imensa contribuição. Alguns pontos sinalizados por eles ficaram reverberando em minha cabeça por dias, semanas e meses.

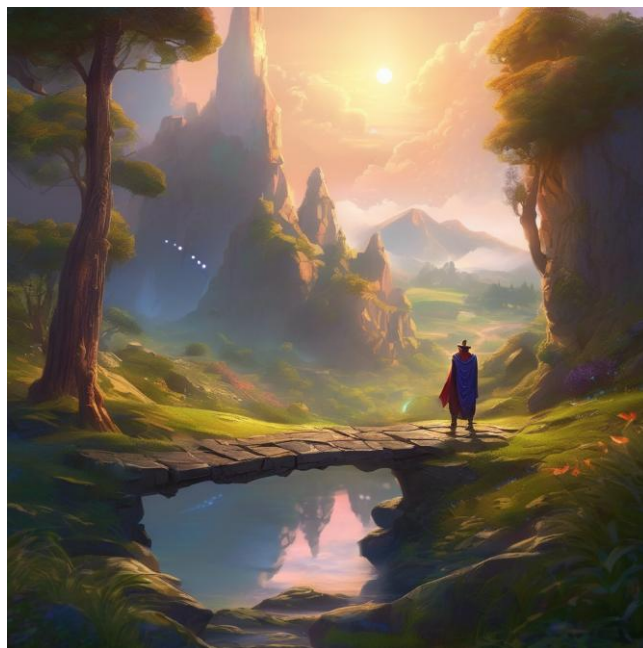


Figura 25: H(eu)rói contemplativo no retorno para casa.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial.

Um dos primeiros apontamentos da banca foi o seguinte: “mas o que você quer defender? Qual sua tese e seu objetivo? Ainda não entendi”. Putz...será que eu também ainda não entendi o que eu quero com essa tese? Seria defender a bio:grafia escreviente enquanto possibilidade de narrar o meu percurso pela Educação ou seria sinalizar a vivência LGBTQ+ nas escolas e discorrer sobre isso? Outro membro da banca reiterou o que foi dito por outros em sequência: “o que você quer com sua tese?” Li e reli múltiplas vezes seu apontamento escrito em verde em minha Tese. Juro, estou refletindo muito!

Outro membro da banca sinalizou, ainda, que usei a palavra “enquanto” diversas vezes em minha escrita, e me chamou, carinhosamente, de o “rapaz do enquanto”. Quando penso nessa palavra (retirei várias da escrita após essa constatação a fim de evitar vícios de linguagem) várias gradações de possibilidades e significações passam em mim, mas vou tentar me ater a algumas. **Enquanto**, poderia ser uma marca estilística e epistemológica que carrega sentido profundo dentro da própria proposta da tese que sustento e defendo: uma escrita bio:gráfica escreviente não-normativa situada entre o dizer e o ser, o eu e o nós, o individual e o coletivo. Uma escrita de si que retrata a fluidez, o “movimento” temporal e as mudanças em curso que sofri, e sofro, nesse devir.

Assim, me autoproclamo o rapaz do enquanto: uma escolha existencial, ética, estética e política do estar sendo. Na medida em que não fixo, resisto à normatividade. "Enquanto psicólogo", "enquanto sujeito bio:gráfico", "enquanto escreviente" “enquanto professor, gay”

— são formas de não ser apenas um, mas vários; de permanecer em trânsito, entre lugares, entre nomes, entre pertencimentos, entre-mundos. O *enquanto* é a travessia, o entre-lugar que me constitui. É a ética de um eu que se recusa a ser encerrado em identidades totalizantes e totalitárias. Professor, você foi cirúrgico nessa consideração, até pareceu minha analista! Retornemos à indagação anterior: o que você quer defender com essa tese?

Recentemente, cerca de uns 3 meses atrás, em uma apresentação para nosso grupo de estudos em Perspectiva Ecologista da Educação, o Thiago me indagou sobre a mesma questão. Ele, muito sorrateiro que é, aproveita os melhores momentos para me “cutucar”. Fiquei na dúvida de novo, diante de vários colegas de grupo...o que quero defender com essa tese mesmo? Hoje eu consigo responder a isso sem muitos titubeios – quero mesmo é me bio:grafar escrevivendo a jornada do h(eu)rói pela educação, e já não sei se pelas sendas da sexualidade de forma tão específica. Calma, eu explico. Nessa altura do campeonato (e da escrita), e compreensão, metabolização e manipulação da tese, tenho percebido que a sexualidade me perpassa, mas que é uma dentre todas as outras áreas que me compõem. Ela já está embricada na educação de mim, não como ato de normatizar, e sim de compreender e encarnar o que sou. Educar aqui, leia-se, não é disciplinar corpos para que se ajustem a padrões, mas criar condições para que o sujeito se perceba, se reconheça e se reconstrua na relação consigo, com o outro e com o mundo. Esse é o Caminho de Volta com o meu Elixir – o cuidado e educação de mim indo em direção ao Mundo Comum.

Ao deslocar o foco da norma para a experiência, abre-se um espaço educativo que, como propõem Freire (2021), Larrosa (1996) e Winnicott (1971), privilegia a autenticidade e a autonomia. Nesse horizonte, a educação deixa de ser uma forma de enquadramento e se torna um ato de devolução: devolver o sujeito a si mesmo, possibilitando que encontre no próprio percurso o sentido de sua existência.

Tenho me percebido intrigado e até um pouco angustiado se deveria ou não retirar a palavra sexualidade do nome da minha tese. Isso ocorre já no fim da escrita. No início desta jornada, nomeei a sexualidade como eixo da investigação, mas foi na travessia bio:gráfica escrevivente que percebi: a sexualidade não é um tema que se destaca, mas uma força que tudo atravessa dentro e fora de mim. Não se trata, portanto, de estudar a sexualidade como objeto apartado, mas de escrevivê-la como pulso constitutiva da experiência — jamais isolada, sempre emaranhada com os afetos, as pedagogias, os deslocamentos e as violências. Escrever dessa maneira é afirmar uma tese que pulsa com o corpo inteiro, e não com suas partes separadas. Eu sou o que a sexualidade em mim também é. Preciso pensar em como retornar

com tudo isso que apre(e)ndi sobre mim. Falei com o Mentor e orienta-dor por *Whatsapp* mesmo acerca da escolha de retirar do título a palavra sexualidade e ele sinalizou alguns apontamentos. Disse que a sexualidade se encontra costurada do começo ao fim da tese e que isso demarcaria a importância dela. A tese é sim sobre a sexualidade, mas não só. Atestou ainda que a colocar somente nas palavras-chave pareceria pouco, até reducionista.

Pensei, repensei e decidi manter! Sim, mantê-la é também um gesto ético, político e estético com toda minha construção até aqui. Decisões vêm sendo tomadas já aqui perto do fim da jornada.

De acordo com Vogler (2015), nessa etapa da jornada há de se tomar uma decisão psicológica muito séria: retornar ao Mundo Comum ou ficar por aqui, nesse Mundo Especial. Em Campbell (2007) essa etapa é chamada de A Recusa do Retorno. Retornar denota enfrentar o medo de que à luz do Sol, a sabedoria e a magia da Provação possam evaporar. Essa decisão pode ser representada, como apontou Vogler, por uma cena de um comandante cansado discursando para tropas desanimadas ou mesmo uma mãe ou pai reunindo a família após uma morte trágica. Há cansaço, há luta, há peso pelas descobertas e pela jornada que já se fez um tanto quanto longa. Há, ainda, que voltar. O Elixir ainda está aqui para ser compartilhado.

Gostaria de fazer uma digressão sobre a seção anterior, a Recompensa. Se o vivido só é compreendido após os acontecimentos dos eventos, e a existência não se dá no passado, mas no calor vívido do presente, cria-se um belo paradoxo temporal: vivemos no fluxo do instante, mas o sentido se dá, muitas das vezes, é na rememoração do passado. Cirúrgico, profundo. Ernaux (2023) compreende a escrita como faca: instrumento de precisão e coragem capaz de cortar o tecido denso do apagamento e revelar as entranhas da experiência. Esse gesto de corte não é destrutivo, mas cirúrgico: ao abrir a ferida, permite a elaboração, transformando o vivido em experiência compartilhável. Tal como no Caminho de Volta, essa escrita reinscreve o sujeito no Mundo Comum, trazendo como Elixir uma verdade conquistada à custa de atravessar territórios de dor e interdito — e, ao fazê-lo, desloca o individual para o coletivo, cumprindo o movimento próprio das narrativas escriventes. Do eu para o nós, do invisível para o inapagável. Sigo...

Passada a Banca de Qualificação e instigado pelos questionamentos dos membros, pensei: há várias recompensas que são dadas de tantas formas ao longo de nossa trajetória, mas que ao serem deixadas de lado ficam à deriva e somem. Não por serem menos importantes, mas por, normalmente, darmos vazão àquilo que subtrai.

Compartilharei com vocês alguns desses tesouros mágicos que fomentam o meu encanto com a Educação. Ser reconhecido como referência no ato de educar e de mear os conceitos que tangem a sexualidade, a psicologia e o ensino, dá um prazer danado!

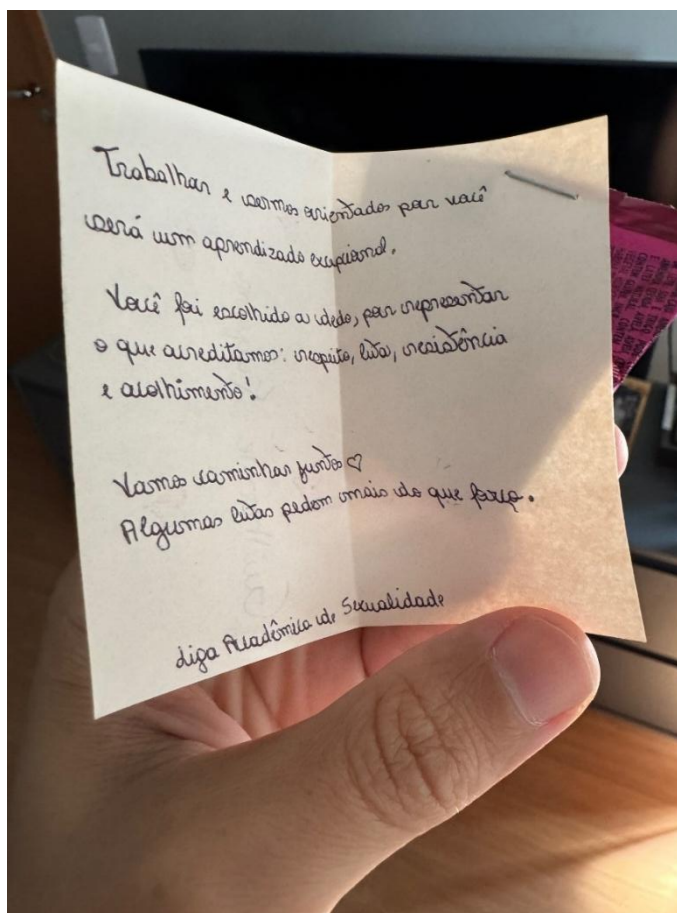


Figura 26: Convite para ser coordenador da 1ª Liga Acadêmica de Sexualidade

Fonte: arquivo pessoal

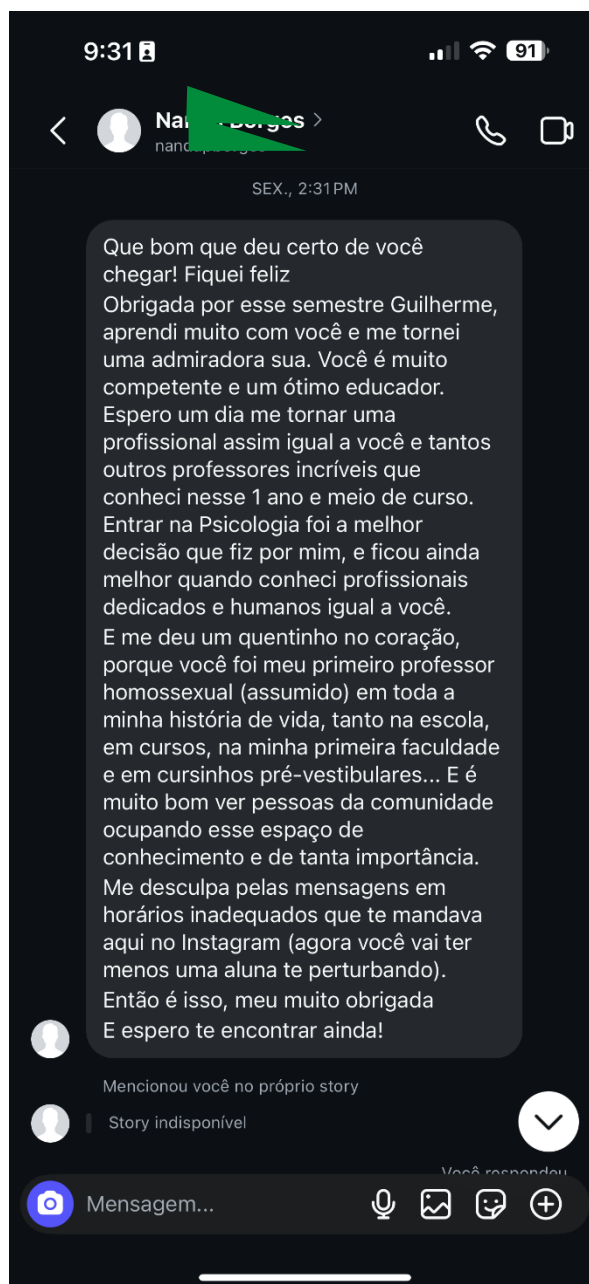


Figura 27: mensagem de uma aluna do 3º período da graduação em Psicologia- 1º semestre de 2025. Fonte: arquivo pessoal

40 - PSICOLOGIA
Questão 12 - Faça aqui suas considerações sobre a forma como o(a) professor(a) conduz a aula e desenvolve os conteúdos durante as aulas?
Ele tem uma excelente didática e comunicação!
Gosto muito do Guilherme!
As aulas são claras, organizadas, mas também discutidas entre os alunos e muito bem compreendidas.
Excelente professor!!
Muito competente, dedicado, dinâmico, alegre.
Demonstra alegria em dar aula e emprega toda sua energia e criatividade para que o aluno possa aprender!!
Um dos melhores professores do curso!!!
Excelente professor: dinâmico, inovador, manejo de aula perfeito, relacionamento harmonioso, ético.
G
O professor Guilherme, responsável pela disciplina Teorias da Aprendizagem, é um excelente profissional, é nítido que ele se programa antes de dar a aula, ele é muito ético, consegue abordar diversos assuntos com respeito e sabedoria.
Tem humildade para ouvir os alunos e tirar dúvidas.
Ele usa muito além da aula expositiva, tem filmes e documentários, faz debates e dinâmicas.

Ele vai muito além da aula expositiva, leva filmes e documentários, faz debates e deixa em aberto para os estudantes expor suas opiniões.

Gosto muito do professor Guilherme e espero ter mais aulas com ele.

41 - PSICOLOGIA

Questão 12 - Faça aqui suas considerações sobre a forma como o(a) professor(a) conduz a aula e desenvolve os conteúdos durante as aulas?

A forma como o professor transmite o conhecimento é exemplar, abrangendo temas com ética e abordagens necessárias.

Visto que, ele nos convida à reflexão durante as aulas, transformando tópicos 'densos' em algo leve e compreensível graças à sua expertise, bom humor e clareza.

Visto que, ele nos convida à reflexão durante as aulas, transformando tópicos 'densos' em algo leve e compreensível graças à sua expertise, bom humor e clareza.

Excelente professor

O professor Guilherme é um ótimo professor, nos ensina de forma amorosa, prestando atenção em cada detalhe para entendermos melhor a matéria.

Ele nos ajuda a termos confiança em nós mesmos durante os seminários e tem uma escuta acolhedora.

Ele é um ótimo professor e eu com certeza faria outra disciplina com ele, sem sombra de dúvidas!

Queria abrir um espaço para mandar um recado para o professor Guilherme: Professor,

Queria abrir um espaço para mandar um recado para o professor Guilherme: Professor, obrigada por todos os ensinamentos e por me acolher de forma amorosa e singela!

Obrigada pela escuta ativa, pelos conselhos e por me guiar na matéria! o senhor é um excelente professor, e espero, do fundo do meu coração, ter aula com o senhor novamente!

Que o senhor continue sendo esse professor incrível e que acolhe os alunos tão bem e que nos ensina de forma extraordinária!

Obrigada pelas suas aulas! o senhor é uma inspiração para todos nós!

OBRIGADA

Figura 28: Avaliação dos docentes pelos alunos – 1º semestre de 2025.

Fonte: retirado do sistema da Uniube - arquivo pessoal

Leio novamente e lágrimas vêm à face. Essas mensagens aconteceram, respectivamente, no final de maio de 2025, e as avaliações realizadas pelos discentes sobre os docentes saíram só no início de junho de mesmo ano. Tudo isso me faz pensar o quão sortudo sou por ter devolutivas tão bonitas como forma de pagamento outra para além do financeiro. O professor pode ter sim, em si, o ato de cuidar do outro como pilar-base do ato de também ensinar, mas talvez não seja encontrado em todos os professores. Isso igualmente foi pontuado na banca de qualificação. Todos os professores cuidam? Todos realmente educam? Mais uma luz vai se acendendo à medida que as reflexões reluzem: acho que sou um professor cuidadoso, talvez não o tempo todo, mas sempre que possível.

Descubro que uma colega de trabalho sairia no final do 1º semestre de 2025. Ao ser questionada sobre o porquê de sua decisão, um outro apontamento valoroso retumba: “não consegui me ver na docência, trabalhei mais de 20 anos no serviço público como psicóloga e me aposentei. Veio o convite para lecionar – não me achei muito aqui. Acho tão bonito vocês jovens e tão dedicados, amorosos e afetados pelo ato de ensinar. Não me achei aqui. Vou vivenciar minha aposentadoria fazendo o que gosto. Continue fazendo o que gosta enquanto faz sentido para você. Vir para a universidade me trouxe vivacidade, inclusive, para poder escolher não estar aqui, e perceber que estou viva”. Uma bela forma de terminar o semestre. Vivo e sentindo. Vivo e educando.

De fato, o Caminho de Volta produz o Terceiro Ato. Esse último, como reitera Vogler (2015), talvez seja outro motivo de crise que colocará o h(eu)rói num caminho novo e final de provas. Seria o ponto de virada, outra travessia de limiar da passagem do Segundo Ato para o Ato Final e derradeiro. Os contos de fadas, usualmente, incluem uma perseguição que envolve uma transformação estranha de objetos, conhecida como FUGA MÁGICA. Em uma história comum, a garotinha sempre escapa das garras de uma bruxa com ajuda de presentes ganhados dos animais que cativou e ajudou ao longo do caminho, jogando-os um a um no caminho, transformando-os em barreiras contra a vilã. O autor sinaliza que um pente se transforma, por exemplo, em uma densa floresta a fim de atrasar a bruxa, ou mesmo uma echarpe preciosa se transforma em um rio cuja água ela precisará beber. A bruxa, aqui, pode ser real ou simbólica, como exemplo: a falta de energia corporal e o desânimo, a desesperança na Educação e o questionamento sobre a permanência nessa área. Há várias bruxas escondidas dentro e fora de nós.

O segundo semestre de 2025 começa e eu me encontro bastante desvitalizado e com preocupações bastantes emergentes: será que darei conta de mais 5 meses nesse ritmo intenso?

A Defesa da tese está por vir. Precisei mudar horários que não estava planejando para atender a universidade onde leciono, e pacientes, antes atendidos em horários mais comuns, agora serão atendidos às 21h de quarta e quinta-feira, pois não existe nenhum outro horário disponível em minha semana. Pergunto-me se esse amor à Educação resiste às debilidades do corpo e da mente. Ainda tenho o Elixir, mas não sinto que ele tem sido suficiente para reenergizar o que se encontra meio mortificado nesse pós-férias de 2 semanas. Perceber-me cuidado de mim e do outro será suficiente?

Em histórias mais recentes, inclusive muito vista em filmes e séries, a Fuga Mágica se apresenta de formas distintas. Vejamos outros exemplos de títulos muito apreciados por mim e que exemplificam bem esse momento. Em *Tudo Em Todo Lugar Ao Mesmo Tempo*, filme ganhador do Oscar de melhor filme de 2022, a personagem principal, Evelyn, após passar por inúmeros multiversos e alcançar uma consciência expandida, precisa retornar à “realidade comum” da lavanderia e da vida familiar — mas agora com o Elixir da aceitação e reconciliação com a filha. Já na aclamada série *The Bear* (2022 – ainda em exibição), ganhadora de vários Emmys (2022-2025), o protagonista Carmy, ao transformar a cozinha do restaurante e alcançar o Elixir de uma equipe funcional e de um espaço que finalmente carrega sentido, precisa voltar ao caos cotidiano — mas algo se perde nesse retorno, há consequências (como a brigas drásticas e o enclausuramento emocional dele).

A tese é, hoje, meu objeto precioso que se transmuta em vários outros objetos à medida que bio:grafo escrevivendo minha jornada como educa-dor. Minha Fuga Mágica é a fuga dos momentos de terrorismo vividos na infância, nas chacotas e apelidos colocados sem minha permissão, nas recusas impostas nos corredores escolares, e nas incontáveis situações vivenciadas dentro e fora dos contextos educacionais que me assolam. Fujo de algumas mensagens de *Whatsapp* vindas de alunos, principalmente aos finais de semana, e finjo esquecer alguns e-mails que sorrateiramente preenchem minha caixa de mensagens incessantemente. Tem horas que é preciso fugir.

A fuga, muitas vezes interpretada de forma simplista como gesto de covardia, pode também ser compreendida como recurso legítimo de preservação psíquica e física. No campo psicanalítico, Anna Freud (isso mesmo, a filha de Sigmund Freud, e que herdou do pai a profissão) identifica a fuga — literal ou simbólica — como um mecanismo de defesa que, diante de situações insuportáveis, visa proteger o eu da desorganização e da sobrecarga emocional. Em *O ego e os mecanismos de defesa*, a autora afirma que “a retirada pode significar a única

maneira de manter a integridade do eu quando a realidade externa se torna ameaçadora” (Freud, 1977, p. 128). Fugir para retornar; esconder para ser achado, afastar para aproximar.

Por outro lado, bell hooks²⁵ (1952-2021), em *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics* (1990), amplia a compreensão da fuga para além do âmbito intrapsíquico, inscrevendo-a em um contexto político e histórico. Para ela, escapar — seja fisicamente, seja por meio da criação de espaços imaginários — pode ser uma tática de resistência diante de sistemas opressores que visam aniquilar corpos e subjetividades. hooks observa que “a recusa em permanecer onde a dor é normalizada não é rendição, mas ato de afirmação da vida” (hooks, 1990, p. 45)

Assim, quando articuladas, as perspectivas de Anna Freud (1974) e bell hooks (1990) permitem entender a fuga não como ausência de enfrentamento, mas como etapa estratégica de uma luta mais ampla: preservar-se para, posteriormente, poder intervir. Nesse sentido, a fuga pode ser lida como movimento que une autoproteção e resistência ativa, conectando a esfera psíquica individual ao campo político-coletivo.

Coincidentemente, essa semana comecei a ver um anime na plataforma Crunchyroll que se chama “O Pecado Original de Takopi” (Taizan5; Ino; 2022). Takopi é um pequeno alienígena vindo do distante planeta *Happy*, carregando consigo uma missão aparentemente simples: espalhar felicidade. Ao chegar à Terra, depara-se com Shizuka, uma criança marcada por experiências de violência, isolamento e solidão. Movido por uma espécie de ingenuidade solidária, Takopi recorre a dispositivos capazes de “voltar no tempo” para tentar corrigir erros e aliviar dores. Shizuka se mata já no primeiro episódio ao não conseguir suportar os horrores do *bullying* vividos na escola. A cada nova tentativa de Takopi reparar um ocorrido com a garota, algo novo se complica — as soluções que imagina acabam produzindo novos desdobramentos, muitas vezes mais dolorosos que o problema original. A narrativa, com sua cadência ora delicada, ora brutal, não apenas narra um enredo de ficção científica, mas tensiona o espectador com questões éticas e existenciais: até onde podemos realmente reparar o passado? E que marcas permanecem, mesmo quando se tem a ilusão de recomeçar? Lembrei de situações ruins vindas da imagem da escola quando criança, mas também percebi o quanto percorri de jornada ao longo desses anos, e como algumas dores dilacerantes vividas no passado são, de forma presente, muito menores e quiçá, agora, inexistentes. Recomeçar não é esquecer.

²⁵ Coloquei o nome e sobrenome da autora em minúsculo em respeito ao que ela reiterou em vários momentos de sua trajetória profissional — colocar em caixa baixa para não focarem em seu nome, pessoa ou identidade, mas enfatizar suas obras. Seu nome aqui é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. Queria, ainda, romper com a hierarquia acadêmica que preconiza a utilização letras maiúsculas ao retratar algum teórico.

Carrego comigo vários objetos importantes que angariei pelo caminho percorrido, e que me são úteis em momentos de sufoco e angústia. Rer todos esses fragmentos enviados pelos alunos semanas/meses após recebê-los, causa outra euforia dentro de mim. Um quentinho quase indizível que escapa à ordem de palavra. Não posso mudar o passado, mas consigo conceber um presente bem menos distópico e doloroso, e, assim, ansiar por futuros melhores e um presente melhor já constatado.

As fugas podem ser entendidas como passos para trás na tentativa de melhor compreender e cuidar de mim, com o objetivo de olhar para frente e poder fazer escolhas sobre como essa jornada pode e deve continuar. Fugir para continuar a transcender a dor em potência e ação. Educar a dor não para negá-la, mas para ascendê-la a patamares de movimento. Quero voltar ao Mundo Comum para comunicar o que aprendi na jornada. Não compartilhar os achados e o Elixir conquistado seria guardar para mim itens muito valiosos, e com risco de não poder ecoar em outros horizontes-jornadas. Germinar para ressurgir. Plantar para brotar. Lembrei-me de um trecho do poema “Primavera” de Cecília Meireles (1998) recitado por Maria Bethânia em um de seus shows, e que diz o seguinte: “A primavera chegará, mesmo que ninguém mais saiba seu nome, nem acredite no calendário, nem possua jardim para recebê-la” (Meireles, 1998, p. 365).

Estou pronto para renascer. A Ressureição se aproxima, e os devires já em curso, também.

Ressureição

“Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos de B. P. Um ensaio corporal. Uma ficção, na verdade. Se for possível levar as coisas ao extremo, é uma ficção autobiográfica.”
(Preciado, 2018, p. 13)

De acordo com Vogler (2015) esse é um dos momentos mais tensos na jornada, pois está costurada em muitos desafios e provações. Embebido pelo livro-ensaio de Paul Preciado (escritor, curador, filósofo, ativista trans, nascido Beatriz Preciado e que ao se transicionar adota o nome Paul Preciado) intitulado “Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica (2018), declaro minha Ressureição. Em seu livro, Paul articula política, fármacos, pornografia e sua própria transição ao iniciar o tratamento hormonal com testosterona

em gel (Testogel) sem supervisão médica e fora de protocolos específicos. Fora da margem e à deriva. Uma escrita densa, visceral, pesada.

Entreteu-me do início ao fim, principalmente por não saber o que era verdade e o que era ficção. Ele sinaliza isso na primeira estrofe do livro – ficção autobiográfica. Em seus escritos, Preciado define seu livro como um ensaio-corporal, substituindo o texto pelo corpo como zona de insurgência e de enunciação. Sinto que o h(eu)rói também vai ressurgindo atravessado pelos afetos e por dispositivos, pessoas, instituições e vivências que o perpassaram, inclinándolo a uma postura de resistência mais ativa.

A fim de entreter e prender o espectador-leitor, o escritor necessita de explicitar as mudanças do herói, e não apenas falar sobre ela, seja na aparência e/ou no comportamento (Vogler, 2015). Um novo h(eu)rói há/hei de surgir, mas não será tão simples assim.

Nós, Buscadores cansados, estamos voltando para a aldeia. Vejam! A fumaça das fogueiras de Nossa Tribo! Apressem o passo! Mas... esperem aí. O xamã aparece para nos impedir de entrar. Vocês estiveram na Terra dos Mortos, diz ele, e parecem ser a própria morte: cobertos de sangue, carregando a carne dilacerada e a pele daquilo que caçaram. Se entrarem na aldeia sem se purificar e se lavar, podem levar daqui a morte de volta com vocês. Vão ter que passar por um sacrifício final, antes de se reunirem ao resto da tribo. Seu "eu" guerreiro tem que morrer, para que vocês possam renascer inocentes para o grupo. Será preciso guardar a sabedoria da provação, mas também se livrar de seus maus efeitos. E depois de tudo o que passamos, amigos Buscadores, vamos ter que enfrentar mais uma prova, talvez a mais dura de todas (Vogler, 2015, p. 195).

Comum encontrar ao longo de histórias e jornadas o momento em que um personagem é batizado em águas, a fim de expiar seus pecados e renovar suas energias, conhecido como batismo por imersão. Para um Novo Mundo – um Novo Eu. Infelizmente me lembrei de várias personalidades bastante controversas que se batizaram nos últimos anos, penso eu, na tentativa de expiar seus pecados, purificar-se e ressurgir NOVO. Ou angariar mais seguidores. Muitos voltam piores. O ex-presidente Jair Bolsonaro, ainda deputado federal, participou de um batismo nas águas do Rio Jordão em Israel, em maio de 2016 (Sakamoto, 2020). A cerimônia foi conduzida pelo pastor e então presidente do Partido Social Cristão, Pastor Everaldo Pereira. Esse ato ocorreu no mesmo dia em que o Senado autorizou o processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, tornando-se um evento altamente simbólico em sua trajetória política. Trajetória esta que pode ter um fim certo em setembro de 2025: prisão. Voltando...

Outro exemplo citado por Vogler (2015) é o de guerreiros enterrados vivos na terra ou mesmo de serem colocados reclusos em uma caverna isolada, a fim de que simbolicamente

possam crescer no ventre da terra, e depois retirados e revividos como recém-nascidos. Ritos de passagem são estabelecidos nesse momento.

Pode-se compreender a Ressurreição como a última avaliação de toda a jornada. Se a Provação Suprema, vivida no Segundo Ato, equivale a um exame decisivo no meio do percurso, a Ressurreição funciona como a prova final, aquela que confirma se o herói assimilou de fato as lições aprendidas. Trata-se de um teste derradeiro, no qual se demonstra, na prática, que a transformação ocorrida é consistente e capaz de sustentar o retorno ao Mundo Comum. Consistência, me dá ideia de algo fixo e que depois de descoberto e vivido ficará por ali, sempre à disposição. Retilíneo, linear, mudado, aprendido e agora NOVO. Ainda não me acostumei com essa ideia de uma mudança tão visceral, por não acreditar em algo que esteja dentro dessa categoria estática da mudança. Verei ao longo da escrita final da tese o que me retumba isso.

O clímax, importante momento dentro desse contexto na história, é o instante em que algo se abre por dentro — não apenas na trama, mas no corpo de quem assiste. Os gregos o chamavam de *catarse* (Dicio, 2025): palavra que, na origem, significa purgar, expelir, limpar. No teatro antigo, não era metáfora: gargalhadas, lágrimas e sobressaltos eram o remédio para os venenos acumulados na vida cotidiana. Assim como se tomavam purgantes para esvaziar o corpo, ia-se ao teatro, em tempos marcados, para esvaziar a alma. Na psicanálise, a *catarse* é o momento em que conteúdos inconscientes emergem, aliviando a tensão e, às vezes, redesenhando a paisagem interna.

Ao receber luz, esses eventos traumáticos podem se realinhar, reduzir ou serem eliminados (Freud; Breuer, 2016). É isso também que uma boa história provoca: um ponto em que herói e público chegam juntos ao ápice da consciência, tocando o máximo de lucidez possível — a verdade se desvela no palco da vida. A *catarse* não é só descarga; é expansão — um salto súbito para um estado de percepção mais ampla, onde se reconhece, ao mesmo tempo, a dor e a potência do que se viveu, e a transformação disso tudo em algo maior.



Figura 29: H(eu)rói ressurge.

Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial.

Esse momento de Ressureição é exatamente como tenho me sentido ao escrever bio:graficamente a minha jornada como educa-dor. Há algumas semanas, o 2º semestre de 2025 começou e fiquei imbuído pela gestão do curso de Psicologia em fazer uma dinâmica de boas-vindas aos professores. Realizei uma atividade que consistia basicamente em explorar o que brotava em cada um dos colegas ao pensar o início de mais um semestre, uma genuína alusão às flores que brotam em períodos específicos. Expliquei em que consistia a dinâmica. Convidei aqueles que queriam se expressar em público a levantar as mãos e compartilhar com os demais colegas suas projeções para esse período.

Um determinado colega, já do meio para o fim da dinâmica, levantou a mão e compartilhou conosco a seguinte experiência: “retorno sempre pensativo, pois não sei se é meu último semestre aqui. Tudo pode acontecer rápido. São muitos os pedidos administrativos e burocráticos, muitos e-mails e muitas exigências. Estou sempre perdido nos prazos e isso me tira muito da energia que poderia ser usada em aulas e na construção do prazer em ser docente. Então, o que brota é cansaço, dúvida e atropelo. As duas semanas de recesso não foram suficientes para que brotasse algo diferente. Difícil algo que brota tão rápido assim.”.

Uma outra colega professora que participou diretamente de uma situação²⁶ de muito horror vivida em Uberaba no semestre passado, também dividiu suas percepções sobre o início

²⁶ Em 8 de maio de 2025, em um colégio particular no bairro Universitário, em Uberaba (MG), uma estudante de 14 anos, foi surpreendida em sala de aula por dois colegas de turma, também de 14 anos, que havia entregado a ela um bilhete com sua “sentença de morte” antes de desferirem golpes com faca contra seu peito. A vítima ainda recebeu atendimento imediato, mas não resistiu aos ferimentos. As investigações indicaram que o crime foi

do semestre e suas apreensões. Um misto de desânimo, cansaço, descrédito e desesperança tomou posse de mim.

Imediatamente, todos os demais professores consentiram com os colegas, e passaram a relatar sentimentos parecidos. Um clima pesado pairou no ar – desânimo, desgaste, decepção, desesperança retumbam de novo dentro e fora de mim. Senti isso há alguns meses e foi diluído com o tempo. Fiquei pensativo, mas em questão de segundos me veio o conceito de inédito-viável de Freire e a tentativa de fazer algo novo e possível diante das situações-limite impostas pela vida. Falei sobre o que tenho aprendido sobre mim e a própria Educação ao escrever a tese, e quis compartilhar os sentimentos bons que têm eclodido ao encontrar esse Elixir e o cuidado de mim.

Os recortes possíveis, viáveis, esperançosos e gostosos sobre o educar, mas que não precisam sobrepor todos os recortes ruins e difíceis desse difícil e custoso labor. contei dos mimos dos alunos no final do semestre, das mensagens finais ditas pessoalmente ou enviadas por outros meios, e do convite para coordenar a Liga de Sexualidade da Uniube, sendo esta, de grande importância para termos um espaço acadêmico e científico para discutirmos temas que tangem a sexualidade. O intento era de mostrar em perspectiva aspectos bons e maus da docência e do retorno à universidade. A moeda tem dois lados.

Um dos intuitos de uma análise é integrar objeto bons e maus para que, a partir da assunção de todos em consonância, possa escolher o que fazer com o que emerge e enxergar a situação de uma maneira mais total e menos parcial. Em Melanie Klein (1882-1960), psicanalista austríaca pós-freudiana, o desenvolvimento emocional envolve a integração entre os objetos bons e maus internalizados. No início da vida, o bebê experiencia o seio materno como um objeto ora satisfatório (bom), ora frustrador (mau), vividos de forma cindida. O amadurecimento psíquico, contudo, requer a passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, em que o sujeito é capaz de reconhecer que o mesmo objeto pode conter aspectos bons e maus, integrando-os. Essa integração permite lidar com a ambivalência, elaborar perdas e tomar decisões mais realistas no mundo externo (Klein, 1996).

Alguns dos colegas professores se sensibilizaram e disseram não conhecer tal conceito de Freire, mas que era um sopro de esperança diante do desgaste sentido de maneira quase coletiva e externalizado ali, naquele momento. Uma colega ao final da dinâmica disse algo interessante: “sei o quanto estamos cansados, mas agradei ontem por poder vir para cá hoje.

planejado, motivado por “inveja”, e contou com apoio de câmeras de segurança, que registraram os fatos. O caso foi registrado como ação pontual, sem relação com *bullying* ou desafios virtuais até o momento.

Gosto do que faço, não romantizando o cansaço e todas as mazelas que cada um de nós carregamos. Mas gosto de vir pra cá, estar em sala e ter os momentos de descontração na sala dos professores com meus colegas também. Estou feliz em voltar e encontrar vocês”.

Ufa! Algo bom também apareceu. Ficou menos pesado, mais possível e com possibilidades de inéditos viáveis aparecerem.

Para Christophe Dejours, médico e psicanalista francês, especialista na psicodinâmica do trabalho, o labor é um espaço de construção de identidade e de saúde psíquica. Sendo assim, o grupo aliado à cooperação pode oferecer ao trabalhador os recursos para enfrentar as contradições, dificuldades e o sofrimento inerentes ao trabalho (Dejours, 1992) em uma elaboração de grupo. O autor afirma que: “O sofrimento no trabalho pode ser transformado em criatividade e prazer quando encontra ressonância e reconhecimento no coletivo” (p. 63). Um grupo pode influenciar positivamente ou negativamente a percepção da vida e do próprio trabalho, atenuando ou intensificando as duas facetas do labor.

A criatividade, aqui, é a possibilidade de trans-formação do que é patogênico e improdutivo ao transformar a dor em sofrimento criativo. O sofrimento criativo para o referido autor é aquele que não vai paralisar e nem adoecer, mas transformar em potência e ação o que lhe adocece (Dejours, 1992). A escrita é um desses feitos que pode transformar dor em potência. Quem aqui nunca falou algo de um superior ou de alguma regra imposta pelas instituições que atuam, e encontrou nos colegas, que também vivenciam sofrimentos parecidos, um acalanto. No contexto da Ressurreição, esses pontos podem aparecer para reforçar que o retorno ao Mundo Comum exige também transformar o coletivo — seja na escola, universidade, local de trabalho e dentro de si, o coletivo que pulsa dentro e fora — num espaço capaz de desconstruir estigmas e curar feridas.

O h(eu)rói não retorna apenas para continuar a mesma rotina, mas para, junto ao grupo, criar novos códigos de solidariedade que devolvem sentido ao fazer docente e à vida. É preciso partilhar com os demais o Elixir que aprendi nessa jornada. Aqui a esperança tem um compromisso trans-form(a)-dor. Ressurgir, voltar, partilhar, todas essas ações, para mim, estão embricadas no ato de esperar: “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria sequer a possibilidade de luta.” (Freire, 1992, p.13).

Ao pensar a tese percebo como esta seção conecta diretamente ao impulso e prova final da Ressurreição — não apenas sobreviver às provas, mas voltar transformado e engajado para continuar lutando. Aprender algo no Mundo Especial é uma coisa. Entretanto, trazer esse conhecimento para casa como sabedoria aplicada, ah...é muito diferente! Sabe aquela expressão

que Santo de casa não faz milagre? Há dias venho sentindo isso, e há semanas venho me apoiando no Elixir e no grupo, inclusive, para atenuar o esse novo-velho cansaço físico e mental nesse novo semestre. Fico, literalmente, assim: “Será que ele mudou sinceramente? Será que vai ter recaídas, ser derrotado por neuroses ou por uma Sombra, no último momento”, aponta Vogler (2015, p. 197).

Não sinto que vivo a última Provação ou que tampouco estou tão transformado que não há a mínima possibilidade de sensações e pensamentos ruins anteriores retornarem sobre as dimensões sexuais e educacionais, ou seja, dessas dimensões que me perpassam. Não. Este retorno não é apenas narrativo — é um gesto político, poético e pedagógico: um novo h(eu)rói que se reinstala no mundo, mas já não é o mesmo apesar de habitar o mesmo corpo; leva consigo essa esperança que faz pulsar o possível, mesmo quando o impossível parece vociferar traquejos maiores. Em um plano mais simples, como escreve Vogler, a Ressureição pode ser o confronto final do h(eu)rói com a morte. É o duelo final com a Sombra ou com o vilão. Eu sou a Sombra e eu sou também o Vilão em vários cenários. O duelo final é comigo. Há também Vilões do lado de fora, aqui, próximo de mim no condomínio que moro, na universidade que leciono, na política, na festa do interior, enfim. Vilões sempre existirão.

O embate do ressurgimento de sintomas físicos e psíquicos que desvelam o cansaço nesse momento que escrevo, estão aqui. Não obstante, saber que há outros cenários, outros objetos, outras possibilidades e outros porvires, me faz esperar, inclusive, por saber que estou na reta final da tese. E que já foi marcada a defesa para outubro (meu Deus!). Escrevo isso e sinto meu corpo pingar. Tenho hiperhidrose e convivo desde adolescente com um suor excessivo. Após anos de aplicação de Botox na axila e utilização de desodorantes com cloreto de alumínio que inibem parte das glândulas sudoríparas a excretarem o suor, fazem com que eu tenha bem menos esses sintomas. Mas...quando me sinto altamente ansioso, elas gritam em forma de SUOR, buscando formas outras de transbordar no corpo o que a mente insiste em não conseguir digerir. Essa tese tem sido escrita às custas de muitas camisetas molhadas. Vai ver tem um efeito catártico também – enquanto escrevivo bio:graficamente a jornada do h(eu)rói, sinto, toco, entro em contato, fujo, reaproximo, escondo e apareço. E aparece o suor também. O corpo insiste em dar passagem, mas hoje, não vejo mais como falha, mas como linguagem vital que expressa o quão vivo estou.

Essa catarse, como bem nos aponta Vogler (2015), é o clímax lógico do Arco do Personagem, utilizado para descrever todas essas etapas graduais da transformação de um

personagem, suas fases de crescimento e os pontos em que muda de direção. Vai além ao postular sobre uma falha comum na mudança desses personagens:

Alguém os critica, eles percebem a falha, e imediatamente a corrigem. Ou então, têm uma conversão do dia para a noite, por causa de algum choque, e mudam por completo de uma vez. Isto até pode acontecer na vida, mas o mais comum é que as pessoas mudem aos poucos, crescendo em estágios graduais, da intransigência para a tolerância, da covardia para a coragem, do ódio para o amor (Vogler, 2015, p.203).

Aqui o teórico expressa bem o que venho sentindo nessas seções finais: o crescimento gradativo e a percepção da transforma-ção da dor em potencial, do medo em coragem, do não-pertencimento em possibilidade e da educa-ção em movimento insurgente, insubordinado e vivo ao escrever minha jornada. Chega o momento da Prova na Ressureição. Normalmente, quando se viaja, traz-se algo para comprovar que esteve por lá, nem que seja um pequeno souvenir. Em muitas histórias já contadas, quando a prova é trazida de um Mundo Especial para um Mundo Comum, ela pode evaporar ou virar outro objeto, tipo: moedas de ouro em folhas secas (Vogler, 2015).

Na Ressureição, não basta dizer que atravessei o Mundo Especial: é preciso provar que lá estive. Essa prova não se mede em medalhas ou títulos, mas no corpo-alma que retorna marcado. A tese, aqui diante de mim e diante de vocês, é o vestígio material da Travessia. Mas mais do que o texto encadernado, a prova está no que aprendi com ele, nas cicatrizes invisíveis que se tornaram palavras escritas ao serem pensadas, sentidas e contornadas. Como Frodo que não volta o mesmo à Comarca em Senhor dos Anéis, trazendo no corpo a ferida que nunca cicatriza, também retorno com as marcas de um caminho que não pode ser desfeito. Como Neo que para balas no ar em um dos meus filmes prediletos, Matrix (1999), minha prova é a capacidade de ver a tessitura oculta das tramas que me atravessam. Enquanto rapaz do enquanto. A prova é esta: escrevi, lutei, sobrevivi — e agora ressuscito, trazendo o Elixir da esperança encarnada em mim.

Retorno com o Elixir

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”
(Arendt, 2000, p. 65).

Se na Ressurreição o duelo foi comigo mesmo, enfrentando minha Sombra e provando que a travessia me transformou, agora é tempo de regressar. Mas o retorno não é um simples voltar: é trazer comigo algo que só se tornou visível ao me distanciar de mim. Como escreve José Saramago, “é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós” (Saramago, 1997, p.32). A escrita da tese foi e tem sido a ilha que precisei deixar para reencontrar o que sou, para observar de fora o território que habito e, assim, regressar com o Elixir — não como alguém intacto, mas como aquele que traz marcas, cicatrizes e esperança transformada em gesto. Uma mudança que não é estanque, mas que deixa registros importantes.

Outro nome dado ao retorno é *denouement*, palavra francesa que significa desatamento ou mesmo desenlace e desfecho (Vogler, 2015). As linhas do enredo de uma jornada são como nós que criam os conflitos e as tensões, mas que anseiam por serem desatados em algum momento. Para o autor, a seção final precisa mostrar ao espectador que algo foi ganhado e que houve transformação. A aventura teve sentido. Em Campbell (2007), o Retorno com o Elixir tem um papel coletivo, e traz os exemplos de Prometeu trazendo o fogo, Buda retornando com o Dharma, ou Moisés trazendo a Lei. A função mítica é assegurar que a aventura não seja egoísta, mas sirva como dádiva universal. O herói não volta apenas para si, mas para partilhar com os outros, como citado no excerto: “O herói retorna da misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios para seus semelhantes. O ciclo completo, portanto, não é apenas pessoal; é social. A missão do herói é conquistar algo para restaurar o mundo” (Campbell, 2007, p. 212).



Figura 30: H(eu)rói retorna ao Mundo Comum com o Elixir.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor por Inteligência Artificial.

Campbell (2007) deixa claro que a função mítica é comunitária: o aprendizado ou o objeto deve regenerar, curar ou renovar a vida da coletividade. O herói, nesse sentido, é mediador — atravessa o limiar do desconhecido e retorna como ponte entre mundos. O herói retorna da misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios para seus semelhantes.

Não acredito que conseguirei mudar o mundo, longe disso. Todavia, me percebo bastante mudado após esses quase 4 anos de escrita e compartilhar com vocês e com outras pessoas que se interessarem por essa jornada é muito aprazível. Freire escreve que “A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.” (Freire, 1996, p. 79). Acredito muito no poder da Educação em transformar pessoas que transformam o mundo. Falo sempre em sala de aula e no consultório – se eu não acreditasse em mudanças e transformações, por menores que fossem, não seria nem professor e nem psicólogo. É preciso esperar para trans-formar. A ausência de espera é o desespero, e normalmente não é frutífero.

Bion (2003) relata que a mente humana nasce com uma capacidade negativa e que o pensamento surge da necessidade de dar forma àquilo que é emocional. A transformação de **elementos beta** (experiências brutas não digeridas, caóticas) em **elementos alfa** (conteúdos simbolizáveis, passíveis de pensamento) é o que nos move ao pensar e elaborar. O verdadeiro conhecimento, para ele, não é acumular certezas, mas suportar a frustração de não saber e tolerar a ambiguidade, até que surja uma nova forma de pensar. Mais cadenciada, organizada e tolerável. É o que tenho feito. Assim: “A capacidade negativa consiste em suportar a ausência de sentido, de explicações e de respostas, sem ceder à pressa de preencher o vazio com certezas

ilusórias.” (Bion, 2003, p. 44). Meu possível desfecho dessa jornada parece mais um oceano em aberto do que um fim com ponto final.

Importante lembrar que é necessário amarrar as pontas das histórias em um desfecho que pode ser mais “fechado” ou circular, comumente encontrado em filmes norte-americanos e na porção ocidental global no geral; ou algo mais “aberto” que é mais comum no cinema asiático e europeu. Aqui a sensação de incompletude reitera mais as perguntas do que respostas. No modelo circular, o herói volta ao ponto de partida e é possível fazer uma comparação entre esses dois momentos – o Primeiro Ato com o Terceiro Ato (Vogler, 2015). Confesso que não me apetece muito esse final não. Viver não é fechado, e os fins não são estanques. A história não termina no ponto final da tese, mas na execução da vida até seu legítimo fim - morte. Vamos de Retorno com “final” aberto?

Alguns escritores preferem um Retorno com final aberto. Desse ponto de vista, a narrativa da história prossegue, mesmo depois de a história ter chegado ao fim — pois continua na mente e no coração do público, nas conversas e discussões das pessoas, num bar ou café, após terem visto o filme ou lido o livro (Vogler, 2015, p. 214).

Ao optar por um final em aberto, deixo a cargo dos leitores ou espectadores que desvelem por si o fim ou conclusão moral. Muitas perguntas não têm respostas, outras sim. Pode-se ansiar por uma surpresa ao fim, como Édipo que descobre que o homem morto era seu pai e que sua esposa era sua mãe. Que horror! Não, esse final precisa ser celebrativo, mas ao mesmo tempo consonante com o desenrolar da narrativa. O que eu quero entregar como Elixir para os outros? E o que isso tem com a Educação?

Em algum lugar da tese cito que o Thiago, Mentor e orienta-dor, perguntou em qual momento da escrita eu superaria a dor e faria disso alguma coisa maior. Ele fez isso algumas vezes aliás, pensando agora melhor. Ele é danado! Penso que é nesse momento que essas guinadas vão aparecendo e os insights vão surgindo. Porém, precisei chegar até aqui para, agora, poder respondê-lo melhor. Não é que a dor some, ela vai ganhando contornos outros e sublimando para outras dimensões mais críticas e ativas em mim. A imagem que me vem é que ao redor dela floresce algo, mas ela permanece como registro e não mais como sintoma. A dor cede passagem ao ato de esperar. Pensei até em outra palavra: **esper-ação**. Uma esperança junto com uma ação de fazer da dor alguma coisa melhor e mais proveitosa, mas que não seja uma obrigação. Segundo a formulação frequentemente atribuída a Jean-Paul Sartre, “não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós” (Pereira, 2022).

Então, a partir do que foi feito comigo, o que posso fazer disso em mim? A resposta é: **esperança**.

Aqui retorno com Freire:

Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Não posso desistir da esperança como não posso desistir da vida. E esta esperança é necessidade ontológica; é ela que me faz caminhar mesmo quando o caminho se mostra difícil (Freire, 1992, p. 8).

Ser esperançoso não quer dizer que a esperança irá brandar o tempo todo dentro de mim. Nem acredito nisso. Entretanto, estar esperançoso, como um estado e não como algo estático, me permite transitar melhor em momentos de maior desesperança e horror, sabendo que o Elixir vive e que compreendo melhor quem fui e quem sou hoje nesse Mundo Comum pós Mundo Especial. Posso encontrar em mim instrumentos internos e externos capazes de me auxiliar a verificar melhor o Mundo Comum. Comum não precisa ser ruim. Saber melhor quem sou e como sou pode me auxiliar a lidar com as desesperanças, inclusive por saber que o grupo e o coletivo podem ter funções vitais para manutenção desses bons instrumentos.

No retorno com o Elixir, compreendo que a esperança não é um ato ingênuo de quem simplesmente deseja, mas o gesto de quem atravessou a dor e dela fez e faz aprendizagem. Byung-Chul Han (2021) lembra que a esperança não surge do vazio, mas da crítica da percepção da negatividade e do reconhecimento da dor. O autor entende que, na sociedade contemporânea, há uma tendência a negar ou evitar a dor, buscando anestesia ou transparência total.

Em outras palavras, narrar é transformar sofrimento em **sentido** (Han, 2017) — e é nesse processo que se abre espaço para a esperança crítica. O vazio pode mostrar elementos que não seriam mostrados na completude — que é, por si só, uma grande mentira vendida pelo próprio sistema. Há dinamismo na dor, “A narrativa não cura a dor como quem suprime um sintoma. Ao contrário, ela a transforma em cicatriz. A cicatriz permanece como inscrição visível, mas deixa de ser ferida aberta. O narrar não apaga, mas dá forma ao sofrimento.” (Han, 2017, p. 8).

Um sofrimento que ganha forma pode ser acessado, investigado, sentido e, assim, possivelmente, suturado. Não há como suturar o que não se sabe onde e porque dói. Encontro na dor e na superação esperançosa dela a promessa de tempos melhores e mais ativos, mas sem medo do trauma de sentir. Para Winnicott, a experiência traumática não se reduz a um evento isolado, mas ao colapso da continuidade de ser diante da falha ambiental. Tal falha impede a

integração da experiência e deixa marcas não simbolizadas, retornando no presente sob a forma de medo. Esse medo, contudo, não se refere ao futuro, mas a um passado não integrado: “o paciente não teme um colapso futuro; teme o colapso que já foi experienciado, mas não integrado” (Winnicott, 1994, p. 70). Assim, o trauma permanece como memória corporal e registro implícito, exigindo a criação de um ambiente suficientemente bom para que o sujeito possa, finalmente, viver o não vivido e inscrever simbolicamente a dor.

Aqui revivo meus traumas, mas de um outro lugar. Um ambiente interno onde é possível reviver e remontar minha jornada sem medo de colapsar; posso finalmente sentir sem medo de não voltar. O medo é memória oculta, fantasma que não se deixa ver, muito menos nomear – se esconde na bruma do silêncio solitário. Se em Winnicott o medo é de reviver o trauma já ocorrido e não integrado, em Han encontramos um sujeito que, diante desse risco, opta pela anestesia. O excesso de positividade descrito pelo autor expulsa a dor e torna o sentir perigoso, pois “o sujeito da performance não pode suportar a ferida do outro. O excesso de positividade anestesia a experiência. A dor é expulsa. A negatividade desaparece” (Han, 2017, p. 15). Nesse entremeio, o medo do sentir torna-se tanto defesa contra a dor passada quanto impossibilidade de abrir-se ao outro no presente. Sem perceber o que se sente, não há abertura para o gesto da esperança. O futuro se torna uma aposta impossível.

Alexandre Coimbra Amaral, psicólogo há mais de 3 décadas, podcaster e escritor, ressalta em seu novo livro “A Esperança a Gente Planta” que a profundidade de um abismo não é só medida em metros, mas em sua capacidade de parir palavras que nos serão preciosas para de lá sair. É necessário ouvir a dor com reverência. Vai além quando escreve que “O direito à vida inclui o direito à escuta do sofrimento. Quando fazemos isso somos úteros de nós. Quando somos precipício, há um eco vindo lá das profundezas, trazendo uma mensagem que ficou oculta demais” (Amaral, 2025, p. 42).

Freire (2011), por sua vez, afirma que a esperança deve ser verbo, um exercício ativo de transformar o mundo. Nesse encontro, a esperança deixa de ser consolo e passa a ser prática: é o Elixir que trago, não para apagar as marcas do caminho, mas para partilhá-las, como força capaz de abrir brechas de futuro. Futuro que transforma pessoas através da Educação de si. Futuro que tolera a incerteza, mas não esmorece diante do possível. Um futuro possível para mim e para vocês. Ao pensar nesse futuro possível, me lembrei de um filme da saga dos *X-Men* que adoro, e que pode ensinar muito sobre a própria vida. Queria compartilhar mais um pouco dos meus gostos com vocês!

Desde sua criação nos anos 1960, os *X-Men* constituem uma metáfora cultural da diferença e do preconceito. Mutantes que nascem com dons especiais, mas que por isso são perseguidos, marginalizados ou compelidos a esconder quem são, refletindo a experiência histórica de grupos discriminados, como negros, judeus, migrantes e, de forma ainda mais nítida nas leituras contemporâneas, as pessoas LGBTQ+. O dilema central da narrativa — assumir a identidade ou disfarçá-la, lutar pela integração ou pela sobrevivência — ecoa a luta dos sujeitos cuja existência desafia a norma social. Ao transformar a marca do estigma em potência de ação coletiva, os *X-Men* encarnam simbolicamente processos de superação, resistência política e reinvenção de comunidade, dialogando com pautas que, ao longo das décadas, encontraram nos quadrinhos e no cinema um espelho alegórico de suas batalhas por reconhecimento.

Essa metáfora da diferença ganha densidade quando articulada ao campo teórico. Freud (2010), em “O futuro de uma ilusão”, lembra que as ilusões não são simples enganos, mas realizações de desejos fundamentais que impulsionam o presente. Ernst Bloch (2005), filósofo alemão que viveu guerras mundiais, o nazismo e exílios, sinaliza em “O princípio esperança”, a esperança como energia do “ainda-não”, força ativa que move a humanidade em direção a futuros inéditos. A esperança, então, não é ilusão vazia: é **energia antecipatória**, que nos coloca em movimento. A arte, a religião e a literatura, para o teórico, revelariam esses ainda-nãos, mostrando futuros possíveis dentro de uma utopia que seria concreta e não ingênua. Destaca que “a verdadeira gênese não está no começo, mas no fim, e só começará quando a sociedade e a existência se tornarem radicais, isto é, quando se lançarem às suas raízes. Mas as raízes do homem são o próprio homem. A verdadeira utopia só começa quando o homem se descobre como sujeito de esperança” (Bloch, 2005, p. 246). Esperançarei.

Nesse exato momento chegou um *pack* de cervejas pedido por app, meu namorado vê um jogo de tênis na TV e pedimos espeto pelo delivery para não precisarmos sair e eu continuar a escrever. Acredito que amanhã eu conclua a escrita, revise e entregue para o Thiago. Faltam dois meses e um dia para a defesa. Ontem foi dia de Nossa Senhora da Abadia, e minha finada avó Maria, era muito devota. Pensei nela o dia todo com bastante saudade. Por alguma outra força que não me fez lembrar, no dia 17 de outubro é aniversário da minha outra avó, a Arlete. Descobri sem querer quando falei para o meu pai sobre a data da Defesa e ele me revelou surpreso sobre a escolha. Talvez não fosse coincidência mesmo.

Retomando sobre os Elixires, os melhores deles são os que trazem consciência ao herói e à plateia. Ele pode ser o Elixir do Amor, o Responsável, o Trágico e até aquele triste onde o herói percebe que se tornou mais triste, porém mais sábio (Vogler, 2015). Ao ler as tecituras

finais da última etapa proposta por Vogler e por Campbell, percebo que o meu Elixir tem todas essas facetas. Tem amor, porque sem ele, nem aqui estaria. Amor por mim e por aqueles que estão ao meu redor, principalmente à minha verdade e a verdade do outro em ser quem se é de forma incondicional. Amor pela vida e pela própria Educação. Amor por beber em todas as fontes e acreditar na pluralidade epistêmica de escrever.

É um Elixir responsável, pois, ao me desnudar aqui, tomo ciência de mim e do cuidado de mim ao longo de todos esses anos – da infância, adolescência até a vida adulta enquanto pesquisador/professor/psicólogo/gay. Tomo ciência também do cuidado com o outro, e percebo o quanto cuidadoso sou na minha arte de educar. É Elixir responsável porque também percebo várias outras pessoas que passaram por mim – ajudando ou dificultando a minha transformação. Mas é minha a responsabilidade de fazer de tudo que escrevi bio:graficamente algo genuinamente meu. É uma tese de interseccionalidade viva, onde amarro, costuro, evidencio, adesivo, recuo e retorno imbuído de vários meios e instrumentos que sinalizam partes de quem sou. Partes do que faço e de quem já fui e não sou. Partes do enquanto – enquanto possibilidade. Enquanto rio e não pedra. Enquanto dor e esperança. Enquanto vida e morte, começo e fim.

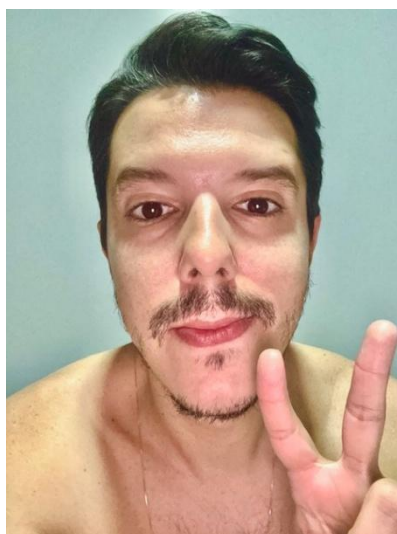


Figura 31: H(eu)rói termina a Tese e se mostra como personagem real.
Fonte: imagem criada pelo próprio autor SEM Inteligência Artificial.

Essa tese não precisa ser árvore rígida, mas rizoma fértil e pulsante em direção aos eternos devires de nós. Nunca rígido, sempre permeável, nunca lisa, mas porosa. Educar é ir além das teorias e epistemes conhecidas, é arte tragicômica transposta no ato humano que envolve corpo e mente, afeto, dor e esperança. Esperança ativa, não ingênua e pueril que tudo espera sem demarcar seu próprio percurso. É espera em movimento. É político, pedagógico,

subalterno e resistente em tempos tão normatizados. Escrever é narrar tudo aquilo que sempre pensei e não pude colocar em escrita. Diáspora de mim em busca de um eu mais integrado em múltiplas experiências e jornadas.

Se este Terceiro Ato se mostra mais breve, é porque também o corpo que escreve já não sustenta o mesmo fôlego do início. O orienta-dor até revelou isso em nosso último encontro: “Gui, esse último Ato parece mais sem fôlego, a banca pode reconhecer isso”. Fiquei com receio naquela hora de parecer cansado. Talvez agora que sinalizei essa desvitalização em meu derradeiro Ato, a banca perceba. Talvez percebesse sem mesmo que eu precisasse demarcar esse acontecimento. Talvez não fosse perceber. Mas essa é a minha verdade no momento – estou mesmo cansado. Reconheço nesse esgotamento uma verdade do processo: toda jornada pede energia inicial, mas o retorno pede aceitação, uma respiração mais curta. Esta concisão é também fidelidade ao humano que escreve. Estou cansado, mas feliz pelo que construí nesse tempo.

O Elixir desta tese é a reafirmação de que a Educação se alimenta das vidas que ousam narrar-se e *escrevi-VER-se*. Eu me vejo aqui em cada linha, palavra e estrofe. É a escrita de si como gesto político contra o epistemicídio de mim e de nós, e como esperança crítica que transforma sujeitos — e, por meio deles, trans-forma o mundo. Não uma mudança por decreto, mas por desejo. Os fantasmas do passado não precisam mais assombrar o presente, podem ser convocados a fazerem parte dessa jornada como parte latente dela mesma. A percepção do que é triste, desesperanço e vazio, não precisa nos lançar ao limbo do isolamento e do desamparo, mas à possibilidade de encontro que os furos e cicatrizes podem nos proporcionar por meio das brechas que surgem.

Pensei aqui em propor uma síntese transformacional de quem entra no Programa de Pós-graduação em Doutorado e quem sai como futuro (espero eu!) Doutor. No início da jornada, parti como pesquisa-dor atravessado por dores de exclusão e por um desejo intenso de pertencimento, carregando também a dúvida sobre a legitimidade de narrar a mim mesmo como objeto científico. O retorno, entretanto, mostra um h(eu)rói transformado, que assume a escrita de si como gesto ético, estético e político. Nesse percurso, adquiri competências que se consolidam como parte do elixir: a escuta radical – inspirada em Bion, “sem memória e sem desejo” –, a coragem epistêmica de sustentar o próprio lugar de fala e a capacidade de traduzir sofrimento em linguagem e proposta pedagógica.

O Elixir que trago se manifesta também em princípios que orientam o fazer educativo. Em primeiro lugar, o reconhecimento da **dignidade do corpo** como território de saber e

cuidado, e não como objeto de controle e sujeição. A esse princípio soma-se a **desejabilidade do saber**, na linha freiriana de que ensinar é prática de liberdade e não obrigação. Incluo ainda a **escuta sensível e analítica na escola e demais espaços educacionais**, que sustenta a palavra do outro sem apagá-la, permitindo que cada narrativa singular tenha lugar. No horizonte político e decolonial, o **antirracismo e o combate à LGBTfobia** ou a qualquer minoria social que se encontre em fragilidade se impõem não apenas como temas de aula, mas como método transversal de toda prática pedagógica. Finalmente, o **cuidado de si e entre nós** traduz o gesto de educar como hospitalidade e reconhecimento mútuo.

É nesse convite à partilha que repousa a contribuição desta tese à Educação — não como fim, mas como gesto de abertura para que outros h(eu)róis sigam suas próprias travessias e encontrem, se possível, o Elixir de si. E partilhem.

O que sobrevive em mim é o mesmo que educa e cuida em mim.

EPÍLOGO: agenda de um futuro possível

O retorno também se projeta em uma agenda de continuidade. No campo da formação docente, vislumbrei a criação de oficinas narrativas escrevientes em cursos de licenciatura ou mesmo pós-graduações na área de Educação (que não leciono, mas que é um desejo) e de Psicologia. Em termos de currículo, defendo a incorporação da escrevivência como metodologia transversal ao abordar gênero e sexualidade, inclusive, levarei essa construção para a Liga de Sexualidade que tem, por intento, estar adensada em todos os cursos da área de saúde da universidade que sou professor.

Nas políticas públicas, proponho articular narrativas e dados empíricos para subsidiar ações de secretarias de educação em prol da diversidade. A clínica-escola aparece como espaço fértil para grupos de escrita e fala que funcionem como dispositivos terapêutico-pedagógicos. E, no campo da pesquisa, proponho expandir o caráter rizomático da tese, conectando narrativas negras, indígenas, trans e periféricas em redes de investigação e produção compartilhada.

Sobre o que será de mim na defesa e pós-defesa, isso só poderá ser escrito a partir das vivências... *a posteriori* do que vivi no presente.

Um até mais então!

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: ABRAHÃO Maria helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 149-170, 2006.
- AFONSO, Selene Bevilacqua. C.; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 9, p. 2729–2732, set. 2013.
- AGUALUSA, José Eduardo.
Teoria Geral do Esquecimento. Publicações Dom Quixote, 2012.
- AINDA ESTOU AQUI**. Direção: Walter Salles. Produção: RT Features, VideoFilmes, Globoplay, Mact Productions, Conspiração Filmes, Arte France Cinéma. Brasil, 2024.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575–585, 2001.
- ALVES, Nilda. SOBRE MOVIMENTOS DAS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS. **Revista Teias**, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 8 pgs., out. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967>>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.
- AMARAL, Alexandre Coimbra. **A esperança a gente planta**. São Paulo: Paidós, 2025. 192 p. ISBN 978-85-422-3018-5.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014. v. 5. ISBN 978-85-8271-089-0.
- ARAÚJO, Manoel de Souza; GONÇALVES, Rafael Marques. Uma Conversa No Cotidiano Escolar No/Do Ensino Médio, Currículos Pensadospraticados E Movimentos De (Re)Existência . **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 592–602, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n3.52791. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/52791>. Acesso em: 04 set. 2024.
- ARAUJO, Márcia Moreira de; BARONI, Patrícia; FUNDÃO, Renato; LIAO, Tarliz. Reflexões que tramam a teoria de Nilda Alves: pensar os cotidianos, produção de sentidos, redes educativas e artefatos nos cotidianos. **Revista Educação Pública**, v. 13, n. 13, 2013. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/13/reflexotildees-que-tramam-a-teoria-de-nilda-alves-pensar-os-cotidianos-produccedilatildeo-de-sentidos-redes-educativas-e-artefatos-nos-cotidianos>>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

As revelações do estudo que descartou o 'gene gay'. BBC NEWS BRASIL, 30 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49523102>. Acesso em: 20 out. 2024.

BANDURA, Albert. **Social Learning Theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1977.

BARRETO, Raquel de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Pádua; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPÉ.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 47–60, jan./mar. 2020. DOI:10.1590/1679-395174655

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 7 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 7 set. 2025.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 jan. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4275/DF. Direito à identidade de gênero. Alteração de prenome e gênero no registro civil sem necessidade de cirurgia de redesignação sexual ou decisão judicial**. Relator: Min. Marco Aurélio. Julgamento em 01 mar. 2018. Diário da Justiça Eletrônico, Brasília, DF, 15 mar. 2018. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=2594314>. Acesso em: 7 set. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 237, de 26 de junho de 2018. Dispõe sobre a retificação do registro civil de pessoas transexuais e/ou travestis**. Diário da Justiça da União, Brasília, DF, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2018/06/Resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-237-de-26-de-junho-de-2018.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

BION, Wilfred. **Atenção e interpretação**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BION, Wilfred. **Aprender com a Experiência**. Tradução de Paulo Dias Correa. São Paulo: Imago, 2003.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. 3 v. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. Para que serve a psicanálise?. Folha de São Paulo, 26 ago. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2608201022.htm>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 343–349, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARTWRIGHT, Mark. **The Textile Industry in the British Industrial Revolution**. **World History Encyclopedia**, 1 mar. 2023.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília, DF: UNESCO, 2004. 426 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

CASTRO, Sumaya Pimenta; MALAVASIM, Abigail. A relação da pedagogia da autonomia de paulo freire com a prática docente no contexto educacional. **E-Mosaicos**, v. 6, n.13, p. 105-111, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/download/30808/22844/105908&ved=2ahUKEwiGk-Lg3uWJAxV7q5UCHWZ1FDoQFnoECBUQAQ&usq=AOvVaw3sapx2U-ctQhnunA8d-ZjG>. Acesso em 24 jul. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONFORMAR. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conformar/>. Acesso em: 04 maio 2024.

COSTA, Luiz Arthur. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. spe, p. 551–576, 2014.

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 1, p. 161–167, jan. 2004.

CRISE. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/crise/>. Acesso em: 04 maio 2024.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Sueli Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papirus, 1991.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Juarez G.; MENDONÇA, Carlos Magno C.; MEDEIROS, Ettore S. Mosaico da viadagem: disputas e conflitos em torno de uma textualidade performático-midiática. **Esferas**, n. 20, p. 45-62, 4 jun. 2021.

DINIS, Nilson Fernandes; CAVALCANTI, Roberta Ferreira. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pro-Prosições**, Campinas, v.19, n. 2, Aug. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 jun. 2023.

DOBRANSZKY, István de Abreu; REY, Fernando Luis González. A produção de sentidos subjetivos e as configurações subjetivas na especialização esportiva. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-18, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452008000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 fev. 2023.

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023. 240 p. ISBN 978-65-84568-54-9.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. São Paulo: Editora Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **A Hermeneutica do Sujeito**: Curso Dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, v. 2)

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio** (1908 [1907]). In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 9: O delírio e os sonhos na Gradiva de Jensen, e outros trabalhos (1906–1908). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 131–143.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 1917/2011.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1923/2012.

FREUD, Sigmund. **O Estranho (Das Unheimliche)**. In: FREUD, Sigmund. Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2012.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2012

GALLO, Silvio. **A Educação Menor**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GAZETTE, R. **Genetics may explain 25% of same-sex behavior, giant analysis reveals**. Science, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.science.org/content/article/genetics-may-explain-25-same-sex-behavior-giant-analysis-reveals>. Acesso em: 20 out. 2024.

GAY, Peter. **Freud: Uma Vida para Nosso Tempo**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GÓMEZ, José M.; GONZÁLEZ-MEGÍAS, A.; VERDÚ, M. The evolution of same-sex sexual behaviour in mammals. **Nature Communications**, v. 14, n. 41290, 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-023-41290-x.pdf>. Acesso em: 04 maio 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2021

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

IBDFAM. **Norma do CNJ que permite casamento civil homoafetivo completa 10 anos em 2023**. Notícias IBDFAM, 18 maio 2023. Disponível em: <https://www.ibdfam.org.br/noticias/10797/Norma%2Bdo%2BCNJ%2Bque%2Bpermite%2Bcasamento%2Bcivil%2Bhomoafetivo%2Bcompleta-10-anos-em-2023>. Acesso em 10 jun. 2022.

JORNAL DA MANHÃ. **Inquérito policial aponta vereador Eloísio Santos como autor de atropelamento de cachorro**. JM Online, Uberaba, 8 jul. 2022. Disponível em:

<https://jmonline.com.br/policia/inquerito-policial-aponta-vereador-eloisio-santos-como-autor-de-atropelamento-de-cachorro-1.222024>. Acesso em 05 jul. 2024.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos: Um Estudo da Psicologia Analítica**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Rio de Janeiro: Imago, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2013b.

KAISER, J.. **Genetics may explain up to 25% of same-sex behavior, giant analysis reveals**. Science, 29 ago. 2019. Biology. Disponível em: <https://www.science.org/content/article/genetics-may-explain-25-same-sex-behavior-giant-analysis-reveals>. Acesso em 05 out. 2024.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de J. de Mendonça. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**. Tradução de Álvaro Valls. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Trad. de Paulo Menezes. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1985.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LANE, Silvia T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 10–19

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARROSA, Jorge. **Narrar-se: Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1996.

LEGIÃO URBANA. **Tempo Perdido**. In: Dois. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1986. 1 disco sonoro.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação**. São Paulo: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. “Pedagogias da sexualidade”. In: _____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a Educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira. **Um Corpo Estranho: Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 577-591, set. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2024. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-05>.

MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. *A demanda do Santo Graal: o manuscrito de Heidelberg*. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, p. 453–458, jan. 2017.

MAIO, Eliane; OLIVEIRA, Marcio; PEIXOTO, Reginaldo. Formação em gênero e educação para a sexualidade: considerações acerca do papel da escola. **Revista Nupem**. Maringá, v. 10, n. 20, p. 51-62, mai/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/view/5566/3591>. Acesso em: 9 ago. 2024.

MARRA, Leticia. **Vereador Eloísio dos Santos é denunciado por homofobia e transfobia**. JM Online, 18 dez. 2022. Disponível em: <https://jmonline.com.br/policia/vereador-eloisio-dos-santos-e-denunciado-por-homofobia-e-transfobia-1.206416>. Acesso em 20 ago. 2024.

MEIRELES, Cecília. Primavera. In: **Obra em prosa – Volume 1**, p. 366. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MELO, Henrique Furtado De; GODOY, Maria Carolina De. (Re) tecendo os espaços de ser: Sobre a escrivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. De volta ao futuro da língua portuguesa. **Atas do V SIMELP-Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**, p. 1285-1304, 2017.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da Língua portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ideologia/>. Acesso em 20 ago. 2024.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa. Projeto de Lei nº 24.909, de 2021. Dispõe sobre diretrizes para políticas públicas relacionadas à identidade de gênero no Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: ALMG, 2021. Disponível em: <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=Lefest>. Acesso em: 04 maio 2025.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: Editora LTC, 2022.

MOURA, Fernanda P. de. **“Escola Sem Partido”: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de história**. 189 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

NASCIMENTO, Milton. Eu pescador de mim. In: **Caçador de mim**. [S.l.]: Ariola, 1981. 1 disco sonoro (LP, 33 1/3 rpm), estéreo.

NEALE, Benjamin et al. Large-scale GWAS reveals insights into the genetic architecture of same-sex sexual behavior. **Science**, v. 365, n. 6456, p. 882-885, 2019. Disponível em: [Science](https://www.science.org). Acesso em: 04 maio 2025.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Conceição. Pesquisas nos/dos/com os cotidianos: como pensamos os projetos, os sujeitos e as experiências em educação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 3, n. 2, p. 176-188, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/13663>. Acesso em 22 out. 2024.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 13–33.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. **Nova Escola**, São Paulo, n. 91, p. 28–31, 1995.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. A Prática Espinosana de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 2, p. e81521, 2019.

OLIVEIRA, Lucas Samuel. O Termo ‘veado/Viado’ em Duas Comunidades Linguísticas: Diferentes Sensações de sentido na perspectiva da Teoria Queer e da semântica cultural. **Revista Consciência. Belo Horizonte**. Acesso em 09 nov. 2024. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/viewFile/18144/1125613935>. Acesso em: 22 out. 2024.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Burnout: um fenômeno ocupacional. Classificação Internacional de Doenças - 11ª Revisão (CID11)**. Disponível em: <<https://www.who.int/news/item/28-05-2019-burn-out-an-occupational-phenomenon-international-classification-of-diseases>>. Acesso em: 26 out. 2024.

PEREIRA, Felipe. **Conservadores quebram acordo e aprovam em comissão proibir casamento gay**. Política. Brasília, 10 out. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/10/10/comissao-da-camara-dos-deputados-aprova-projeto-que-proibe-casamento-gay.htm>. Acesso em: 05 out. 2024.

PEREIRA, Marcus A.; CARVALHO, Ernani. Boaventura de Sousa Santos: por uma nova gramática do político e do social. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 73, p. 45–58, 2008.

PEZZOLO, Dinah B. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. 5a edição. São Paulo: SENAC, 2017.

PINO, Angel. **As Marcas do Humano**. Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. 01. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PINTO, Elaine Cristina de Oliveira; MAIO, Eliane Rose. **Gênero, Sexualidade e Educação Sexual: Formação Docente e Currículo**. [s.l.], maio 2024. Artigo apresentado na disciplina “Corpo, Gênero e Sexualidade”, curso de Pedagogia (EAD), Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <https://dfe.uem.br/elainecristinadeoliveirapinto.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PHILLIPS, Adam. **Sobre Desistir**. Tradução Breno Longhi. São Paulo: Editora Vozes, 2024.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. ISBN 978-85-66943-53-5

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar**. 2009. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

PROENÇA, Eder Rodrigues. Bio:grafias e produção de diferenças no cotidiano escolar: uma reflexão sobre sexualidades a partir do cinema. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 200 – 220, set./dez. 2015.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Pedagogia do Subterrâneo: Narrativas Trans, Éticas, Estéticas e Políticas dos e nos Cotidianos Escolares**. 2017. 345f. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2017.

REIGOTA, Marcos. Da etnografia às narrativas ficcionais da práxis ecologista uma proposta metodológica: uma proposta metodológica. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 25, n. 1, p. 35–60, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4239>. Acesso em: 17 nov. 2024.

REIGOTA, Marcos; PADRO, Bárbara Heliodora Soares do (Orgs.). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & sociedade**, v. 38, n. 138, p. 09–26, jan. 2017.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Em: *Questões Feministas*, 1980.

RIZZO, Luiza; FONSECA, Tania Mara Galli Da. O acontecimento patchwork: um modo de apreender a vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 139–148, jan. 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papirus Editora, 1995, tomo II.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RUBEM, Alves. “Eu cheguei onde cheguei porque tudo que planejei deu errado...” In: **EU MAIOR** [documentário]. Direção de Fernando Schultz e Paulo Schultz. Brasil: Associação Dobem, 2013. Disponível em: *YouTube: “EU MAIOR entrevista com Rubem Alves”*. Acesso em: 30 ago. 2025

SAKAMOTO, Leonardo. **Acusado de corrupção, Pastor Everaldo batizou Bolsonaro e Wilson Witzel**. UOL Notícias, São Paulo, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/28/acusado-de-corrupcao-pastor-everaldo-batizou-bolsonaro-e-wilson-witzel.htm>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANTANA, Gean. **Instituições de ensino são espaços violentos e excludentes para pessoas trans e travestis**. ADUFS-BA, 2024. Disponível em: <https://www.adufsba.org.br/noticia/5557/instituicoes-de-ensino-sao-espacos-violentos-e-excludentes-para-pessoas-trans-e-travestis-gean-santana>. Acesso em: 20 out. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum**. Vol. 1. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Jácia Maria Soares dos; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. A Transferência no Processo Pedagógico: Quando Fenômenos Subjetivos Interferem na Relação de Ensino-Aprendizagem. **Revista do NESEF**, v. 10, n. 2, p. 123-135, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/50163161/O_Cuidado_De_Si_Atravessamentos_Na_Educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 07 set. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. São Paulo: Editora Vozes, 2003.

SEIXAS, Raul. *Metamorfose ambulante*. In: **Krig-ha, Bandolo!**. [S.l.]: Philips, 1973. 1 disco sonoro (LP, 33 1/3 rpm), estéreo.

SCHLIEMANN, Ana L.; SOUZA, Giovana. L. de; FIGUEIREDO, Isabella V. Preconceito e saúde: uma relação que precisa ser cuidada. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, São Paulo, v. 22, n. Supl., 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/51572>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SCHMITZ, Beto. Mortes Violentas LGBTQ+ Brasil: Observatório do Grupo Gay da Bahia 2023. **Dossiê Assassinatos LGBTQ**, 19 jan. 2024. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2024/01/19/2023-de-mortes-violentas-lgbt-no-brasil-ggb/>. Acesso em 17 out. 2024.

SILVA, Cristiane A. Fernandes da. Sentidos sociais da arte têxtil em patchwork: as mulheres, a natureza e a casa. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 30, p. e33, 2022.

SILVA, Gustavo Vieira da; LIMA, Andrea de Alvarenga; BARBOSA, Nadja Nara. Sobre os conceitos de verdadeiro self e falso self: reflexões a partir de um caso clínico. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 113-127, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 nov. 2024.

SILVA, Queiti Cristina Pereira; SANCHES, Carmen Silva. A NARRATIVA-ESCREVIVÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA POLÍTICA. **Periferia**, [S. l.], v. 15, p. e73399, 2023. DOI: 10.12957/periferia.2023.73399. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/73399>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SILVA, Uilames Lazaro Da. et al.. PsicoQuilombologia: Escrivivência de uma Psicologia das Encruzilhadas em Tempos Pandêmicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e257126, 2023.

SILVINO, Alexandre Magno Dias. Epistemologia positivista: qual a sua influência hoje?. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 2, p. 276–289, jun. 2007.

SINEK, Simon. **Juntos é Melhor**. São Paulo: Leya, 2016

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, nº 73, p. 287-305, jan./fev. 2019.

SOUZA, Kelmes Holanda de. O cuidado de si na perspectiva de uma educação para a autonomia. **PRISMA - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 93-110, 2020. Disponível em: [//periodicos.ufam.edu.br/index.php/prisma/article/view/8285](http://periodicos.ufam.edu.br/index.php/prisma/article/view/8285). Acesso em: 07 set. 2024.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008.

SUGDEN, Keith; COCKERILL, Anthony. **The Wool and Cotton Textile Industries in England and Wales up to 1850**. Cambridge, 2017

SVENTSITSKAYA, Elina. A concepção da palavra em Mikhail Bakhtin no contexto da crítica literária contemporânea. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, n. 4, p. 8-26, out. 2020.

TAIZAN 5; INO, Shinya. **Takopi's Original Sin** [anime]. Minissérie (6 episódios). Japão: Enishiya Studio; TBS Television; Crunchyroll (licenciador). Estreia: 28 jun. 2025; término: 2 ago. 2025. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com/series/GKEH2G0X4/takopis-original-sin>.

TESTONI, Marcelo. **Sapatão, bicha, viado: os possíveis motivos para chamarem LGBTs assim**. Universa Uol, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/24/sapatao-bicha-viado-os-motivos-possiveis-para-chamarem-lgbts-assim.htm>. Acesso em: 10 out. 2024.

THE BEAR [O Urso]. Criação: Christopher Storer. Estados Unidos: FX Productions, 2022-. Série de TV (comédia-dramática). Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-05eb6a8e-90ed-4947-8c0b-e6536cbddd5f>

TORRES, Marco Antônio; SARAIVA, Izabella M. Martinho; GONZAGA, Rubens Modesto. Sexualidades no contexto escolar: violência ética e disputas por reconhecimento. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. e250049, 2020.

VELOSO, Caetano. Dom de Iludir. In: **Totalmente Demais**. 1986.

VICENTIN, Marcelo. O cuidado de si: atravessamentos na educação. **Revista do NESEF**, v. 10, n. 2, p. 123-135, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/50163161/O_Cuidado_De_Si_Atravessamentos_Na_Educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 07 set. 2024

VIEIRA, Leticia Lima; LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de. Sublimação e a escrita criativa: aproximações com Virginia Woolf. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 52, n. 97, p. 67-82, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352019000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 nov. 2024.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Escritores**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ZIMMERMAN, David E. **A Relação Continente-Contido: O Modelo Continente-Contido e Outros Conceitos e Suas Possibilidades de Compreensão**. São Paulo: Editora, 2004.